

# **RELATÓRIO DE ESTÁGIO DO ENSINO DA PRÁTICA PEDAGÓGICA SUPERVISIONADA**

---

**Mafalda Cabral Lopes Sant'Ana**

Provas destinadas à obtenção do grau de Mestre para a Qualificação para a  
Docência em Educação Pré-Escolar e 1º Ciclo do Ensino Básico

---



INSTITUTO SUPERIOR DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS  
Fevereiro de 2012

INSTITUTO SUPERIOR DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS  
Unidade Científico Pedagógica de Ciências da Educação

Relatório de estágio no âmbito do 2º Ciclo de Estudos

**RELATÓRIO DE ESTÁGIO DO ENSINO DA PRÁTICA  
PEDAGÓGICA SUPERVISIONADA**

Autor: **Mafalda Cabral Lopes Sant'Ana**

Orientadora: **Mestre Maria de Fátima Santos**

Fevereiro de 2012

“Educar é conseguir que a criança ultrapasse as fronteiras que, tantas vezes, lhe foram traçadas como destino, pelo nascimento, pela família ou pela sociedade. Hoje, a realidade da escola obriga-nos a ir para além da escola.”

António Nóvoa

## **AGRADECIMENTOS**

Gostaria de agradecer em primeiro lugar às minhas supervisoras, Mestre Fernanda Rodrigues e Mestre Maria de Fátima Santos, pela enorme disponibilidade, exigência e rigor com que realizaram a supervisão a nível pedagógico e didáctico, dando desta forma um enorme contributo para o meu crescimento, quer profissional, quer mesmo a nível pessoal.

As docentes cooperantes, Educadora Emília Cabral e Professora Maria Fernanda Martins, representaram para mim exemplos de grande profissionalismo, que através de uma atitude regular, de crítica construtiva, disponibilidade e acompanhamento permanente, ajudaram na construção da minha identidade profissional.

Na elaboração deste relatório foi fundamental o apoio do Professor Doutor Nuno Amado, cuja disponibilidade e rigor permitiram concluir esta etapa com sucesso.

Às professoras Mestre Amélia Mestre, educadoras dos meus filhos, Ema Simões e Mafalda Pereira, às colegas Andreia Francisco, Lucrécia Santos, Elizamar Freitas e Margarida Prazeres que o longo da licenciatura e também do mestrado, foram essenciais na motivação para prosseguir e alcançar o meu objectivo, a nível pessoal e também profissional, partilhando experiências, apoiando nas decisões e nos momentos de insegurança.

À minha mãe que já não está presente, mas que sempre muito me apoiou e continua a ser o meu maior exemplo de auto-superação e de positivismo.

Ao meu marido, Eduardo e aos meus quatro filhos: João, Gonçalo, Carlota e Gabriela que são uma verdadeira e deliciosa inspiração para a minha vida.

Aos alunos dos 3 anos do Colégio Planalto Infantil, da sala da Educadora Mila, e às alunas do 1ºB do Colégio Mira Rio. Agradeço a estes alunos pela experiência profissional que me proporcionaram e me levaram a descobrir a vertente da profissional que quero ser.

## **RESUMO**

O presente relatório de estágio do Ensino da Prática Pedagógica Supervisionada tem por base a apresentação dos estágios curriculares realizados nas valências de Educação Pré-Escolar e do 1º Ciclo do Ensino Básico, na sequência da realização do respectivo Mestrado de Qualificação para a docência. Ambos os estágios decorreram em instituições particulares, sem fins lucrativos, pertencentes à Cooperativa Fomento de Centros de Ensino.

O estágio na valência de Educação Pré-Escolar decorreu no Colégio Planalto, em Lisboa, com uma turma na faixa etária dos 3 anos, ao longo de 2 manhãs por semana dos dois semestres ano lectivo 2010/2011. No âmbito deste estágio foi feita uma caracterização inicial da instituição, do meio e do grupo, que serviram de base à elaboração de um plano curricular anual que norteou a prática pedagógica ao longo do ano. Na sequência de uma dificuldade detectada no estágio, que se designou por “dilema”, foi feita uma breve investigação sobre o ensino da matemática no pré-escolar.

O estágio na valência de 1º Ciclo do Ensino Básico realizou-se no Colégio Mira Rio, em Lisboa, com uma turma do 1º ano, ao longo de 4 manhãs por semana do primeiro semestre do ano lectivo 2011/2012. Novamente foi feita uma contextualização da prática que permitiu a elaboração de um projecto pedagógico que teve por temática a aprendizagem da leitura e da escrita.

Em ambos os estágios foi feita uma reflexão final ao modo como estes se desenrolaram, quais as dificuldades sentidas, como foram superadas, quais as aquisições mais importantes que foram conseguidas. Por fim é feita uma breve conclusão sobre o papel dos estágios na formação inicial dos docentes e de como é importante a aprendizagem ao longo da vida.

## **ABSTRACT**

The present report respects to the training that was carried out within the Supervised Pedagogical Teaching Practice subject, in the valences of Preschool and Elementary School Education, necessary for the conclusion of the Masters regarding teaching in both valences. Both trainings took place in private schools that belong to Fomento Cooperative of Teaching Centers.

The training in Preschool Education took place at Colégio Planalto, in Lisbon, with a three year old class, during two mornings per week, in both semesters of 2010/2011. Within this training, an initial characterization of the school, of the surroundings, and of the class was done, that were the basis of an Annual Curricular Planning that guided the interventions during the training. Following a difficulty or handicap detected after the training, a dilemma was identified, and was the base of a brief investigation over the theme Math's teaching in Preschool Education.

The training in Elementary School Education took place at Colégio Mira Rio, in Lisbon, with a first grade class, during four mornings per week, within the first semester of 2011/2012. Again, an initial contextualization was made, that allowed the development of a pedagogical project regarding the theme of Reading and Writing Learning.

In both trainings a final conclusion was done, considering their development, the problems that came out, how they were solved, which were the most significant knowledge acquisitions. By the end a global analysis is done regarding the importance of the teachers initial training, as well as continuous formation and learning over the life.

## ÍNDICE

INTRODUÇÃO.....	1
CAPÍTULO I – PRÁTICA DO ENSINO SUPERVISIONADA I E II .....	4
1. APRESENTAÇÃO DA PRÁTICA PROFISSIONAL NO EPE .....	4
1.1. Caracterização da comunidade envolvente .....	4
1.2. Caracterização da Instituição.....	5
1.2.1. Localização da Instituição .....	5
1.2.2. Tipo de Instituição.....	6
1.2.3. Breve História da Instituição .....	6
1.2.4. Características do Edifício .....	6
1.2.5. Várias Valências Existentes.....	7
1.2.6. Pessoal Docente, Não Docente, Número de Crianças.....	8
1.2.7. Funcionamento: Horários; Período Lectivo.....	8
1.2.8. Projecto Educativo .....	9
1.2.9. Articulação da Instituição com a Comunidade/Família .....	9
1.3. Caracterização do grupo de crianças .....	10
1.4. Trabalho pedagógico em sala .....	11
1.4.1. Organização do espaço .....	13
1.4.2. Organização do tempo.....	14
1.5. Trabalhos mais significativos em contexto de sala .....	15
2. DILEMA EM CONTEXTO DE ESTÁGIO .....	16
3. REFLEXÃO .....	22
CAPÍTULO II – PRÁTICA DO ENSINO SUPERVISIONADA III.....	27
1. APRESENTAÇÃO DA PRÁTICA PROFISSIONAL NO 1º CEB.....	27
1.1. Caracterização da comunidade envolvente .....	27
1.2. Caracterização da Instituição.....	28

1.2.1.	Localização da Instituição .....	28
1.2.2.	Tipo de Instituição.....	28
1.2.3.	Breve História da Instituição .....	29
1.2.4.	Características do Edifício .....	29
1.2.5.	Várias Valências Existentes.....	30
1.2.6.	Pessoal Docente, Não Docente, Número de Crianças.....	31
1.2.7.	Funcionamento: Horários; Período Lectivo.....	31
1.2.8.	Projecto Educativo .....	32
1.2.9.	Articulação da Instituição com a Comunidade/Família .....	32
1.3.	Caracterização do grupo de crianças .....	32
1.4.	Trabalho pedagógico em sala .....	33
1.4.1.	Organização do espaço .....	35
1.4.2.	Organização do tempo.....	35
1.5.	Trabalhos mais significativos em contexto de sala .....	36
2.	PROJECTO EM CONTEXTO DE ESTÁGIO .....	37
3.	REFLEXÃO .....	41
	CONCLUSÃO .....	44
	SUPORTE DOCUMENTAL .....	46



## **ÍNDICE DE FIGURAS**

Figura 1- Organização administrativa e por valências do Colégio Planalto.....	8
Figura 2- Distribuição física das valências no Colégio Mira Rio.....	31

## **ÍNDICE DE GRÁFICOS**

Gráfico 1- Número de abordagens por área de conteúdo .....	12
Gráfico 2- Percentagem de áreas curriculares trabalhadas .....	34

## **ÍNDICE DE ANEXOS**

ANEXO I- Ficha do Meio .....	51
ANEXO II- Entrevista à Educadora Cooperante e Respostas .....	59
ANEXO III- Entrevista à Coordenadora Pedagógica e Respostas.....	63
ANEXO IV- Ficha da Instituição.....	71
ANEXO V- Projecto Educativo do Colégio Planalto .....	79
ANEXO VI- Ideário dos Colégios Fomento.....	85
ANEXO VII- “Check-List” de Competências no EPE.....	89
ANEXO VIII- Ficha da Classe.....	91
ANEXO IX- Distribuição dos alunos por idade e género no EPE.....	99
ANEXO X – Planta da Sala do EPE .....	101
ANEXO XI- Horário das actividades no EPE.....	103
ANEXO XII- Actividade desenvolvida no dia 12/4/2011.....	105
ANEXO XIII- Actividade desenvolvida no dia 31/5/2011.....	109
ANEXO XIV- Actividade desenvolvida no dia 3/5/2011.....	113
ANEXO XV- Actividade desenvolvida no dia 10/5/2011.....	117
ANEXO XVI- Actividade desenvolvida no dia 24/5/2011.....	121
ANEXO XVII- Conclusão Reflexiva Estágio Pré-Escolar .....	143

ANEXO XVIII-	Quadro de actividades desenvolvidas na área da matemática	147
ANEXO XIX-	Projecto Educativo do Colégio Mira Rio.....	149
ANEXO XX-	Projecto Curricular do Colégio Mira Rio.....	151
ANEXO XXI-	Regulamento Administrativo do Colégio Mira Rio.....	153
ANEXO XXII-	Planta da Sala do 1º CEB.....	157
ANEXO XXIII-	Horário do 1º CEB.....	159
ANEXO XXIV-	Actividades desenvolvidas de 8 a 13 de Janeiro de 2012 .....	161
ANEXO XXV -	Guião de Entrevista à Professora Cooperante.....	165

## **ABREVIATURAS**

CEB- Ciclo do Ensino Básico

EPE- Educação Pré-Escolar

OCEPE- Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar

PCA- Plano Curricular Anual

## **INTRODUÇÃO**

O Mestrado de Qualificação para a Docência em Ensino Pré-Escolar e do 1º Ciclo do Ensino Básico surge na sequência da Licenciatura em Educação Básica, que de acordo com o DL nº43/2007, de 22 de Fevereiro, não habilita para a docência sendo necessária a frequência do referido mestrado, num segundo ciclo de estudos.

O mestrado inclui no 1º e 2º semestres a realização de uma componente de estágio na valência de Pré-Escolar e no 3º semestre em 1º Ciclo do EB.

No final, e para a obtenção do grau de Mestre, deve ser apresentado um relatório final de estágio que englobe os três semestres.

Com a realização da componente de prática pedagógica e do respectivo relatório final, pretende-se que as discentes reconheçam o papel fundamental do saber profissional na sua formação, resultado da articulação entre o conhecimento científico e outros saberes, a importância da prática profissional, inicial e contínua, e a capacidade de análise e de reflexão, como estruturantes no processo de ser educadora/professora. Só com a prática, devidamente confrontada e articulada com a teoria, resulta o verdadeiro conhecimento.

O estágio é fundamental por proporcionar um contacto privilegiado com a prática docente, com as instituições, com as educadoras/professoras, com os recursos e sobretudo, pela possibilidade de intervir directamente com o grupo.

O presente relatório consiste num documento, dividido em dois capítulos, correspondentes a cada uma das valências em que estagiou.

O estágio em Educação Pré-Escolar realizou-se ao longo do ano lectivo 2010/2011, no Colégio Planalto Infantil, com uma turma na faixa etária dos três anos, durante duas manhãs por semana, com uma carga horária semanal de nove horas. O trabalho desenvolvido pela estagiária teve por base as OCEPE, as Metas de Aprendizagem para a EPE, os perfis específico e geral dos educadores e professores, respectivamente os Decretos-Lei nº 240/2001 e 241/2001, e outros documentos considerados essenciais para a organização e gestão do currículo, como o Ideário do Colégio, o Projecto Educativo de Escola e o Regulamento Administrativo. As intervenções foram norteadas por um Plano Curricular Anual (PCA) de actividades e respectivas perspectivas educacionais para o grupo de crianças, que a discente elaborou em articulação com a

educadora cooperante e de acordo com os documentos atrás referidos, no final do primeiro trimestre de aulas.

Com o capítulo dedicado neste relatório ao estágio na valência de pré-escolar pretende-se numa primeira parte fazer uma breve contextualização da prática, caracterizando o meio envolvente, a instituição, o grupo de crianças, o projecto pedagógico que orientava a prática e de que modo este se concretizava, no tempo e no espaço. Para estas caracterizações foram utilizados vários instrumentos e metodologias que serão referidos ao longo do texto. Ainda, nesta primeira parte, são analisadas globalmente as actividades desenvolvidas e feita uma descrição muito breve das consideradas mais significativas.

Na segunda parte do mesmo capítulo, faz-se uma análise teórico-prática sobre um aspecto menos positivo, ou que tenha representado uma dificuldade ao longo do estágio, designado por “dilema”, cuja temática eleita foi o ensino da matemática.

Na terceira e última parte, reflecte sobre o seu percurso, ao longo de todo o estágio, de que modo realizou aquilo a que se tinha proposto, que dificuldades foram encontradas, como foram superadas e em que aspectos a prática pedagógica nesta valência foi importante para o seu desenvolvimento profissional futuro.

O estágio em 1º CEB realizou-se no primeiro semestre do ano lectivo 2011/2012, no Colégio Mira Rio, com uma turma do 1º ano, durante quatro manhãs por semana, com uma carga horária semanal de dezasseis horas. Neste estágio o trabalho desenvolvido teve por base os Programas e Competências Essenciais para o 1º CEB, os padrões de desempenho docente e novamente outros documentos, como o Ideário do Colégio, o Projecto Educativo de Escola, o Projecto Curricular de Escola e o Regulamento Administrativo. As intervenções basearam-se num projecto pedagógico que definiu, de modo articulado com os documentos atrás referidos, com a programação prevista pela sua professora cooperante e com sugestões da sua supervisora.

Também na primeira parte do capítulo é feita uma breve contextualização da prática, nos mesmos moldes do estágio em pré-escolar, utilizando instrumentos semelhantes, colocados em anexo e que serão referidos ao longo do texto.

Numa segunda parte é apresentado de modo sucinto o projecto pedagógico desenvolvido e implementado, assim como a sua avaliação.

Por fim, na terceira e última parte, são feitas as reflexões finais sobre o percurso da estagiária nesta última etapa do seu mestrado, as dificuldades encontradas, e de que modo este estágio contribuiu para o seu desenvolvimento como futura professora.

De seguida, no terceiro e último capítulo é realizada uma conclusão geral aos dois estágios, de que modo a prática pedagógica é fundamental para a formação de um futuro educador/professor e que aprendizagem retirou para o seu desempenho profissional futuro.

Por fim, já fora do corpo principal deste trabalho, pode ser encontrado o suporte documental, assim como os anexos que suportam e complementam a informação do presente relatório.

## **CAPÍTULO I – PRÁTICA DO ENSINO SUPERVISIONADA I E II**

### **1. APRESENTAÇÃO DA PRÁTICA PROFISSIONAL NO EPE**

O estágio desenrolou-se ao longo de duas manhãs por semana (3ª e 4ªfeira), das 8:30 às 13:00, nos dois semestres do ano lectivo 2010/2011, no Colégio Planalto, tendo iniciado a 19 de Outubro de 2010 com uma etapa inicial de dez sessões de observação, tendo-se seguido, a partir de 23 de Novembro de 2010, as intervenções da discente que se prolongaram até 15 de Junho de 2011. O estágio foi supervisionado pela Mestre Fernanda Rodrigues, tendo recebido o apoio da Educadora Cooperante Emília Cabral.

O grupo era constituído por vinte crianças, na faixa etária dos três anos (feitos até 31/12/2010), que segundo a teoria dos estádios de Piaget (Papalia, Olds & Feldman, 2001) se encontram no estágio pré-operatório (dos dois aos sete anos). Os principais progressos cognitivos em relação ao estágio anterior, sensório-motor, são a função simbólica (capacidade para usar símbolos ou reapresentações mentais), a compreensão do conceito de identidade, a compreensão da causa-efeito, a capacidade para classificar e a compreensão do número. Como limitações estas crianças mostram incapacidade para distinguir a fantasia da realidade, centração (centram-se num aspecto e negligenciam os outros), irreversibilidade (incapacidade para compreender que uma operação se pode fazer em dois ou mais sentidos), animismo (atribuir vida a objectos inanimados) e egocentrismo (incapacidade para ver as coisas de um ponto de vista que não o próprio).

#### **1.1. Caracterização da comunidade envolvente**

A caracterização da comunidade envolvente à instituição é fundamental pois esta pode ter “influência directa na educação das crianças” (DEB, 1997, p.33), razão pela qual é indispensável conhecer a comunidade e os recursos existentes que poderão ser usados na prática pedagógica do educador. O DL nº240/2001 refere o papel essencial do educador ao integrar na sua prática saberes e práticas sociais da comunidade, dando-lhes importância educativa.

Através de análise a vários sites citados no suporte documental e observação e registo na ficha do meio (Anexo I) foi possível determinar que o Colégio está situado numa zona habitacional do Bairro de Telheiras, Freguesia do Lumiar, Concelho de Lisboa, que é das mais populosas do Concelho, e está limitada geograficamente pelo

concelho de Odivelas e freguesias de Campo Grande, S. João de Brito, Santa Maria dos Olivais, Charneca do Lumiar, Ameixoeira e Carnide.

A população de Telheiras é fundamentalmente activa e jovem, de classe socioeconómica média-alta, os adultos com escolaridade média acima ou ao nível do 3º ciclo, e todas as crianças em idade escolar frequentam a escola. A população habita maioritariamente em apartamentos de tipologias que vão do T1 ao T4, em prédios de altura geralmente inferior a 8 andares, existindo uma pequena zona de vivendas, e também alguns condomínios privados

Trata-se de uma zona com bastantes recursos de apoio à comunidade, desde transportes públicos, estabelecimentos de ensino, zonas comerciais, equipamentos de saúde ou desportivos, entre outros.

As ruas, avenidas e azinhagas do Bairro de Telheiras encontram-se em bom estado de conservação e de limpeza, razoavelmente iluminadas, muitas delas dispoendo de pequenos canteiros ou jardins, e mesmo alguns pequenos parques infantis ou zonas de lazer. A sinalização existente permite chegar facilmente a qualquer instituição de serviço público e algumas de serviço privado, situadas no Bairro. É também muito fácil sair do Bairro, existindo boas vias de acesso devidamente sinalizadas.

## **1.2. Caracterização da Instituição**

A caracterização da Instituição é importante no sentido em que mais do que o meio que nem sempre tem influência directa na criança, é dentro desta que a criança se desenvolve e é através dos recursos nela existentes que são promovidas, diversificadas e alargadas as oportunidades educativas das crianças.

Para a caracterização da instituição foi feita análise documental ao site da instituição, complementada com informação obtida através de entrevista e conversas informais com a educadora cooperante e a coordenadora pedagógica (Anexo II e III), assim como por observação directa e registo na ficha da instituição (Anexo IV)

### **1.2.1. Localização da Instituição**

O Colégio Planalto, situa-se na Rua Armindo Rodrigues, nº 28, no Bairro de Telheiras, Freguesia do Lumiar, Concelho de Lisboa.



### **1.2.2. Tipo de Instituição**

O Colégio Planalto é uma instituição particular e sem fins lucrativos, propriedade da Cooperativa Fomento de Centros de Ensino.

### **1.2.3. Breve História da Instituição**

O Colégio Planalto é uma instituição de carácter pedagógico, criada em 1978 por um grupo de pais, liderados pelo Eng.º Jorge Jardim Gonçalves e esposa, a professora Dr.ª Maria da Assunção Jardim Gonçalves, com a finalidade de proporcionar às famílias uma educação integral e completa, no âmbito de uma estreita colaboração das famílias com o centro educativo. A Cooperativa Fomento, que administra os quatro Colégios - Planalto e Mira Rio, em Lisboa, Cedros e Horizonte, no Porto - propôs-se lançar em Portugal o estilo de educação personalizada, idealizada e promovida pelo pedagogo e professor catedrático da Universidade Complutense de Madrid, Victor Garcia Hoz.

O Colégio iniciou as suas actividades em instalações no Bairro do Restelo no dia 6 de Outubro de 1978 com cerca de 80 alunos do 1º ao 6º ano. Em Outubro de 1983, transferiu as suas instalações para as actuais em Telheiras, onde actualmente possui todos os níveis de ensino, desde o pré-escolar (incluindo berçário) até ao 12º Ano. O Ensino Pré-Escolar iniciou no outro Colégio de Lisboa, o Mira Rio, e em 1997 iniciou também no Colégio Planalto, apenas com a valência de Jardim-de-Infância, tendo a Creche começado a funcionar mais tarde em 2008, após algumas obras de ampliação e melhoria das instalações.

### **1.2.4. Características do Edifício**

Os edifícios, instalações e equipamentos ao serviço do Colégio pertencem à Cooperativa SOCEI que os disponibiliza à Fomento para uso do Colégio.

O Colégio está separado do meio circundante por gradeamentos e muros intransponíveis, sendo necessário passar por uma portaria equipada com sistemas de videovigilância 24 horas para aceder ao estacionamento privativo do colégio e posteriormente por portas de acesso com vigilantes para aceder às instalações propriamente ditas.

Dentro do perímetro das instalações, o Colégio está dividido em duas áreas administrativa e fisicamente separadas: Planalto Infantil (também conhecido por “Planaltinho”) que engloba a Creche e o Jardim-de-Infância e Planalto (que inclui o EB

e Secundário). Existem alguns serviços e instalações que são comuns, tais como a Capelania e o serviço de confecção de refeições, mas as restantes instalações lectivas e administrativas são independentes uma da outra, possuindo inclusive elementos da direcção distintos.

O Planalto Infantil, onde se desenrolou o estágio é adjacente ao Edifício Principal do Colégio, criado há menos de dez anos, onde se situa a Capela do Colégio. O acesso é feito por uma escadaria que se desce e as instalações do pré-escolar encontram-se divididas em várias zonas:

- Zona da creche com três salas, respectivas instalações sanitárias, e um recreio coberto;
- Zona do jardim-de-infância com sete salas e respectivas instalações sanitárias para as crianças, um recreio parcialmente coberto;
- Zonas comuns da Creche e do Jardim-de-Infância: gabinetes das coordenadoras administrativa e pedagógica, uma sala de educadoras, três salas de atendimento de pais, duas arrecadações, instalações sanitárias para as educadoras e para as auxiliares;
- no 1º piso; um refeitório da creche e pré-escolar que é adjacente ao do Planalto e onde são confeccionadas e servidas as refeições;

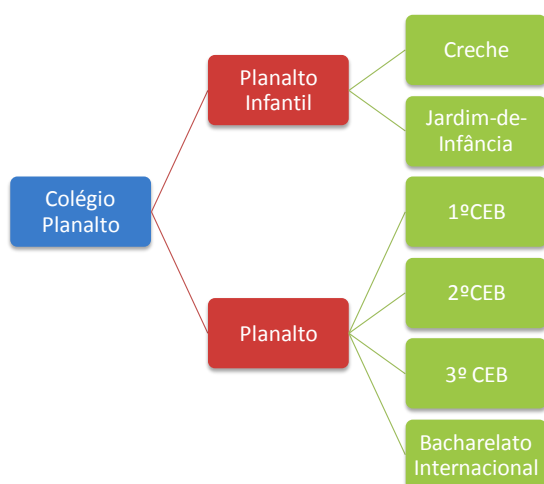
As instalações e áreas ajardinadas circundantes encontram-se cuidadas e em bom estado o que demonstra uma preocupação evidente com a qualidade dos espaços físicos.

Apesar de o Colégio ter pouco mais de 30 anos as instalações encontram-se em bom estado de conservação, sendo no entanto possível distinguir que as instalações da área do Pré-Escolar são bastante mais recentes e modernas.

#### **1.2.5. Várias Valências Existentes**

O Colégio actualmente dispõe de todas as valências desde a creche até ao final do secundário que funciona com Bacharelato Internacional (Bilingue). O Planalto Infantil, no qual se desenrolou o estágio, está dividido em creche e jardim-de-infância.

Figura 1: Organização administrativa e por valências do Colégio Planalto



#### **1.2.6. Pessoal Docente, Não Docente, Número de Crianças**

No total o Colégio possui cerca de 600 alunos, representando o Planalto Infantil cerca de um terço desse valor, ou seja, 184 crianças das quais 33 em creche e 151 em jardim-de-infância.

No que respeita ao pessoal docente e não docente do Planalto Infantil, este tem actualmente uma directora, uma coordenadora pedagógica, uma coordenadora administrativa, dez educadoras, dez auxiliares de acção educativa e três auxiliares gerais, totalizando 26 pessoas.

#### **1.2.7. Funcionamento: Horários; Período Lectivo**

O horário de funcionamento do Colégio é de 2ª a 6ª feira, das 8:00 às 19:00.

As actividades das crianças do Pré-Escolar desenrolam-se das 9:00 às 16:00 e o período depois das 17:00 é considerado como de componente de apoio à família.

O calendário escolar do Planalto Infantil prevê o seu funcionamento durante todo o ano encerrando apenas para férias no mês de Agosto.

Nos períodos de férias escolares (Natal, Carnaval, Páscoa e Praia) as instalações estão abertas mas as actividades não se desenvolvem de acordo com o projecto pedagógico que orienta as mesmas, sendo nesses períodos menos orientadas e partindo da iniciativa de cada educadora.

### **1.2.8. Projecto Educativo**

O Projecto Educativo do Colégio Planalto (Anexo V) manifesta-se em três grandes áreas:

A **educação personalizada**, em que o Preceptor é a figura-chave. Cada aluno a partir do 1ºCEB tem um preceptor, i.e., um professor que, através das entrevistas, dos passeios, das visitas de estudo ou do convívio quotidiano, estabelece metas (académicas e de formação pessoal) para o aluno, de acordo com a idade, num diálogo permanente com a família e os restantes professores.

A **educação diferenciada** por sexo, ou seja, a separação entre rapazes e raparigas tem a intenção de usar abordagens educativas específicas que fomentam um melhor desempenho académico, um desenvolvimento harmonioso da personalidade e, que melhoram o processo de socialização.

A **educação integral**, ligada a um Programa de Formação de Alunos que se organiza em torno de virtudes nucleares que cada membro do Colégio procura exercitar e fomentar durante um período concreto. Todos os professores procuram incluir essas virtudes na sua acção educativa (na aula, mas também na relação pessoal com cada aluno) de modo a fomentar um ambiente de desejo de melhoria.

O Projecto Educativo fundamenta-se numa visão cristã da pessoa, como ser único e irrepetível, que leva a que cada um seja tratado de modo individual.

### **1.2.9. Articulação da Instituição com a Comunidade/Família**

Segundo (DEB, 1997, p.22) “Os pais ou encarregados de educação são os responsáveis pela criança e também os seus primeiros e principais educadores”.

O Ideário do Colégio (Anexo VI) refere o mesmo, por outras palavras, nesta que se diz “Uma escola de Pais”, sendo desenvolvidas no âmbito de promover esta ligação, várias iniciativas, ao longo do ano, cujo detalhe se obteve através de análise aos documentos afixados nos placares da instituição, conversas com educadora e posterior registo, e análise do boletim informativo mensal que é publicado pelo Planalto Infantil. Estas actividades englobam Entrevistas/reuniões trimestrais individuais com as Educadoras e os Pais de cada aluno; Reuniões trimestrais gerais de pais, designadas por Sessões Trimestrais; quatro a seis sessões de formação específicas para Pais, organizadas pela Cenofa- Centro de Orientação Familiar; Publicação mensal de um

boletim informativo sobre as actividades do Colégio, que é enviado a todas as famílias; Para além das festas tradicionais (de Natal, de final do ano lectivo) são promovidas outras actividades com o objectivo de trazer os Pais ao Colégio como as Missas de abertura e fecho do ano lectivo, a Missa de Natal, Dia da Mãe, Dia do Pai, Dia de recepção aos Novos Alunos, Arraial das Famílias, Dia do Colégio, entre outros. Por último, em cada turma são designados Pais como Casais Encarregados da Colaboração Familiar dessa turma e que desenvolvem diversas actividades para os pais, e com os pais, que visam o estabelecimento de laços de amizade entre as famílias dos alunos do Colégio, para um harmonioso desenvolvimento dos alunos e suas famílias.

Da observação feita ao longo do estágio e pela participação em algumas actividades realizadas, estas iniciativas traduzem-se num maior envolvimento dos pais/encarregados de educação na vida da escola promovendo uma melhor relação escola-família.

### **1.3. Caracterização do grupo de crianças**

Segundo DEB (1997) é importante observar cada criança e o grupo de modo a conhecer as suas capacidades, interesses e dificuldades, assim como o seu contexto familiar, com o intuito de adequar o processo educativo às suas necessidades. Assim, através de registos de observação, de “check-lists” de competências (Anexo VII), de conversas informais com a educadora e posterior registo na ficha da classe, (Anexo VIII), foram obtidos os dados que a seguir se detalham.

O grupo era uma classe homogénea, do Ensino Pré-Escolar, constituída por 20 crianças, com idade de três anos feitos até final de Dezembro de 2010. A classe era composta por nove meninas e por onze meninos (Anexo IX)

Segundo informação obtida pela educadora do total de crianças apenas cinco “vinham de casa”, ou seja, não frequentaram previamente um estabelecimento de EPE. Através de observação, estas crianças que vinham de casa pareciam indiciar algumas dificuldades de socialização, algum atraso na fala e demonstravam muitas dificuldades na higiene e na alimentação, sendo muito pouco autónomas. Em termos gerais eram crianças curiosas, interessadas, não havendo nenhuma que se destacasse neste grupo, parecendo todas estar a evoluir normalmente. Evidenciava-se o interesse das crianças pelas narrativas, quer tradicionais, quer lengalengas, trava-línguas, entre outras.

Ao nível de comportamento, as crianças que ainda não tinham feito três anos eram aquelas que demonstravam mais dificuldades em realizar actividades em grande grupo e em interagir com os outros, havendo uma dessas crianças que frequentemente se envolvia em conflitos com outras duas. A Educadora tinha de intervir muitas vezes e excepcionalmente ficava de castigo. Os restantes conflitos que se registavam eram raros e bem geridos, e as crianças tendiam a promover menos este tipo de situação dado o clima de harmonia na classe, derivado em grande parte da atitude serena, afectuosa, justa e atenta da Educadora.

#### **1.4. Trabalho pedagógico em sala**

No Colégio Planalto Infantil, e nos outros três Colégios Portugueses que pertencem à Cooperativa Fomento de Centros de Ensino, toda a prática pedagógica do Jardim-de-Infância é orientada de acordo com o Projecto “Optimist”, importando de Espanha e adaptado em situações específicas à cultura portuguesa. Trata-se de uma metodologia que tem por objectivo proporcionar às crianças uma estimulação rica e orientada, para que alcancem, de acordo com as condições pessoais de cada um, níveis de maturidade, desenvolvimento e aprendizagem excelentes. O “Optimist” é o guião de trabalho de cada Educadora e devido ao planeamento diário, semanal, mensal e trimestral que é realizado, todas as Educadoras da mesma faixa etária estão a trabalhar exactamente os mesmos temas nos mesmos dias.

De acordo com o site do Colégio, alguns dos programas específicos/linhas orientadoras do Projecto “Optimist” são na área do desenvolvimento neuro-motor, na detecção e tratamento precoce das dificuldades de aprendizagem, na aprendizagem da leitura e da escrita, na aprendizagem do inglês, no desenvolvimento lógico-matemático, assim como no desenvolvimento religioso na criança em formação.

Depois das semanas iniciais de observação e de algumas intervenções planeadas conjuntamente com a educadora, contextualizadas de acordo com os temas mensais e com o projecto “Optimist” a discente elaborou em Janeiro de 2011 as perspectivas educacionais para o grupo de crianças que estava a ser considerado e o Plano Curricular Anual (PCA) baseada no projecto e nas necessidades identificadas. Esse PCA foi seguido até ao final do estágio, em coordenação com a educadora cooperante e sofrendo alguns ajustes, sempre que necessário.

Das planificações elaboradas, todas foram cumpridas, tendo sido em alguns casos incluídas actividades extra não planeadas, que partiram da iniciativa das crianças (como uma canção sobre determinada temática que a discente estava a trabalhar e de que não se tinha lembrado).

Apresenta-se abaixo um gráfico que espelha a percentagem de abordagens realizadas em cada área de conteúdo/domínio ao longo de todas as suas intervenções. Apesar de terem sido realizadas 51 intervenções, em alguns casos a discente conseguiu na mesma intervenção abordar mais do que uma área/domínio, que se resumiram a um total de 87 abordagens. Tal deve-se ao facto de, apesar de discente dispor apenas de meia hora de intervenção, dada a faixa etária das crianças, estas terem períodos de atenção e concentração muito reduzidos, pelo que com muita frequência a discente realizou duas actividades na mesma meia hora, intercaladas com uma canção, uma dança ou movimentos orientados/livres. A organização das OCEPE e das metas de aprendizagem em áreas de conteúdo/domínios não significa que as actividades a desenvolver em cada uma delas tenham de ser estanques, antes pelo contrário, estas deverão ser concebidas de forma articulada, para que se cumpra o desenvolvimento integral da criança, sendo que a concretização das actividades deve ser planeada, organizada e realizada de forma a pôr em prática os diferentes objectivos da EPE promulgados pela Lei-Quadro da EPE.

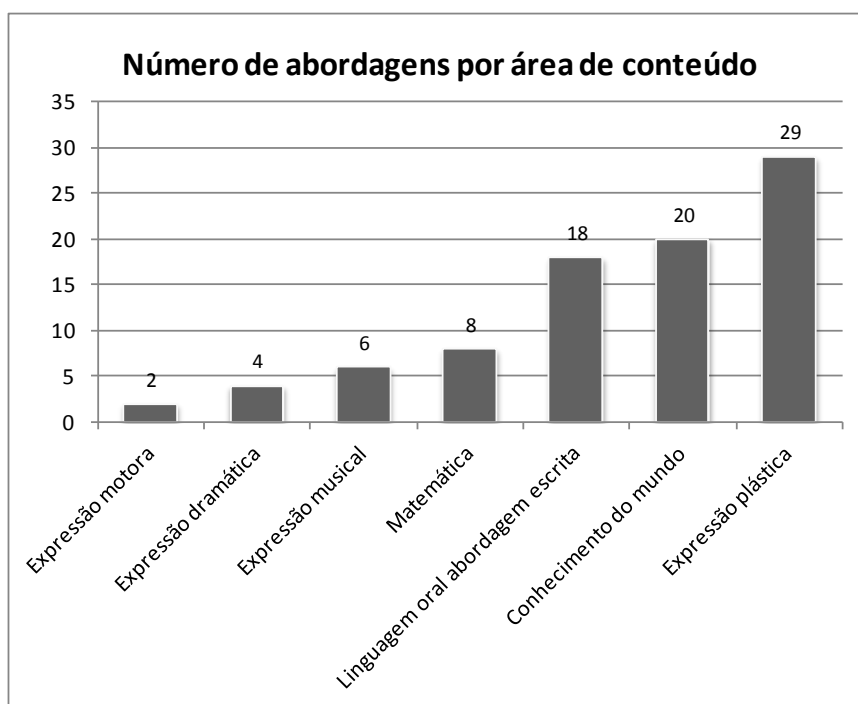


Gráfico 1- Número de abordagens por área de **conteúdo**

Considerando a ordem decrescente do número de vezes que foram trabalhadas as áreas temos que: a Área da Expressão Plástica foi trabalhada 29 vezes (33%), a Área do Conhecimento do Mundo 20 vezes (23%), a Área da Linguagem Oral Abordagem à Escrita 18 vezes (21%), a área da Matemática 8 vezes (9%), a área da Expressão Musical 6 vezes (7%), a área da Expressão Dramática 4 vezes (5%) e a área da Expressão Motora, 2 vezes (2%).

As áreas da Expressão Plástica e do Conhecimento do Mundo foram as mais trabalhadas, já que nestas a discente considerou, que dada a faixa etária, conseguiria proporcionar mais aquisições novas às crianças e por outro proporcionar-lhe-iam mais desafios, dado o estágio em que as crianças se encontravam. Na Expressão Motora registou o menor número de intervenções, devido ao espaço físico (sala polivalente ou recreio exterior) de que não dispunha na maior parte do tempo, estando este disponível apenas da parte da tarde.

#### **1.4.1. Organização do espaço**

Os dados que a seguir se apresentam foram obtidos através de registos de observação e da ficha da classe (Anexo VIII). Através de uma análise detalhada foi possível verificar que as salas do jardim-de-infância cumprem os requisitos pedagógicos e técnicos de instalação e funcionamento de acordo com a Legislação em vigor.

Todas as salas se encontram organizadas do mesmo modo: possuem quatro mesas de cores diferentes, e respectivas cadeiras, separadas e colocadas no centro da sala onde são trabalhados, respectivamente, no período do dia designado por “cantinhos” as seguintes áreas: amarelo (leitura/escrita), azul (matemática), vermelho (plástica) e verde (experiência). A área da experiência tem muitas vezes a ver com a expressão plástica desde que represente uma actividade que as crianças ainda não experimentaram. Adjacente a cada uma destas mesas está sempre uma estante ou armário onde são colocados os materiais pedagógicos relacionados com a área (por exemplo: livros e dominós de letras junto à mesa da leitura e da escrita), assim como o respectivo placar onde periodicamente são afixados os trabalhos das crianças ou posters com os temas que estão a ser abordados.

Todas as salas possuem uma zona mais ampla em frente a um quadro de ardósia ou de canetas, em que a educadora faz as suas exposições orais, em que as crianças se



sentam em grande grupo, de pernas cruzadas, no chão, sobre marcas desenhadas no chão.

De acordo com o projecto “Optimist” todos os meses são tratados temas base, tais como os Animais da Quinta, a Praia, entre outros e em cada sala existe um cantinho temático ou placar que é usado para divulgar junto das famílias o tema mensal, e que é construído pela educadora com a colaboração das crianças que durante esse mês emprestam “materiais “ à escola (como por exemplo pequenos animais de brinquedo, um balde e pá de praia, etc.).

No Anexo X é possível analisar uma planta da sala.

#### **1.4.2. Organização do tempo**

Todas as salas do Jardim-de-Infância possuem devidamente programadas as actividades e as rotinas diárias, e as horas exactas em que devem iniciar e terminar, não havendo sobreposições entre as salas das várias idades, nos períodos destinados à realização de exercícios motores na sala polivalente, nas aulas de inglês e mesmo nos horários de almoço.

A sala onde a discente se encontrava a estagiar possuía uma distribuição de actividades diárias, cujo detalhe pode ser visualizado no Anexo XI . As actividades iniciavam pontualmente às 9:00 com o acolhimento das crianças e o módulo da manhã, que incluía várias actividades, em diferentes áreas curriculares. A seguir às 9:30 e até às 10:00 seguia-se o tema mensal em que a educadora realizava uma actividade relacionada com a temática mensal numa área de conteúdo diferente em cada dia. Das 10:00 às 10:30 as crianças tinham aula de inglês com uma professora e depois iam para o recreio regressando às 10:45, fazendo a rotina da higiene antes de regressar à sala. A seguir e até às 11:30 o tempo era dedicado a actividades diversas de leitura e escrita, quer individuais, quer colectivas. Seguia-se a higiene e o almoço, a que se seguia nova higiene e sesta.

Às 13:30 as crianças eram acordadas para a realização do circuito neuro-motor até às 14:00. Das 14:00 até às 15:00 faziam actividades nas mesas designadas “cantinhos” como já se referiu atrás. Das 15:00 às 15:20 faziam uma breve revisão do módulo da manhã, seguida de um passeio de aprendizagem de 10 minutos, pelo recreio, pelas instalações ou mesmo pela própria sala. Às 15:30 lanchavam e depois ficavam no recreio até os encarregados de educação as virem buscar.

Neste programa diário a discente possuía unicamente meia hora para intervir, das 9:30 às 10:00, com excepção dos períodos de férias escolares em que o projecto “Optimist” não era praticado, assim como não havia aulas de inglês. Nesses períodos a discente podia intervir toda a manhã. Nos períodos escolares, salvo algum imprevisto, o programa era rígido e inflexível e as restantes salas de três anos estavam a trabalhar exactamente os mesmos temas, do mesmo modo, embora em períodos do dia diferentes.

### **1.5. Trabalhos mais significativos em contexto de sala**

Das 51 intervenções realizadas, algumas actividades podem ser destacadas, em dois extremos opostos.

Uma das que considera ter sido mais gratificante desenvolveu-se na semana das férias da Páscoa (Anexo XII) em que pelas razões expostas atrás, teve toda a manhã para a pôr em prática, quando habitualmente só dispõe de meia hora. Neste dia foi confeccionado um mini-folar da Páscoa com cada criança, assim como elaborada em grande grupo e afixada a respectiva receita (num painel gigante com os ingredientes reais, que foram tocados, cheirados e mesmo saboreados), tendo conseguido que ficasse terminada para no final do dia as crianças levarem o produto do trabalho realizado para casa para partilharem com as famílias. Esta actividade foi importante por ter seguido um encadeamento lógico das várias actividades necessárias para concluir a tarefa. Desde a preparação da massa, à moldagem dos mini-folares, ao cozer no forno, deixar arrefecer e embalar em caixas decoradas pelas crianças. E no meio disto a criação do painel com a receita para divulgar aos restantes membros da comunidade educativa. Na maioria das intervenções a discente sentiu uma falta de ligação com o resto do dia e com as famílias, que neste dia foi possível.

Outra actividade que considera ter sido muito significativa para a sua prática desenvolveu-se perto do final do ano (Anexo XIII) em que a discente trabalhou a área do Conhecimento do Mundo, mais concretamente os conceitos de curto/comprido usando como base a história do Macaco de Rabo Cortado, versão de António Torrado, que contou usando objectos relacionados com a história e com bastante expressão oral e corporal que entusiasmou as crianças, seguida de um jogo em que era necessário colocar adereços (curtos ou compridos) num macaco gigante fixado no quadro e feito em papel de cenário pintado a guache e que foi extremamente útil e eficaz para introduzir os conceitos pretendidos.

No extremo oposto temos duas actividades, em semanas seguidas, que se destacaram pelo desenvolvimento de actividades, de classificação e correspondência, inadequadas para a faixa etária. Ao trabalhar a temática das frutas e dos legumes, a discente propôs numa semana (Anexo XIV) uma actividade muito difícil para a faixa etária, com dez legumes e dez frutas, que implicava conhecer cerca de seis legumes e duas frutas novas, e na semana seguinte (Anexo XV) em oposição, ter realizado uma actividade muito fácil para a faixa etária, utilizando apenas dez imagens mas todas bem conhecidas pelas crianças. Segundo Zabala (1998) para que o aluno aprenda, devem ser-lhe apresentados desafios que o ajudem a avançar e que estejam ao seu alcance, não se limitando ao que o aluno já sabe, questionando os seus conhecimentos prévios, mas que o conduzam à aquisição de novos conhecimentos, colocando-o em situações que o obriguem a um esforço de compreensão e trabalho.

Um dos trabalhos relevantes realizado pela discente foi, no final do estágio, uma reflexão global (Anexo XVI) às actividades desenvolvidas, por área de conteúdo, e nos seus aspectos positivos e negativos, que constrangimentos ou aprendizagens implicaram. Tal permitiu uma reflexão mais aprofundada do trabalho desenvolvido, nomeadamente na reformulação de estratégias para o desenvolvimento de actividades. Os aspectos negativos podem desta forma ser minimizados e os problemas resolvidos. Durante o estágio foi sendo feito pela discente esta análise reflexiva sobre o trabalho diariamente realizado e ao feedback dado pelos alunos às mesmas tendo em conta os resultados pretendidos.

## **2. DILEMA EM CONTEXTO DE ESTÁGIO**

A palavra “dilema” vem do grego “dilemma” que significa “proposição dupla” e do latim “dilemma” que significa “idem”.

De acordo com o dicionário Prinberan de Língua Portuguesa, disponível on-line, o termo “dilema” pode ter vários significados: 1) Alternativa em que não há opção satisfatória, 2) Conjuntura difícil (sem saída conveniente) e 3) Argumento formado por duas proposições que se contradizem mutuamente. Já o dicionário Porto Editora da Língua Portuguesa acrescenta a definição de 4) raciocínio em que, posta uma alternativa ou disjunção, qualquer dos termos das alternativas leva à mesma conclusão.

Se consultarmos os dicionários à procura de sinónimos para a palavra “dilema” aparecem-nos os termos “conflito”, “embaraço”, “dúvida” e “irresolução”.

Foi dentro deste âmbito que foi proposto às discentes a identificação de um “dilema” relacionado com a sua prática no ensino pré-escolar, com posterior trabalho de breve investigação sobre o mesmo. A investigação surge neste trabalho como uma tentativa de resposta às questões, no sentido em que representa um processo estruturado (Tuckman, 2000) de identificação de um ou mais problemas, construção de uma hipótese e apresentação de algumas conclusões, novamente muito curtas dada a natureza deste trabalho.

A temática seleccionada foi o ensino e aprendizagem da matemática no pré-escolar, em particular no início desta etapa. Esta selecção foi feita por vários motivos, que se detalham em seguida.

Ao longo da licenciatura em educação básica, existiram várias cadeiras, e bastante diversas, sobre os conceitos base da matemática, assim como no mestrado sobre a didáctica da matemática no ensino pré-escolar e no 1º ciclo. Nestas cadeiras a estagiária teve a possibilidade de contactar com os conteúdos a leccionar, actividades, estratégias e materiais mais adequados a utilizar, e realizou ainda, alguns trabalhos práticos, de construção de materiais específicos para serem utilizados no ensino de determinados conteúdos. Apesar de ser um dos objectivos das cadeiras da didáctica da matemática, não foi possível testar os materiais produzidos com as crianças, quer em estágio, quer noutro contexto.

Segundo Portugal (2009) é desejável dar aos profissionais inexperientes, a oportunidade de testemunhar e experimentar os efeitos de abordagens correctas ou incorrectas, pelo que a natureza de uma intervenção e de um currículo em EPE deve ser explorada, desde os primeiros anos de formação, permitindo aos futuros educadores aprender a observar e a pensar sobre a adequabilidade de um programa para crianças.

Para além do aspecto anteriormente referido, a estagiária raramente observou a sua educadora cooperante a trabalhar a matemática, para além das noções de quantidade e número, através da visualização de cartões com símbolos e com quantidades (em bolinhas desenhadas), recorrendo à repetição oral, em grande grupo, do que era visualizado. Tal teve a ver com os conteúdos previstos no projecto “Optimist” e também porque o trabalho individual com as crianças, mais específico, era realizado da parte da tarde, no tempo dedicado aos “cantinhos”. Nas duas únicas ocasiões em que

permaneceu no local de estágio da parte da tarde, esteve a intervir com o grupo no cantinho da expressão plástica e não se conseguiu aperceber do trabalho que foi desenvolvido em simultâneo no cantinho da matemática. Em resumo, foram raras as oportunidades em que pôde, num contexto prático e não exclusivamente teórico, observar a educadora cooperante a trabalhar a área de conteúdo já referida.

Considerando as perspectivas educacionais e o PCA que definidos, a estagiária planificou semanalmente as suas intervenções com a educadora cooperante e verificou, no final do ano, que trabalhou a matemática em apenas oito de 51 intervenções.

Terão sido muito provavelmente os aspectos atrás descritos que motivaram a tão curto número de intervenções na referida área e que levaram a discente, *a posteriori* e nesta breve exposição, a aprofundar o ensino e aprendizagem da matemática no pré-escolar, assim como a questionar-se sobre o modo como, nesta etapa tão precoce do desenvolvimento das crianças, desenvolveu actividades, com as respectivas estratégias, com os recursos disponíveis (materiais e humanos), que tenham efectivamente proporcionado aprendizagens às crianças.

A matemática é uma ciência que lida com objectos e com relações abstractas, sendo ainda, segundo Ponte, Serrazina et al (2007), uma linguagem que permite à criança a compreensão e representação do mundo que a rodeia e um instrumento, na medida em que permite resolver problemas com que esta se confronta, prever e controlar os resultados de acções que realiza. Espontaneamente, as crianças vão construindo noções matemáticas a partir das suas vivências diárias.

Aos três anos de acordo com Piaget (1984), as crianças encontram-se num estágio de desenvolvimento cognitivo pré-operatório que de um modo geral se caracteriza pelo uso gradual e cada vez mais sofisticado do pensamento simbólico.

Alguns dos processos cognitivos, relacionados com a matemática e associados a este estágio são a função simbólica, a compreensão da causa-efeito, a capacidade para classificar e a compreensão do número. Segundo Papalia, Olds e Feldman (2001), a função simbólica traduz-se entre outros, pela capacidade da criança em usar símbolos ou representações mentais - palavras, números ou imagens, e a compreensão da causa-efeito na capacidade de explicar os “porquês” das crianças mais novas, no sentido de perceberem que elas podem provocar os acontecimentos. Por seu lado, a capacidade para classificar traduz-se no agrupamento e/ou ordenação de objectos, pessoas e

acontecimentos, com base em semelhanças e diferenças. Por último, a compreensão dos conceitos numéricos básicos, parece começar, segundo as mesmas autoras, logo nos primeiros dois anos de vida, conseguindo aos três anos contar e lidar com pequenas quantidades.

Esta caracterização leva-nos a um dilema colocado por Lleixá Arribas et al (2004) de podermos estar a ensinar cedo demais (e as crianças não disporem ainda dos esquemas que as permitam interpretar os conteúdos matemáticos) ou por outro lado, termos esperado demais e estas já terem construído os esquemas. Tal situação prende-se com o facto de, nesta etapa do desenvolvimento das crianças, os conteúdos matemáticos estarem muito próximos da vida real, havendo uma diferença entre o que a criança pode aprender autonomamente em contacto com o ambiente, de forma pouco científica, e o que pode aprender com uma intervenção didáctica, intencional e sistemática do educador.

A questão atrás colocada do “cedo demais” pode conduzir a um falso conhecimento matemático, baseado na repetição mecânica (algumas vezes observado ao longo do estágio), enquanto a oposta, de já não ser preciso ensinar, poder restringir a intervenção didáctica do educador. Efectivamente, como referem Ponte e Serrazina (2000, p.113) “A actividade resultante de tarefas de rotina contribui para consolidar cognitivamente conhecimentos e destrezas já adquiridos, mas não para o desenvolvimento de novo conhecimento”.

O papel da matemática na estruturação do pensamento, as suas funções na vida corrente e a sua importância para aprendizagens futuras, determina a atenção que lhe deve ser dada na EPE, cujo quotidiano oferece múltiplas possibilidades de aprendizagens matemáticas, pelo que cabe ao educador partir dessas vivências diárias e de modo intencional proporcionar “momentos de consolidação e sistematização de noções matemáticas”(DEB,1997, p.73).

Segundo Sprinthall e Sprinthall (1993) e voltando a referir o estágio pré-operatório, nesta etapa dão-se importantes progressos, o modo de aprendizagem da criança é essencialmente intuitivo, e esta realiza espontaneamente fantasias, livres associações e significados únicos ilógicos. Isto conduz por exemplo a criança na prova Piagetiana da conservação dos líquidos a escolher o copo alto e fino e não o baixo e largo, por este intuitivamente lhe parecer que tem mais água. Se se explicar a esta criança as razões

para a quantidade de água ser igual em ambos os copos, ela repete tudo de volta, sem a menor compreensão.

No entanto, de acordo com os mesmos autores, fazer algum ensino num sentido formal não prejudica as crianças, o que também não significa que os professores devam estruturar uma parte substancial do dia do pré-escolar para a aprendizagem de letras e números. É no entanto fundamental a articulação entre a EPE e o 1º CEB, contrariando aqueles, que no início da era “pré-escolar” diziam “deixem estar as crianças no jardim: a escola pode esperar”.(Ribeiro, 2002, p.9).

Actualmente esta articulação existe (ou está em curso), não só devido às OCEPE, de 1997, mas mais recentemente pela publicação, em 2011, das Metas de Aprendizagem para a EPE.

Existem 30 metas, na área da matemática, definidas para o final da EPE, cujo incumprimento não consiste num obstáculo à entrada para o 1º ciclo mas constituem um referencial para o educador das “condições para que cada criança tenha uma aprendizagem com sucesso na fase seguinte” (DEB, 1997, p.28).

Sem citar as referidas metas, que estão divididas por três domínios e analisando o primeiro deles, Números e Operações, vemos que logo a primeira meta se refere a dois processos matemáticos fundamentais: Classificar e Ordenar (ou seriar).

De acordo com Ponte e Serrazina (2000), Classificar é incluir ou não um objecto num determinado conjunto de acordo com as suas propriedades (por exemplo: os “grandes”). Ordenar é dispor um dado conjunto de objectos numa ordem segundo determinada qualidade. Classificar e ordenar são os processos matemáticos mais básicos e que servem de base a muitos outros, pelo que, os educadores/professores devem propor aos alunos actividades que os ajudem a desenvolver estas importantes capacidades.

Analisando a opinião de Carvajal e Rabanal (1997), estas autoras consideram que o desenvolvimento lógico e a elaboração progressiva de estruturas cognitivas na criança em idade pré-escolar devem partir da identificação e categorização da realidade, através das propriedades e relações entre os objectos, com o objectivo de desenvolver as funções de agrupamento, classificação, seriação e ordem que permitam a formação de conjuntos.

Consideram que, antes do conhecimento do número e dado o carácter global e concreto das percepções destas crianças, deve ser iniciada a manipulação de conjuntos. Neste âmbito, os objectos representam o material base: ao agrupá-los ao classificá-los, a criança organiza o material, estabelece relações, no modo como identifica as propriedades que estes têm em comum.

As mesmas autoras concluem que só então, ao considerar o uso de vocabulário relacionado com as noções de quantidade (mais, menos, igual a, entre outras), em simultaneidade com a formação de conjuntos, o educador introduz a noção de número. Esta noção é a base do pensamento matemático e das actividades posteriores, de contagem, de seriação numérica e mais tarde das operações aritméticas. DEB (1997, p.74) refere exactamente o mesmo, realçando que as oportunidades de classificação e de seriação são também fundamentais para que a criança vá construindo a noção de número, “como correspondendo a uma série (número ordinal) ou a uma hierarquia (número cardinal) ”.

A sequência a adoptar na introdução dos conteúdos, atrás descrita por vários autores, coincidia também com aquela que se encontrava definida mensalmente pelo projecto “Optimist” e, em concordância, pelo PCA elaborado. Efectivamente, as actividades foram em número bastante reduzido mas o seu desenvolvimento, após toda esta exposição, faz agora todo o sentido.

Logo em Novembro, ao iniciar as intervenções, a discente realizou a primeira actividade na área da matemática, utilizando materiais concretos: agasalhos, peças de vestuário, calçado e acessórios ligados ao frio, à chuva e ao vento. Nesta actividade as crianças tiveram de classificar as peças que retiravam de um grande saco e agrupá-las segundo características que elas mesmas definiram (“Esse é para a cabeça, esse é para tapar as mãos, ...”).

Poucas semanas depois, realizou outra actividade, usando blocos lógicos, que restringiu a quadrados e círculos. Trabalhou as questões da classificação, por cor, por forma e por tamanho e ainda realizou algumas séries. As crianças revelaram muitas dificuldades na realização destas actividades, pelo que a discente se questiona se teria sido cedo demais? De modo a colmatar esta dificuldade, realizou, com bastante sucesso, pouco tempo depois uma actividade mais simples, usando apenas triângulos, de papel, que as crianças puderam manusear e comparar em termos de cor e tamanho.



Seguiram-se mais actividades de classificação, com animais, outra com frutos e legumes, seguida de uma de seriação de frutos pois a anterior não correu novamente muito bem.

Depois de mais algumas actividades, já perto do final do ano, realizou uma actividade bastante mais complexa, em termos de competências a adquirir. Usando a canção dos “cinco patinhos”, (Anexo XVII) que foram elaborados em cartolinas coloridas, que fixou no quadro, trabalhou vários aspectos; classificou a mãe pata e os patinhos, agrupou-os, ordenou-os conforme entravam e saíam de cena, contou-os juntamente com as crianças mais do que uma vez e por fim ainda realizou algumas operações básicas de adição e subtracção, escondendo ou fazendo aparecer um patinho. As crianças aderiram e participaram com imenso entusiasmo nesta actividade e as competências que a discente tinha previsto, foram adquiridas, o que confirma o que foi exposto atrás, quanto à importância do papel do educador ao proporcionar às crianças experiências diversificadas, de um modo sequencial e que progressivamente lhes permitam ir construindo noções matemáticas.

Um quadro resumo das actividades desenvolvidas na área da matemática pode ser visualizado no anexo XVIII.

Após esta breve exposição a discente fica na expectativa de aprofundar posteriormente o tema analisado, com vista a uma maior e melhor articulação entre os conteúdos a abordar, com melhores resultados no processo de ensino-aprendizagem.

### **3. REFLEXÃO**

De acordo com DEB (1997), o processo educativo deve passar por várias fases, interligadas, que se vão sucedendo e aprofundando o que pressupõe observar, planejar, agir, avaliar, comunicar e articular.

Observar as crianças e o grupo de 20 crianças, na faixa etária dos três anos, foi uma etapa fundamental, que permitiu à discente, através dos instrumentos já referidos atrás, recolher informações sobre as capacidades, interesses e dificuldades das crianças, que lhe permitiram delinear o PCA e as perspectivas educacionais para o grupo de crianças. Este PCA levou em conta o projecto “Optimist” que orienta a prática pedagógica do Colégio Planalto Infantil e que consiste numa metodologia que promove de modo intencional uma grande estimulação das crianças em várias áreas, tentando prevenir

dificuldades de aprendizagem futuras, assim como dá um especial enfoque à formação humana das crianças.

O planeamento diário e semanal das actividades foi sempre feito considerando o PCA, assim como três outros aspectos: O primeiro, tentando ir para além do já bastante estimulante e variado projecto “Optimist”, ao empenhar-se em diversificar o tipo de actividades, de estratégias e de materiais utilizados, de modo a motivar e desafiar as crianças para as suas propostas. O segundo, considerando as áreas nas quais pensava ter mais dificuldades em criar actividades estimulantes: na área da Expressão Plástica, pois possuía muito pouca formação académica e experiência nesse âmbito, e na área do Conhecimento do Mundo, pois considerava difícil implementar estratégias estimulantes e diversificadas, com actividades com o grau de dificuldade adequado para crianças da faixa etária considerada. O terceiro e último aspecto, e bastante importante, o facto de só ter meia hora de intervenção com as crianças. Todos estes aspectos contribuíram para uma reflexão sobre as intenções educativas e o modo de as concretizar, considerando os constrangimentos/desafios atrás expostos.

No que concerne à acção, a estagiária conseguiu concretizar todas as actividades a que se tinha proposto, com materiais sempre antecipadamente preparados, e adicionalmente em alguns casos conseguiu incluir propostas imprevistas que surgiram, das crianças e por vezes da educadora, ao longo das suas intervenções. Sentiu no entanto algumas dificuldades, que se traduziram em alguns casos em actividades menos bem sucedidas. Uma delas foi o curto espaço de tempo de que dispunha, que não lhe permitia desenvolver actividades mais longas e com continuidade ao longo da manhã, ao contrário do que sucedeu por exemplo num dos dias sem projecto “Optimist”, referido no ponto 1.5., em que pôde elaborar com as crianças um foliar da Páscoa, a respectiva receita para afixar e divulgar aos pais, e ainda embalar para levar para casa no final do dia, dando às crianças a ideia de articulação entre as actividades. Outro aspecto, relacionado com este, refere-se ao tempo em estágio que se resumia a duas manhãs e que parecia descontextualizar as actividades realizadas, mais do que a referida meia hora de intervenção. O facto de não estar todo o dia, nem ao longo de toda a semana, não permitia avaliar em que medida as aprendizagens evidenciadas ao longo das actividades, tinham ficado devidamente consolidadas, ou mesmo conseguir inter-relacioná-las com outras actividades realizadas pela educadora.

No entanto, o aspecto de tempo curto, quase cronometrado, representou para si duas vantagens importantes: a primeira fez com que tivesse de se empenhar bastante na gestão do tempo e a segunda fez com que o resto da manhã fosse destinado a observação directa e reflexão sobre as práticas da Educadora Cooperante, o que representou para si momentos fundamentais e insubstituíveis de aquisição de conhecimentos quanto a estratégias, actividades, técnicas, organização da sala, do grupo e do tempo, que de outro modo não teria adquirido.

Segundo Alarcão e Roldão (2009), o envolvimento pessoal é fundamental na construção da profissionalidade, não no sentido de individualismo, mas emergindo da partilha de experiências e saberes, como elemento formativo basilar. Na formação contínua esta dimensão é referente ao trabalho de equipa, mas na formação inicial das educadoras-estagiárias, esta aparece associada ao apoio e exemplo das educadoras cooperantes, e à influência do “feedback” gerado na interacção.

A intencionalidade do educador pressupõe tomar consciência da acção para ir adequando o processo às necessidades das crianças e do grupo, assim como à sua evolução, ou seja, avaliar a acção e os seus efeitos. De acordo com a circular nº4/2011 de 11 de Abril, a avaliação em EPE é um processo formativo, mais centrado nos processos do que nos resultados finais, que se baseia na observação contínua da criança e do grupo, dos seus progressos, como suporte à planificação e reajuste da acção educativa. Segundo Braga et al. (2004) a função da avaliação é essencialmente de auto-regulação, para se analisar o que está a correr bem ou mal e, a partir daí introduzir melhorias no próprio processo de ensino/aprendizagem.

No que respeita à avaliação das competências das crianças, foi utilizada no início e no final do ano uma “check-list” que permitiu concluir a progressão destas ao nível curricular e psicossocial.

Ao longo do estágio realizou semanalmente uma auto-reflexão e auto-avaliação sobre as suas práticas, reflectidas no seu portefólio de estágio. Estas permitiram-lhe concluir que todas as crianças participaram com entusiasmo nas actividades propostas, com excepção de algumas intervenções em que a actividade desenvolvida não foi adequada à faixa etária, quer por falta, quer por excesso, no nível de exigência requerido, quer as estratégias utilizadas se revelaram inadequadas, por necessitarem de grandes tempos de atenção, serem demasiadamente expositivas ou pouco estimulantes. Como já foi referido a gestão do tempo foi também em alguns casos um

constrangimento, que não permitiu desenvolver a actividade como previsto, o que fez por vezes com que a discente “acelerasse o ritmo”, concentrando-se em conseguir concluir as actividades previstas dentro do tempo. Esta situação levou algumas vezes a que não conseguisse observar as crianças e as suas reacções, motivando um controlo inadequado do grupo, ou mesmo perda total de controlo, que levou a que tivesse de intervir na sua resolução.

A discente tem ainda consciência de que em alguns momentos de insegurança, utilizou estratégias repetidas, por saber previamente do seu sucesso em termos de interesse das crianças e de gestão adequada do tempo reduzido que tinha para cada actividade.

No que respeita à comunicação e articulação com os restantes membros da comunidade educativa, a discente manteve sempre uma excelente relação de cooperação com todos, apostando no trabalho em equipa, à excepção dos pais, com quem apenas contactava de modo muito breve no acolhimento das crianças.

Este Estágio foi essencial para ver como a prática se articula com a teoria, assim como a perceber que o trabalho de equipa é fundamental para um bom ambiente educativo e a articulação das funções de cada elemento da comunidade educativa, da Educadora à Auxiliar, às colaboradoras do refeitório, até aos Pais, todos são importantes na educação e formação das crianças.

Neste momento, se pudesse voltar atrás no tempo, com a experiência que adquiriu ao longo de todo o ano lectivo e o nível de conhecimento do grupo que obteve, certamente reformularia parte das actividades que foram previstas e/ou realizadas, na medida em que iria utilizar (ou adequar) as estratégias que atesta serem aquelas que mais impacto e melhores resultados teriam nas crianças, ao nível do desenvolvimento das competências previstas, da sua valorização e motivação. Segundo Fisher in Siraj-Blatchford (2004, p.3) “O educador reflecte sobre a avaliação do planeamento e do ensino que lhe permite identificar, neste processo de auto-avaliação, as suas próprias áreas de desenvolvimento pessoal e profissional, que se analisadas com o devido rigor, conduzirão a alterações que beneficiarão as crianças nos seus planeamentos futuros, de modo a fazer o próximo ciclo ainda melhor”. E articulando com a investigação que realizou sobre o ensino da matemática no ensino pré-escolar, na caracterização do seu “dilema”, posterior à realização do estágio, iria certamente dar outro rumo às

intervenções nesta área, que lhe permitissem comprovar as leituras que fez, com um número mais elevado de intervenções.

Até agora tudo o que foi referido, poder-se-ia articular com o DL nº240/2001 referente ao Perfil Geral de Desempenho do Educador de Infância e do Professor do 1º Ciclo, no que se refere às suas primeiras três dimensões: profissional, social e ética; de desenvolvimento do ensino e da aprendizagem; da participação na escola e de relação com a comunidade.

Referindo-se à quarta e última dimensão, de desenvolvimento profissional ao longo da vida, a discente considera que o estágio lhe permitiu comprovar a necessidade de uma permanente reconstrução do conhecimento, pessoal e profissional, só possível através de uma prática auto-reflexiva, pesquisas, muitas leituras, acções de formação contínua e partilha de saberes e experiências com os pares.

Terminado o estágio em ensino pré-escolar, a discente considera que esta etapa foi bastante enriquecedora mas não está finalizada, que se encontra num processo contínuo, que requer tempo, dedicação e aprendizagem permanente ao longo da vida. Segundo Arends (1999, p.19) “Tornar-se competente, não interessa em qual actividade, leva muito tempo” pois aprender a ensinar é um processo de aperfeiçoamento e crescimento, que se desenvolve ao longo de toda a vida, durante o qual se vai gradualmente descobrindo um estilo próprio, através de reflexão e pesquisa críticas”.

A discente considera ainda que o estágio na valência de pré-escolar foi importante, no sentido de lhe permitir visualizar uma “continuidade educativa” com o estágio na valência seguinte, no 1º Ciclo do EB, que será apresentado a seguir.

## **CAPÍTULO II – PRÁTICA DO ENSINO SUPERVISIONADA III**

### **1. APRESENTAÇÃO DA PRÁTICA PROFISSIONAL NO 1º CEB**

O estágio desenrolou-se ao longo de quatro manhãs por semana (3ª a 6ªfeira), das 8:30 às 12:30, do primeiro semestre do ano lectivo 2011/2012 no Colégio Mira Rio com um grupo de 16 crianças do 1º ano do 1º Ciclo do EB.

Iniciou a 4 de Outubro de 2011 com uma etapa inicial de 2 semanas de observação, tendo-se seguido, a partir de 18 de Outubro de 2011, as intervenções da discente que se prolongaram por 12 semanas, até 20 de Janeiro de 2012. O estágio foi supervisionado pela Mestre Fátima Santos, tendo sido apoiado pela Professora Cooperante Maria Fernanda Martins.

O grupo de crianças era constituído por crianças que no final do ano teriam todas 6 anos e grande parte faria 7 anos ainda antes do final do ano lectivo. Segundo a teoria dos estádios de Piaget (Papalia, Olds & Feldman, 2001) estas crianças estão a entrar no estádio das operações concretas realizando tarefas a um nível mais elevado do que no estádio anterior, nomeadamente, já compreendem melhor a diferença entre a fantasia e a realidade, aumenta a sua capacidade de classificação, de realizar raciocínios lógicos por indução e dedução, fazer juízos acerca de causas e efeitos, compreender, visualizar e usar as relações espaciais, operar com números, assim como a conservação (a quantidade de uma coisa permanece igual mesmo quando se “muda o recipiente”). No entanto o seu raciocínio é ainda muito limitado ao aqui e agora.

#### **1.1. Caracterização da comunidade envolvente**

Como já foi referido no capítulo anterior, é fundamental caracterizar o meio envolvente à instituição e os seus recursos, que possam, eventualmente, ser aproveitados na prática pedagógica do professor.

De acordo com informações recolhidas de sites, citados no suporte documental, assim como de observação directa e registo na ficha do meio (Anexo I), o Colégio Mira Rio fica localizado no Bairro do Restelo que é uma zona essencialmente residencial da freguesia de São Francisco Xavier, concelho de Lisboa.

Trata-se de uma zona de baixa densidade populacional, em que a população da freguesia cobre todos os escalões etários e níveis sócio-económicos, existindo pessoas a

residir em habitações sociais e outras em moradias de luxo. Os apartamentos, com excepção da zona das “Torres do Restelo” são de pouca altura, em geral menos de 6 pisos. Na zona do bairro do Restelo, outrora ocupada por vivendas de famílias com posses, estão actualmente instaladas algumas empresas.

Existem alguns estabelecimentos comerciais de apoio aos residentes como cafés, pequenos supermercados, mercearias e talhos, entre outro pequeno comércio, mas sempre de pequena dimensão, dado o baixo número de residentes. É necessário os residentes deslocarem-se às freguesias adjacentes de Santa Maria de Belém, Ajuda ou Algés, para terem acesso a estabelecimentos mais diversificados e de maior dimensão. A freguesia possui recursos de apoio à comunidade como transportes públicos, estabelecimentos de ensino, de saúde e outros mas em pequeno número, sendo por vezes necessário utilizar os das freguesias próximas.

As ruas encontram-se limpas, bem cuidadas e em bom estado de conservação, razoavelmente iluminadas, existindo algumas zonas onde passa tão pouca gente que existe receio por parte dos residentes em circular a pé, mesmo durante o dia. Os acessos a esta zona são bons, apesar de não estarem adequadamente sinalizados, assim como grande parte dos serviços de apoio à comunidade sinalizados.

## **1.2. Caracterização da Instituição**

“Ser professor é compreender os sentidos da Instituição”(Nóvoa, 2009, p.30), permitindo adequar a prática da estagiária aos seus ideais, às suas intenções educativas.

### **1.2.1. Localização da Instituição**

O Colégio está situado em duas instalações em ruas adjacentes, na Av. do Restelo, nº9, e na Av. Dom Vasco da Gama, nº17, numa zona habitacional do Bairro do Restelo, Freguesia de São Francisco Xavier, Concelho de Lisboa. A primeira morada destina-se ao ensino pré-escolar, ao 1º CEB e ao 5º ano do 2º CEB. A segunda abrange os restantes anos e ciclos até ao final do secundário.

### **1.2.2. Tipo de Instituição**

O Colégio Mira Rio é uma instituição particular e sem fins lucrativos, propriedade da Cooperativa Fomento de Centros de Ensino

### **1.2.3. Breve História da Instituição**

O Colégio Mira Rio, pertence à mesma Cooperativa de Ensino que o Colégio Planalto, em que a discente estagiou na valência de pré-escolar, tendo sido fundados ambos os colégios em 1978, numa vivenda no Bairro do Restelo. Em 1983 o Planalto transferiu-se para Telheiras e o Mira Rio, uns anos depois adquiriu outra vivenda de modo a conseguir abranger todas as valências desde o pré-escolar ao final do secundário.

O crescimento e o desenvolvimento do Colégio Mira Rio cruza-se desde o início com a história das muitas famílias que o compõem, havendo actualmente no corpo docente antigas alunas das primeiras gerações formadas no Colégio, assim como muitas mães das actuais alunas foram igualmente antigas alunas do Colégio.

O lema gravado no escudo do Colégio “Mirare impetum fluvii” (Olhai o ímpeto do Rio) remete para o Rio Tejo que se avista do Colégio e para a motivação e energia com que cada aluna dele sai para contagiar a sociedade com os valores humanos e profissionais em que foi formada.

### **1.2.4. Características do Edifício**

Os edifícios, instalações e equipamentos ao serviço do Colégio pertencem à Cooperativa SOCEI que os disponibiliza à Fomento para uso do Colégio.

Através de observação e registo na ficha do meio (Anexo I) foi possível concluir que o Colégio está separado do meio circundante por gradeamentos e muros intransponíveis, sendo necessário passar por um portão e uma porta permanentemente vigiada e fechados para aceder às instalações.

Segundo informação recolhida junto da Coordenadora do 1ºCiclo o Colégio está dividido em duas instalações, totalmente separadas e que distam entre elas cerca de 800 metros. No Mira Rio 1 funciona o Ensino Pré-Escolar, o 1ºCEB e ainda o 5º ano do 2ºCEB, enquanto no Mira Rio 2 funciona o 6º ano do 2º CEB, o 3º CEB e Secundário. Existem serviços administrativos de apoio em ambas as instalações.

Cada uma das instalações teve origem numa antiga vivenda que foi totalmente remodelada e adaptada para o fim a que se destina actualmente. As instalações encontram-se em bom estado de conservação, derivado de obras de beneficiação que



são realizadas anualmente, no entanto é evidente a idade das mesmas, pelo tipo de construção e algum desgaste natural.

A área do 1ºCiclo onde se desenrolou o estágio, no Mira Rio 1, constitui os pisos térreos e primeiro piso dessa vivenda, sendo o 1º ano leccionado no piso zero, no qual se localizam também a capela, a sacristia, uma sala do 5º ano (neste momento só existe uma turma a funcionar), as casas de banho das alunas e das Professoras e a recepção/apoio administrativo.

Os 2º, 3º e 4º anos são leccionados nas salas do 1º piso onde se localiza ainda a Sala das Professoras.

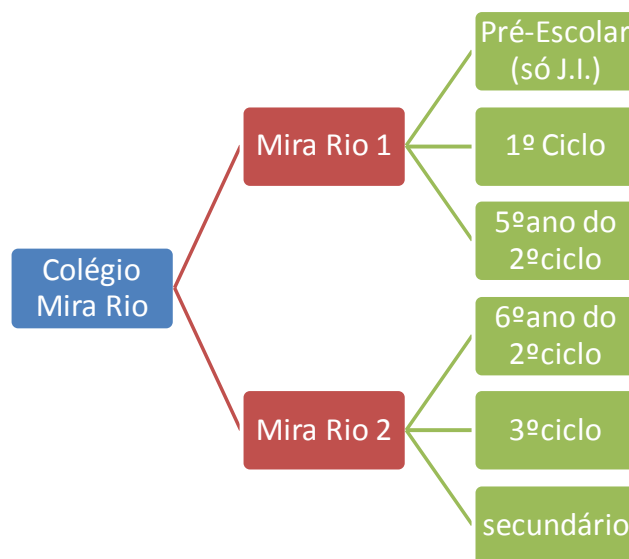
No piso -1 funciona o Ensino Pré-Escolar com uma sala para cada idade (três, quatro e cinco anos) e as respectivas casas de banho. Adjacente ao piso -1 existe o acesso ao jardim exterior, que possui um grande telheiro e uma zona descoberta, sendo na globalidade uma zona onde todos os níveis de ensino convivem livremente nos intervalos. Nesta zona exterior está localizado um pequeno pavilhão onde são leccionadas as aulas de Motricidade do EPE já que a Educação Física é actualmente leccionada, por falta de espaço, nas instalações do Sport Algés e Dafundo, em Algés, assim como existem casas de banho para as alunas. Existe ainda outro pequeno pavilhão onde funciona a cozinha e o refeitório.

As instalações e áreas ajardinadas circundantes encontram-se cuidadas e em bom estado de conservação, existindo algumas zonas cobertas, por tapumes plásticos, para os dias de chuva ou de muito sol.

#### **1.2.5. Várias Valências Existentes**

Existem, como já foi referido, duas instalações (vivendas) nas quais funcionam as diferentes valências, cuja distribuição pode ser vista na figura seguinte.

Figura 2- Distribuição física das valências no Colégio Mira Rio



#### 1.2.6. Pessoal Docente, Não Docente, Número de Crianças

No colégio Mira Rio 1 existem actualmente oito professoras de 1º ciclo, três educadoras de jardim-de-infância, três auxiliares de acção educativa, uma secretária de apoio administrativo, duas auxiliares gerais e cinco auxiliares de refeitório.

Dado existir outra instalação, a coordenadora pedagógica do 1º ciclo, a directora, a subdirectora, os três capelões e as professoras da turma do 5ºano dividem-se ao longo do dia entre as duas moradas.

No que respeita ao número de crianças, o pré-escolar possui 62 crianças, o 1º CEB tem 135 alunas e o 5ºano do 2º CEB tem 27 alunas, totalizando 224 crianças no colégio Mira Rio 1.

#### 1.2.7. Funcionamento: Horários; Período Lectivo

O horário de funcionamento do Colégio é de 2ª a 6ª feira, das 8:00 às 19:00.

As actividades das alunas do 1º ciclo desenrolam-se das 8:30 às 16:15 e o período depois das 17:00 é considerado como de componente de apoio à família.

O calendário escolar do Colégio prevê o seu funcionamento durante todo o ano encerrando apenas para férias escolares no mês de Agosto, estando também encerrados os serviços administrativos da Infantil, mas os do Colégio apenas encerram uma semana em Agosto.

Nos períodos de férias escolares (Natal, Páscoa, Praia) as instalações estão abertas, apenas para os alunos do pré-escolar.

#### **1.2.8. Projecto Educativo**

O Projecto Educativo do Colégio Mira Rio (Anexo XIX) integra três aspectos:

A **Educação Personalizada** em que a Preceptora tem um papel fundamental e permite uma atenção singular e individual em todo o processo educativo, ajudando a aluna num processo de auto-conhecimento que lhe permita superar as suas dificuldades e conhecer as suas competências e virtudes. A Preceptora e a aluna constroem um plano de estudo personalizado, tendo em conta o tempo disponível, o contexto familiar da aluna, as suas dificuldades e os seus pontos fortes.

A **Educação Diferenciada** cujo modelo respeita a diferença entre os ritmos de aprendizagem, desenvolvimento cognitivo e maturidade dos rapazes e das raparigas. Esta separação, segundo o Colégio, permite um melhor e mais harmónico desenvolvimento da personalidade, melhora o processo de socialização, incrementa a excelência e aumenta a auto-estima.

A **ligação Família-Colégio**, no sentido em que pretende ser um prolongamento e complemento da família tendo em conta que esta é a primeira escola de formação

#### **1.2.9. Articulação da Instituição com a Comunidade/Família**

Tal como o Colégio Planalto, também o Colégio Mira Rio refere, no seu site, no Projecto Educativo (Anexo XVIII), a ligação entre a Escola e a Família como uma das suas vertentes fundamentais. Considera que a educação é uma responsabilidade e um direito irrenunciável dos pais com os quais o Colégio colabora, sem os substituir. O Colégio considera que só é possível uma educação de qualidade quando a família e o colégio partilham valores e princípios educativos.

São desenvolvidas várias actividades, semelhantes às que foram descritas para o Colégio Planalto, que também se reflectem na melhoria da relação escola-família.

### **1.3. Caracterização do grupo de crianças**

Através de observação, entrevista e conversas informais com a professora cooperante e posterior preenchimento da ficha da classe (Anexo VIII) foi possível

concluir que o grupo é uma classe homogénea, do 1º ano do 1º CEB, constituída por 16 crianças, do sexo feminino, com seis anos feitos até final de Dezembro de 2011.

Com os dados atrás recolhidos foi possível concluir que se tratava de uma turma com bastante potencial de aprendizagem, com boa capacidade de concentração e de trabalho, possuindo bases bastante sólidas nas várias áreas curriculares que foram adquiridas no ensino pré-escolar, que todas frequentaram em diversas instituições. Através de observação foi evidenciado muito interesse e entusiasmo por aprender a ler e escrever, assim como em tudo o que fossem novas aprendizagens, independentemente da área curricular. As alunas demonstraram também estar bastante motivadas para a aprendizagem das rotinas diárias, desde a oração da manhã, à oração do almoço, às várias rotinas de higiene e de arrumação da sala e das suas coisas.

À data de início do estágio, a 4 de Outubro, apenas duas alunas ainda tinham cinco anos, sendo estas as que se destacavam menos bem ao nível da concentração e de saber estar sentadas. Existiam alguns conflitos entre as alunas, que eram geridos de modo bastante eficaz pela professora cooperante. Uma aluna em particular destacava-se pela atitude de oposição e desafio ao adulto, situação essa que se pensava ser devida a alguma instabilidade familiar que estava a viver, mas que tinha vindo a evoluir, encontrando-se no final do estágio, bastante bem controlada.

Tratando-se de uma turma exclusivamente feminina os seus interesses centravam-se nas histórias de encantar, de princesas, de pequenas heroínas, competindo entre si quem trazia mais livros, tal como as suas brincadeiras se orientavam para a família, a maternidade, as pequenas coisas bonitas que tinham e guardavam com muito cuidado (conchinhas, fitas de porta-chaves, pulseiras,).

#### **1.4. Trabalho pedagógico em sala**

O Projecto Curricular (Anexo XX) aplicado no Colégio apoiava-se no Projecto Educativo sendo elaborado a partir das opções tomadas pelos diversos órgãos colegiais (Direcção e Conselho Pedagógico), tendo em conta os contributos dos Departamentos, das Equipas Educadoras e da Colaboração Familiar. Tinha como referência o currículo a nível nacional, as aprendizagens fundamentais a ter em conta nas diversas áreas, a população alvo do Colégio com as suas características próprias e as expectativas de educandas e professoras.

Este Projecto Curricular tinha igualmente como referência o Ideário da Fomento (Anexo VI) e o Regulamento Interno (Anexo XXI).

Existem alguns aspectos que se destacam no Projecto Curricular: tais como o Projecto Mira Ciência, cujo objectivo principal é o de melhorar a qualidade do ensino da ciências; o Estudo Acompanhado, com planos de apoio educativo e de estratégias de aprendizagem; a Formação Cívica baseada no Programa para a Educação dos Valores Humanos, elaborado pelo colégio; o desenvolvimento de competências, que se deverão concretizar nos respectivos Projectos Curriculares de Turma, em cada disciplina, área ou ciclo.

À data de elaboração deste relatório o Projecto Curricular da Turma ainda se encontrava em construção, apesar de a docente cooperante ter informado através de entrevista, que o tema da sua sala era a “Reciclagem dos Plásticos”. No entanto, este ainda se encontrava a ser articulado com o Projecto Curricular do Colégio.

Ao longo das 12 semanas de estágio, foram realizadas actividades com as alunas fundamentalmente na área da Língua Portuguesa, devido a dois aspectos: o primeiro, o seu projecto ser nessa área e por outro, dado se estar com uma turma do 1º ano, a professora titular ter colocado esta área em 1º plano e como tal a trabalhar unicamente de manhã, ao passo que as áreas da matemática e do estudo do meio eram sempre trabalhadas da parte da tarde. Tal é evidenciado pelo gráfico abaixo. Apesar disso, tentou sempre articular as suas actividades com as várias áreas curriculares.

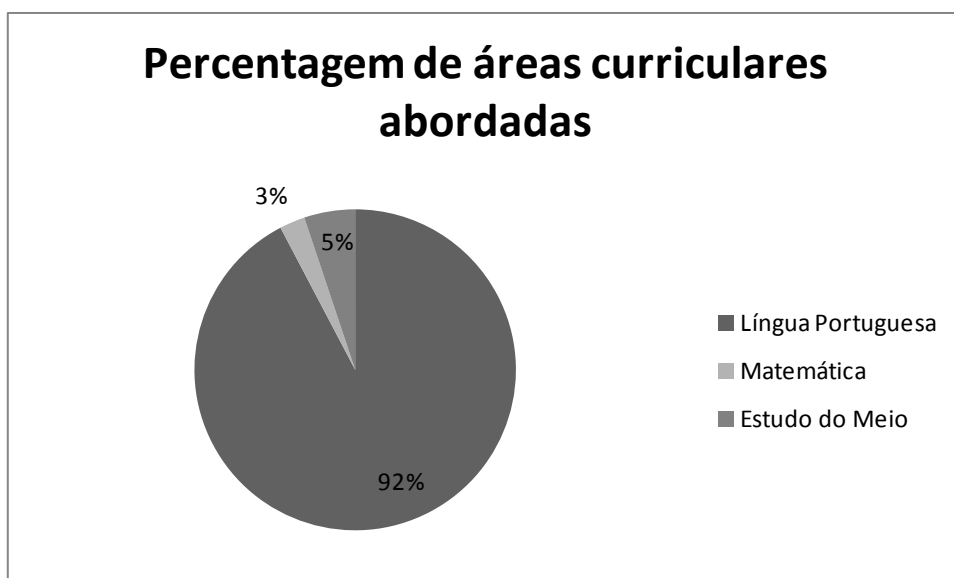


Gráfico 2 – Percentagem de áreas curriculares **trabalhadas**

Analisando o gráfico, a área da Língua Portuguesa foi trabalhada 36 vezes (92%), o Estudo do Meio duas vezes (5%) e a Matemática apenas uma vez (3%).

No que concerne às actividades planeadas e não planeadas, em termos de calendarização conseguiu sempre realizar a actividade base na semana prevista, sendo que as actividades complementares também foram sempre realizadas; teve, no entanto, alguns imprevistos, de actividades não planeadas pela professora titular, pela instituição ou ausências de professores, que levaram a alterar a sua sequência e o modo como as actividades se desenvolveram.

#### **1.4.1. Organização do espaço**

O Pré-Escolar possui três salas de jardim-de-infância, oito salas de 1º CEB, duas para cada ano e ainda uma sala do 5º ano do 1ºCEB.

A sala na qual se realizou o estágio é semelhante às restantes salas, dispondo de mesas e cadeiras adequadas às alunas e às professoras, placares para afixação de trabalhos, armários abertos e fechados em número na sua opinião bastante reduzido para guardar os materiais da professora e das alunas, que ficam no colégio, e cabides para os casacos. Algumas salas possuíam quadro inteligente e quadro de ardósia, mas aquela onde a discente se encontrava a estagiar apenas dispunha do último recurso.

Esta sala, cuja planta pode ser visualizada no Anexo XXII, dado o reduzido número de alunas, encontrava-se com as mesas organizadas em formação “u” e as alunas sentadas ordenadas por ordem alfabética. Ao longo do estágio esta ordem sofreu diversas alterações e ajustes, de modo a otimizar os benefícios desta disposição para as alunas e a professora.

#### **1.4.2. Organização do tempo**

No 1º ciclo as aulas iniciam às 8:30, param para o recreio da manhã das 10:30 às 10:50, prosseguindo até à hora de almoço. A hora de almoço inicia às 12:00 para o 1º ano, às 12:15 para o 2ª, às 12:30 para o 3º, às 12:45 para o 4º e às 13:30 para o 5º- Tal deve-se às reduzidas instalações do refeitório, e necessidade de não sobrepor os horários das alunas. Depois do almoço as alunas retomam as aulas da tarde 1:30 depois do início do almoço, por exemplo o 1º ano inicia às 13:30, o 2º às 13:45 e assim por diante. O recreio da tarde também é comum a todos os anos, tal como o da manhã e ocorre das 14:30 às 14:45. As aulas terminam para todas as alunas às 16:15. Pode ser visualizado o

horário da turma no Anexo XXIII que mostra que ao longo do dia a professora titular não está sempre com as alunas já que é responsável por todas as disciplinas com excepção da Educação Musical, Inglês, Religião, Educação Física e Formação Cívica, pelo que organiza as matérias diariamente de acordo com os tempos de que dispõe. Por exemplo, quando dispõe de duas horas de trabalho com as alunas, dá enfoque à língua portuguesa. No entanto, quando dispõe de apenas meia hora, dedica muitas vezes esse tempo à expressão plástica ou a tratar de assuntos referentes a recados para casa, atitudes das alunas, aspectos de melhoria. Na generalidade as duas professoras do 1º ano estão articuladas semanalmente em termos de conteúdos, realizando as provas de avaliação nos mesmos dias, visto estas serem elaboradas pelas duas.

### **1.5. Trabalhos mais significativos em contexto de sala**

Ao passo que no estágio em EPE foram identificadas actividades em dois extremos opostos, neste pretende-se registar actividades que se destacaram apenas pela positiva, dado não existir nenhuma actividade que se posicione no extremo negativo.

De todas as actividades, aquela que mais se destacou na sua opinião foi na semana de 8 a 11 de Novembro de 2011 em que foi utilizada a “história da Carochinha e do João Ratão” de Luísa Ducla Soares, uma versão em rima e com final feliz. A estratégia de animação de leitura usada foi a de contar a história usando máscaras tipo Veneza. As alunas adoraram a estratégia e quando questionadas sobre a actividade que gostariam de desenvolver baseada naquela história, sugeriram a realização individual de máscaras, o ensaio e posterior dramatização da história para outra turma. Foi o que fizeram e com bastante entusiasmo, tendo actuado, no final da manhã e com bastante sucesso, para a professora de inglês que representou a sua plateia.

Na semana de 10 a 13 de Janeiro de 2012 (Anexo XXIV) desenvolveu ao longo da semana com a história “A Princesa da Chuva” de Luísa Ducla Soares, várias actividades relacionando os nomes das personagens: o Rei Reinaldo, a Rainha Regina, com quadros de sílabas, associações palavra- imagem, lengalengas com a letra “r”, entre outras. No final da semana e em simultâneo com a ilustração de um momento da história pelas alunas, organizadas em grupos de 4 pela técnica de pintura a usar, as alunas criaram pequenos grupos em que construíram rolos com listas de palavras. Esta construção incluiu a montagem do rolo de cartão, a colagem de várias folhas coloridas em sequência de modo a formar uma folha de grande comprimento, o recorte de palavras iniciadas por determinadas sílabas e por fim a tentativa de escrita de palavras para essas

listas, aperfeiçoadas colectivamente, a escrita correcta a tinta preta, o recorte e a colagem na continuação da lista-roló inicial. A lista final ficou bastante completa e as alunas com vontade de adicionar mais, o que se comprovou no dia seguinte em que várias traziam já “passadas a limpo” várias palavras para colar nos rolos de palavras que tinham entretanto sido afixados nos placares, em local alto, dado o comprimento das listas.

## **2. PROJECTO EM CONTEXTO DE ESTÁGIO**

De acordo com DEB (1997), a palavra projecto vem do latim “projectu” que significa “lançado” relacionando-se com o verbo latino “projectare” que quer dizer lançar para diante. A partir desta raiz latina a palavra “projecto” pode ter vários sentidos em português: plano para a realização de um acto; tenção; redacção provisória de uma medida qualquer; esboço, entre outros.

Um projecto tem uma construção progressiva, no sentido em que a sua flexibilidade permite ir adaptando os meios aos fins. Por essa razão, apresenta diferentes fases: concepção, tomada de decisão, planeamento e avaliação - que se interligam pois terão de ir sendo retomadas ao longo do processo.

Um projecto tem um contexto específico em que se desenvolve, e uma dimensão temporal que articula passado, presente e futuro, num processo evolutivo que se vai construindo.

Um projecto implica o empenhamento de um grupo, no sentido em que é mobilizador/dinamizador desse mesmo grupo.

Foi, dentro do âmbito do atrás exposto que a supervisora do estágio em 1ºCEB propôs às discentes a elaboração de um Projecto Pedagógico durante esta etapa.

De acordo com as OCEPE a elaboração de um projecto, pressupõe um processo que tem um ponto de partida, uma situação que se pretende modificar, um problema que é necessário resolver, uma intenção, um desejo de realizar qualquer coisa que se traduz na decisão de desencadear um processo. Como ponto de partida, a discente caracterizou a instituição e o grupo, através dos instrumentos já referidos neste relatório, assim como realizou um questionário às alunas sobre as suas preferências e interesses,



complementada com uma entrevista (Anexo XXV) e conversas informais com a professora, devidamente registadas.

Desta análise e dado não ter encontrado nada que se destacasse sob um ponto de vista negativo, a discente seleccionou em alternativa um ponto forte do grupo: o seu interesse por narrativas, o seu entusiasmo por aprender a ler e a escrever, que complementados com o facto de estarem a iniciar a escolaridade obrigatória e de se tratar de uma turma exclusivamente feminina, que motiva as suas brincadeiras e leituras para as histórias de princesas, de mães, de heroínas, motivou o desenvolvimento de um projecto em torno da aprendizagem da leitura e da escrita, aliadas ao prazer e interesses das alunas. Este foi o “porquê” do projecto, a sua razão de existir.

De acordo com Sim-Sim (2007) as capacidades de aprendizagem da leitura e da escrita de uma criança não se reduzem à influência do meio e não se podem explicar sempre pela hereditariedade. Toda a aprendizagem resulta da interacção entre estes dois, relacionados com a experiência vivida pela criança em cada dia. Por isso a escola tem um papel de grande importância a desempenhar.

Assim, a temática seleccionada para o projecto que foi desenvolvido designou-se por “Lendo como as Princesas”, baseado nas personagens preferidas das alunas e no facto de que era (e é) através da leitura que estas princesas conseguiam aceder ao mundo “lá fora”, pelo que se pretendeu promover a leitura e escrita, adquirindo em simultâneo maior conhecimento do mundo que as rodeia, ou seja, o “para quê” do projecto, a sua intenção, os seus objectivos. O nome do projecto foi escolhido, por votação, entre as alunas.

Saber ler é uma condição indispensável para o sucesso individual, quer na vida escolar, quer na vida profissional já que permite maior facilidade no acesso à informação, através da leitura. O uso da linguagem escrita é imprescindível na vida actual, sendo indispensável saber ler fluentemente e escrever de forma eficiente para a realização de muitas actividades diárias. Como refere Sim-Sim (2007) é esperado que a escola desempenhe um papel importante na aprendizagem da linguagem escrita, que ao contrário da linguagem oral que é adquirida de forma natural e espontânea em contexto familiar, exige o ensino explícito e sistematizado de quem ensina e a vontade consciente de aprender por parte do aluno.

Por último, definiu-se como lá chegar, o “como”, que estratégias gerais e específicas iria utilizar e neste âmbito, com o apoio da sua supervisora e em

coordenação com a professora cooperante desenvolveu inúmeras actividades de animação de leitura, usando vários tipos de textos, com diversas estratégias de motivação do grupo. Com esta base, partiu para actividades diversas que incluíram trabalho cooperativo, a pares ou em grupos maiores, assim como jogos diversos de correspondência palavra-imagem.

No que respeita aos métodos de iniciação à leitura utilizados a discente optou sempre por uma abordagem analítica, em todas as intervenções pois segundo Niza e Martins (1998) através de alguns estudos foi possível verificar que no início da aprendizagem da leitura, estes métodos, que utilizam estratégias descendentes, que partem da frase para a palavra e da palavra para a letra, privilegiando o reconhecimento global de palavras, são considerados mais eficazes. A criança através da utilização de estratégias de reconhecimento de palavras através de índices visuais adquire o seu vocabulário visual, lendo (ou adivinhando) as palavras, desde que inseridas num contexto.

Mais tarde, a criança já consegue realizar algumas correspondências grafema/fonema, que lhe permitem descodificar algumas palavras desconhecidas, e numa última etapa, as crianças já são capazes de utilizar as regras mais complexas de correspondência entre sons e letras, tendo em conta os valores posicionais das letras, pelo que nesta fase os métodos sintéticos, que utilizam estratégias ascendentes, são considerados adequados a partir do momento em que impõe a decifração, nomeadamente a realização de operações de decomposição e de associação. Os modelos ascendentes consideram que a leitura implica um percurso linear e hierarquizado, do mais simples ao mais complexo, que vai de processos básicos como identificar e juntar as letras, passando por processos intermédios, como combinar letras em sílabas que por sua vez dariam origem a palavras que por sua vez se juntariam em frases, a processos de ordem superior, como a compreensão da frase.

De acordo com Rebelo (1990) a leitura não implica um percurso sequenciado de fases e cada fase não é caracterizada pelo uso exclusivo de uma estratégia a ser substituída por outra na fase seguinte, existindo estratégias dominantes num momento determinado da aprendizagem da leitura (e não estratégias exclusivas características de cada fase ou estágio), verificando-se que algumas estratégias são efectivamente abandonadas em fases mais avançadas da aprendizagem da leitura, por se revelarem pouco eficazes, ao passo que outras mantêm-se ao longo de todo o processo.

Foi, retomando então esta questão, e derivado da boa preparação ao nível da leitura e da escrita que todas as alunas tinham recebido no pré-escolar que a discente privilegiou uma abordagem analítica, em contraste com o método sintético que era sempre usado pela professora cooperante.

Nas suas intervenções para além do que já foi referido, iniciou a construção de um dicionário ilustrado com as palavras das histórias, construiu diversos quadros de sílabas com essas mesmas palavras, assim como incentivou trabalhos a pares em que foram criadas e posteriormente ilustradas palavras novas. Realizou palavras cruzadas, sopas de letras, ditados mudos, jogos de associação, entre outros, que de um modo lúdico incentivaram para a leitura e a escrita de palavras. De acordo com o DL 241/2001 (p.5574) - Perfil Específico de Desempenho do Educador de Infância e Professor do 1º CEB, o professor “incentiva os alunos a utilizar diversas estratégias de aprendizagem e de desenvolvimento da leitura em variados tipos de texto e com diferentes finalidades”.

A avaliação surge como a última etapa deste projecto, apesar de, pela sua natureza, ter sido considerada na concepção e planeamento do mesmo. A avaliação é, de acordo com Pais e Monteiro (2002) um meio e não um fim, que tem o objectivo de melhorar e regular progressivamente os processos e os produtos do ensino e da aprendizagem.

A avaliação é e deve ser uma prática diária. Para Arends (1999) os professores competentes são os que estão familiarizados com um conjunto de conhecimentos relativo ao ensino, que possuem um repertório de práticas eficazes, que têm atitudes de reflexão e de resolução de problemas e que consideram o processo de aprender a ensinar um processo ao longo da vida. Ou seja, se desde o início o professor não reflectir sobre a sua prática, a avaliação não será eficaz, assim como o ensino- aprendizagem e dificilmente se tornará um professor competente.

A avaliação foi sempre considerada ao longo da implementação deste projecto, quer das aprendizagens das alunas, quer da discente-estagiária, quer do próprio projecto e dos seus objectivos.

Para a avaliação das aprendizagens das alunas, utilizou-se a observação das intervenções orais e dos trabalhos escritos das alunas, e posterior registo, assim como análise à avaliação intermédia e final do 1º período das alunas, realizada pela professora cooperante.

A auto-avaliação da discente foi realizada semanalmente, através das suas reflexões semanais, em termos de competências a adquirir pelas alunas, estratégias utilizadas e sua adequação, modo de interacção com o grupo e aprendizagens realizadas. Esta auto-avaliação levou frequentemente à reformulação das actividades que tinha inicialmente calendarizado no projecto, ou seja, a foram sendo adaptados os meios aos fins

No que concerne à avaliação do projecto, nas duas últimas semanas de intervenção a estagiária focalizou as suas intervenções no sentido de conseguir aferir se os objectivos deste tinham sido atingidos. Para tal, além de observação e registo das competências adquiridas pelas alunas, a discente quis saber até que ponto as suas intervenções tinham tido relevância para o grupo e em que aspectos. Deste modo realizou uma entrevista aberta a cada aluna, permitindo que manifestasse livremente a sua opinião sobre as actividades desenvolvidas, quais gostou mais e porquê, quais gostaria de ter aprofundado mais, quais gostaria de repetir dentro dos dias ainda disponíveis e por fim, que actividades não foram contempladas e gostava que tivessem sido.

De um modo resumido, as alunas expressaram com entusiasmo as experiências que foram mais significativas e entusiasmantes, havendo um consenso naquelas em que a discente utilizou estratégias inovadoras ou em que a escolha do que se ia fazer recaiu nas alunas. Quanto às propostas do que ainda gostariam de realizar, a opinião da maioria foi na direcção de algumas histórias tradicionais e de jogos diversos em que fosse realizada a correspondência entre palavras e imagem, ou que implicassem leitura de palavras, decomposição em sílabas e criação de palavras novas, quadros de sílabas ou listas de palavras. Perante estas conclusões, a discente reconhece, satisfeita, que conseguiu efectivamente promover o interesse das alunas pela leitura e pela escrita.

### **3. REFLEXÃO**

O estágio na valência de 1º CEB representou uma etapa fundamental na formação da discente, que complementada com a concepção, planeamento e avaliação de um projecto pedagógico possibilitou que esta realizasse maiores e mais efectivas aprendizagens. As actividades previstas foram sempre realizadas, com as estratégias e os materiais a utilizar sempre antecipada e adequadamente preparados.

Sentiu que foi uma enorme vantagem ter estagiado anteriormente na valência de Pré-Escolar, pois conseguiu mais facilmente realizar a articulação com o 1º ano do 1º CEB, para além do facto de se tratar do mesmo centro de ensino, com os mesmos princípios orientadores e projectos educativos similares, lhe terem permitido uma melhor integração na instituição e logo uma maior confiança nas suas intervenções.

No que respeita às estratégias teve algumas dificuldades na gestão do grupo, exclusivamente feminino, cujo comportamento não correspondeu às suas expectativas, tendo sido necessário delinear planos de motivação e realizar diversos ajustes ao longo das suas intervenções.

Considera que o projecto pedagógico elaborado foi em alguns aspectos um constrangimento, tendo levado à sua maior focalização no mesmo e na área da Língua Portuguesa, o que fez com que nem sempre se empenhasse na criação de pontes de ligação entre as diferentes áreas curriculares, que possibilitassem às crianças a ideia de que tudo está interligado, assim como descurou áreas que sabia serem tratadas pela docente cooperante no período da tarde, como a Matemática ou o Estudo do Meio.

Outro constrangimento foi o horário da turma, Anexo XXII, que era diariamente interrompido com outras disciplinas e que, dado se tratarem de outras professoras e outros conteúdos, afectava a produtividade da aprendizagem das alunas. O ideal seria um horário em que as principais áreas fossem abordadas de manhã e no início da tarde, e as áreas das expressões, o inglês, a religião, entre outras, fossem todas colocadas nos últimos tempos do horário.

Considera também que o estágio foi curto em dois aspectos: um primeiro de não estagiar, nem os dias, nem a semana completa, que impossibilitou a percepção global do contexto educativo do grupo, e um segundo do facto de terminar em finais de Janeiro, não seguindo as alunas até ao final do ano lectivo, deixando-as a meio do percurso com a sensação de tarefa não terminada que daí advém. Foi no entanto mais “completo” do que o estágio em EPE, de apenas duas manhãs por semana, tendo possibilitado a noção de continuidade e de articulação entre as actividades desenvolvidas em diferentes dias.

Neste estágio, como já foi referido, privilegiou-se o uso de métodos analíticos no ensino da leitura, ao passo que a professora cooperante em oposição usava sempre métodos sintéticos. Este aspecto na sua opinião foi uma vantagem pois mais do que o ensino de leitura, pôde aprender a resolver os problemas que surgiam no processo.

Segundo Sim-Sim (2001), o ensino da leitura é fundamental na formação dos futuros professores, nomeadamente na resolução dos problemas que surgem a qualquer professor que tenha que ensinar a ler. Situações como ajudar uma criança a antecipar informação com base no título de um texto, ter consciência de um determinado som e conseguir representá-lo graficamente, entre outros, podem representar para o formando uma maior motivação e uma atitude de persistência, perante problemas de ordem prática que surgem na vida real de um professor. Estas situações, de articulação entre prática e teoria são essenciais na formação do futuro professor.

## CONCLUSÃO

Ao fazer uma análise ao percurso percorrido ao longo deste mestrado, a discente tem inevitavelmente que fazer uma comparação entre as duas instituições e as duas valências em que estagiou. Ambas as instituições pertencem à Cooperativa Fomento de Centros de Ensino pelo que os seus objectivos e orientações ideológicas e filosóficas são muito semelhantes, nomeadamente na perspectiva cristã e de desenvolvimento das virtudes humanas dos seus alunos, que pretendem conseguir através de uma educação personalizada e diferenciada (separação de sexos a partir do 1º ciclo), assim como de uma estreita e saudável colaboração entre a família e a escola. Não obstante as diferenças existentes entre as valências em que estagiou, assim como das particularidades que distinguem cada instituição, considera que foi uma desvantagem estagiar em duas instituições do mesmo centro de ensino, que não lhe permitiu alargar os seus horizontes para as diferentes realidades com que se poderá confrontar na sua futura vida profissional. Foi no entanto uma opção que tomou, a nível familiar e que lhe permitiu conciliar melhor o estágio com a sua família.

Apesar de tudo, o facto de ter estagiado em duas valências distintas, com realidades pedagógicas diferentes, foi uma experiência bastante enriquecedora, que lhe permitiu o cruzamento de diferentes perspectivas e experiências, rumo à construção da sua própria identidade profissional.

Conseguiu estabelecer uma ligação entre as duas valências, de caminho a percorrer, de articulação entre conteúdos e competências que se espera desenvolver, do que é esperado das crianças e do docente. Ainda se verifica muito, actualmente, um total desconhecimento e mesmo desvalorização por parte do docente do trabalho que é feito pelo docente da outra valência. E, neste âmbito, considera-se afortunada por ter tido a possibilidade de vivenciar ambas as valências e a sua essência.

Considera ainda que foi para si um privilégio estagiar em ambas as valências no início de cada uma das etapas, nos três anos, no pré-escolar e com o 1º ano, no 1º Ciclo. Ambas as situações lhe permitiram contactar com as crianças no início de cada uma destas etapas, com todas as dificuldades de adaptação das crianças e da própria estagiária, daí inerentes, mas ao mesmo tempo as vantagens de começar do zero, de poder fazer a diferença desde o princípio.

Ambas as profissões de Educadora ou Professora são, na sua opinião, extremamente exigentes e desafiantes, requerendo atitudes fundamentais como o registo das práticas, a reflexão sobre o trabalho desenvolvido e o exercício permanente da avaliação conducentes ao aperfeiçoamento contínuo do profissional. “ São estas rotinas que fazem avançar a profissão.” (Nóvoa, 2009, p.30).

A discente considera que estes estágios, lhe serviram como rampa de lançamento para a profissão de educadora ou de professora do 1º CEB. Permitiram-lhe contactar com ambas as realidades, e em simultâneo, através da prática reflexiva pesquisar e aprofundar questões que lhe permitiram melhorar e ir construindo a sua identidade profissional. O reconhecer a tarefa de ensinar como complexa e que a formação inicial é apenas uma etapa de um processo progressivo, individual, personalizado e único de construção e desenvolvimento da identidade profissional, são essenciais para prosseguir neste caminho de permanente aprendizagem, teórica e prática, de gradual aumento do auto-conhecimento e da auto-confiança, essenciais para o exercício desta profissão. Como refere (Nóvoa, 2009, p.30):

“Saber conduzir alguém para a outra margem, o conhecimento, não está ao alcance de todos. No ensino, as dimensões profissionais cruzam-se sempre, inevitavelmente, com as dimensões pessoais.”



## SUPORTE DOCUMENTAL

### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Alarcão, I. & Roldão, M.C. (2009). *Supervisão: um contexto de desenvolvimento profissional de professores*, Lisboa: Edições pedagogo (2ª edição).
- Arends, R. (1999). *Aprender a Ensinar*, Lisboa: Editora McGraw-Hill.
- Braga, F. et al (2004). *Planificação: Novos papéis, novos modelos: dos projectos de planificação à planificação em projecto*, Porto: Edições Asa.
- Carvajal, A. & Rabanal, L. (1997). *Enciclopédia da Educação Infantil - Vol. IV- Desenvolvimento lógico e representação matemática*. Lisboa: Nova Presença.
- Castro, J.P., Rodrigues, M.. (2008). *Sentido de número e organização de dados*. Lisboa: Ministério da Educação – Direcção Geral de Inovação e de Desenvolvimento Curricular.
- DEB (1997). *Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar*, Lisboa, Editorial do Ministério da Educação- Departamento da Educação Básica.
- Fisher, J. (2004). “A Relação entre o Planeamento e a Avaliação”. In SIRAJ-BLATCHFORD, I. (coord), *Manual de Desenvolvimento Curricular para a Educação de Infância*, Porto: (pp.21-40) Texto Editora.
- Lleixá Arribas, T. et al (2004). *Educação Infantil- Desenvolvimento, Currículo e Organização Escolar*, Porto Alegre (5ªedição): Artmed.
- Ministério da Educação (2006). *Organização Curricular e Programas Ensino Básico – 1ºCiclo*. 5ª Edição. Lisboa: Departamento de Educação Básica.
- Niza, I., Martins, M.A. (1998). *Psicologia da Aprendizagem da Linguagem Escrita*, Lisboa: Universidade Aberta.
- Nóvoa, A. (2009). *Professores – Imagens do futuro presente*. Lisboa: Educa.
- Papalia, D., Olds, S. & Feldman, R, (2001). *O mundo da criança*, Lisboa: Editora McGraw-Hill.
- Perrenoud, P. (1993). *Práticas pedagógicas - Profissão do docente e formação*. Lisboa: Publicações D. Quixote e Instituto de Inovação Educacional.

- Piaget, J. & Inhelder, B. (1984). *A imagem mental na criança*, Porto: Livraria Civilização.
- Ponte, J. & Serrazina, M.L. (2000). *Didáctica da matemática no 1º ciclo*. Lisboa: Universidade Aberta.
- Ponte, J. & Serrazina, M. et al (2007). *Programa de Matemática do Ensino Básico* – Lisboa: Ministério da Educação, Direcção Geral de Inovação e Desenvolvimento Curricular.
- Rebelo, D.(1990). *Estudo Psicolinguístico da Aprendizagem da Leitura e da Escrita*, Lisboa: Textos de Educação da F. C. Gulbenkian.
- Ribeiro, A. (2002). *A escola pode esperar*, Lisboa: Edições Asa.
- Sim-Sim, I. (2001). *A formação para o ensino da língua portuguesa na educação pré-escolar e no 1º ciclo do ensino básico*, Cadernos de Formação de Professores, nº 2, pp.51-64. Porto: Porto Editora.
- Sim-Sim, I. (2007). *O ensino da leitura a compreensão de textos*, Lisboa: ME-DGIDC.
- Sprinthall, N. & Sprinthall, R. (1993). *Psicologia Educacional – Uma abordagem desenvolvimentista*. Lisboa: Editora McGraw-Hill
- Tuckman, B.W. (2000). *Manual de Investigação em Educação*, Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Zabala, A. (1998). *A Prática Educativa- Como Ensinar*. Porto Alegre: ArtMed.

## LEGISLAÇÃO

- Avaliação na Educação Pré-Escolar – Circular nº4/2011 de 11 de Abril
- Regime jurídico de Habilitação Profissional para a docência na Educação Pré-Escolar, no Ensino Básico e Secundário - DL nº43/2007 de 22 de Fevereiro.
- Legislação Nacional dos Estabelecimentos Educação Pré-Escolar- Despacho conjunto nº 268/97 de 25 de Agosto de 1997· DR 195 - SÉRIE II - Emitido Por Ministérios da Educação e da Solidariedade e Segurança Social
- Lei-quadro da Educação Pré-Escolar- Lei n.º 5/97 de 10 de Fevereiro.

- Metas de aprendizagem (2011). Estabelecimento de um quadro de Níveis de Referência para o Currículo Nacional.
- Padrões de desempenho docente- Despacho n.º 16034/2010, de 22 de Outubro
- Perfil Específico de Desempenho do Educador de Infância e do Professor do 1º Ciclo do Ensino Básico- Decreto-Lei n.º 241/2001, de 30 de Agosto.
- Perfil Geral de Desempenho do Educador de Infância e do Professor dos Ensinos Básico e Secundário- Decreto-Lei n.º 240/2001, de 30 de Agosto.

## **INFORMAÇÃO ELECTRÓNICA**

- Blog sobre Telheiras: <http://lxtelheiras.blogspot.com/> (Acedido Janeiro 2011)
- Dicionário Porto Editora: <http://www.portoeditora.pt/alp/dol/dicionarios-online/> (Acedido Janeiro 2012)
- Dicionário Priberam da Língua Portuguesa: <http://www.priberam.pt/dlpo/> (Acedido Janeiro 2012)
- PORTUGAL, G. (2009). Para o educador que queremos, que formação assegurar? [www.exedrajournal.com/docs/01/9-24.pdf](http://www.exedrajournal.com/docs/01/9-24.pdf) (acedido Fevereiro 2012)
- Site da Associação de Residentes de Telheiras: <http://www.artelheiras.pt/> (Acedido Janeiro 2011)
- Site da Câmara Municipal de Lisboa: <http://www.cm-lisboa.pt/> (Acedido Janeiro 2011 e Outubro 2011)
- Site da Google Maps - <http://maps.google.pt/maps> (Acedido Janeiro 2011 e Outubro 2011)
- Site da Junta de Freguesia de São Francisco Xavier: <http://www.jf-lumiar.pt/> (acedido Outubro 2011)
- Site da Junta de Freguesia do Lumiar: <http://www.jf-lumiar.pt/> (Acedido Janeiro 2011)
- Site do Colégio Mira Rio: <http://www.colegiomirario.pt/> (acedido Outubro 2011)
- Site do Colégio Planalto: <http://www.colegioplanalto.pt/> (Acedido Janeiro 2011)

# ANEXOS



**ANEXO I**  
**FICHA DO MEIO**

**1- Identificação da Escola**

- 1.1-Designação \_\_\_\_\_
- 1.2-Ensino \_\_\_\_\_
- 1.3-Localidade \_\_\_\_\_
- 1.4-Concelho \_\_\_\_\_
- 1.5-Freguesia \_\_\_\_\_
- 1.6-Freguesias Limítrofes \_\_\_\_\_

**2- A Escola no seu Espaço Envolvente**

2.1- Zona ou Bairro em que se insere

\_\_\_\_\_

2.2- Zonas ou Bairros de confinção

\_\_\_\_\_

2.3- “Zona Escolar” ou “Pedagógica” a que pertence

\_\_\_\_\_

2.4- Situação da Escola dentro da Freguesia

\_\_\_\_\_

2.5- Outras Observações

\_\_\_\_\_

**3- Áreas Habitacionais dos Alunos**

3.1- Principais Áreas de Residência dos Alunos

\_\_\_\_\_

3.2- Situação da Escola em relação às áreas de residência dos Alunos

\_\_\_\_\_

3.3- Outras Observações

\_\_\_\_\_

#### 4. Localização do Meio em que a Escola se insere

##### 4.1- Arruamentos

	Boas condições	Más condições	Largos	Estreitos	Arborizados	Não arborizados
Ruas						
Avenidas						
Largos						
Becos						
Azinhaga						

##### 4.1.1- Outros. Quais?

---

##### 4.1.2- Iluminação dos arruamentos na área de protecção da Escola

{	Muito	<input type="checkbox"/>
	Razoável	<input type="checkbox"/>
	Pouco	<input type="checkbox"/>
	Nenhum	<input type="checkbox"/>

##### 4.1.3- Outras Observações

---

#### 4.2. Zonas verdes

##### 4.2.1. Particulares

	Nº	Espaço Ocupado
Jardins		
Matas		

Outros \_\_\_\_\_

##### 4.2.2. Públicas

	Nº	Espaço Ocupado
Jardins		
Matas		
Relvados		

Outros \_\_\_\_\_

#### 4.3- Zona de Acesso à Escola

##### 4.3.1- Transportes Públicos

Bom ☐

Razoável ☐

Mau ☐

Quais? \_\_\_\_\_

##### 4.3.2- A Escola tem Transportes?

Próprio ☐

Particular ☐

Qual a empresa? \_\_\_\_\_

#### 4.4. Principais Actividades Económicas

##### 4.4.1- Comércio

	Nº
Hipermercados	
Mercados	
Armazéns	
Centros Comerciais	
Pequenos estabelecimentos	
Produtos Alimentares	
Vestuário	
Cafés	
Restaurantes	
Livrarias	
Divertimento e Jogos	
Outros	



#### 4.4.2- Indústria

	Nº
Grande Empresa	
Pequenas e Médias Empresas	

Especificar:

---

Características principais das empresas

---

Outras actividades económicas

---

#### 4.5. Tipologia da População

##### 4.5.1-Residência

	Nº
Residentes	
Não residentes a trabalharem na zona	
Residentes que não trabalham na zona	

##### 4.5.2- Classes Populacionais:

Classe Superior (A)	
Classe Média Alta (B1)	
Classe Média Inferior (B2)	
Classe Inferior (C)	

Características específicas da população

---

Outros aspectos relevantes:

---

#### 4.6. Equipamento Escolar

##### Estabelecimento de Ensino Particular

	Sim	Não
Creche		
Pré-Escolar		
Primeiro Ciclo		
Segundo Ciclo		
Terceiro Ciclo		
Ensino Superior		
Ensino Especial		

##### Localização

Zona	Creche	Pré-Escolar	1º CEB	2º CEB	3º CEB	Superior	Especial
Nº							
Vivendas							
Prédios							
Barracas							
Outro Local							

Especificar a localização no caso de ser “Outro Local”

---

##### Estabelecimento de Ensino Oficial

	Sim	Não
Creche		
Pré-Escolar		
Primeiro Ciclo		
Segundo Ciclo		
Terceiro Ciclo		
Ensino Superior		
Ensino Especial		

##### Localização

Zona	Creche	Pré-Escolar	1º CEB	2º CEB	3º CEB	Superior	Especial
Nº							
Vivendas							
Prédios							
Barracas							
Outro Local							

Especificar a localização no caso de ser “Outro Local”

#### 4.7. Outras Instituições e Equipamentos

##### 4.7.1- Desportivas (Nome e Actividade)

##### 4.7.2- Recreativas (Nome e Actividade)

##### 4.7.3- Culturais

	Designação	Lotação	Entidade de que dependem
Cinemas			
Teatros			
Bibliotecas			
Museus			
Grupos Culturais (1)			

(1) Designar tipo de actividade

##### 4.7.4- Sociais

	Designação	Nº de utilizadores
Infantários		
Centros Sociais		
Lares		
Serviços de A. Social		
Bombeiros		
Outros		

#### 4.7.5- Instalações de Saúde e Equipamento Sanitário

	Nº
Hospitais	
Centros de Saúde	
Policlínicas	
Centros de Enfermagem	
Outros (1)	

(1) Designar quais:

#### 4.7.6- Outras Instituições

	Designação
Políticas	
Sindicais	
Populares	
Autárquicas	
Militares	
Para-militares	

#### 4.7.7- Relações da Escolas com as diversas Instituições

---

#### 4.7.8- Situação da Escola em relação às diversas Instituições

---

#### 4.7.9- Elementos descritivos (observações, notas, etc.)

---



## ANEXO II

### ENTREVISTA À EDUCADORA COOPERANTE E RESPOSTAS

#### 1. FINALIDADES E OBJECTIVOS

##### a) Na sua opinião quais são as finalidades da Educação Pré-Escolar?

A educadora acha que a Educação Pré-escolar contribui para a igualdade de oportunidades, para que as crianças possam ter um desenvolvimento equilibrado, mais ou menos ao mesmo nível.

##### b) Considera que esta instituição dá resposta às necessidades das crianças e dos pais?

Respondido pela Coordenadora Pedagógica em data anterior.

##### c) Existe projecto educativo na instituição? Quais as finalidades desse projecto educativo?

Respondido pela Coordenadora Pedagógica em data anterior.

##### d) Como é que o projecto educativo se adapta ao jardim-de-infância e como se concretiza?

Respondido pela Coordenadora Pedagógica em data anterior.

#### 2. CURRÍCULOS E EXPERIÊNCIAS DE APRENDIZAGEM

##### a) Quais as suas principais preocupações educativas e como as concretiza?

##### b) Que tipo de actividades/experiências de aprendizagem proporciona às crianças e como adequa as mesmas às características de cada criança e à progressão do desenvolvimento e aprendizagem do grupo e de cada criança?

Respondido pela Coordenadora Pedagógica em data anterior.

#### 3. ESTRATÉGIAS DE ENSINO-APRENDIZAGEM

##### a) Como está organizada a sua sala (áreas/cantinhos/materiais). O que acha que aprendem em cada área e quais as áreas mais utilizadas?

##### b) Como acha que as crianças aprendem a partir das experiências que lhes são proporcionadas?

##### c) Como estimula e apoia o desenvolvimento e aprendizagem das crianças?

##### d) Como está organizado o grupo? Como está organizado o tempo?

##### e) Qual a sua maneira de trabalhar? Segue algum método ou modelo?

Respondido pela Coordenadora Pedagógica em data anterior e obtido através de observação e registo, e entrevistas informais à Educadora nos intervalos registadas nos relatórios diários

#### 4. PLANEAMENTO, AVALIAÇÃO E REGISTO

##### a) Como planeia o seu trabalho? Com que periodicidade? Com base em algum documento?

##### b) Costuma fazer registos? O que costuma registar? Como trabalha esses registos?

##### c) Costuma avaliar o seu trabalho? Como? E avaliar o desenvolvimento e aprendizagem das crianças?

##### d) Conhece as orientações curriculares para a educação pré-escolar? Usa-as como base do planeamento e avaliação?

Respondido pela Coordenadora Pedagógica em data anterior e obtido através de observação e registo, e entrevistas informais à Educadora nos intervalos registadas nos relatórios diários

## **5. PESSOAL**

**a) Qual o nº de crianças e educadores na sua sala? Considera adequado o nº de crianças por adulto?**

Sim

**b) Qual a sua formação inicial e contínua? Quem a proporcionou (a Escola e por si própria) e que formação foi? Que formação gostaria de ter?**

A Educadora ingressou no Colégio Planalto já com a licenciatura terminada no ISEC, há 13 anos e nunca trabalhou noutro sítio. Para além da formação inicial no Projecto “Optimist”, ao longo dos anos tem realizado diversas formações, nomeadamente:

- formações de reciclagem e novos procedimentos do Projecto Optimist- cerca de 2 a 3 por ano

- formações com entidades externas que se deslocam ao Planalto para dar formações específicas, como primeiros socorros

- formações internas por formadores da Fomento ou acreditados, em temas específicos como necessidades de leitura, necessidades educativas especiais, entre outras

- formações externas por iniciativa própria mas que muitas vezes são conhecidas por iniciativa do Colégio (da direcção, da coordenação) que as difunde.

A Educadora considera que a formação é fundamental para o bom desempenho de um educador, e que o Colégio lhe tem proporcionado a formação necessária para desempenhar a sua actividade com confiança e sucesso.

## **6. ESPAÇOS**

**a) Considera os espaços e materiais da sua sala adequados ao desenvolvimento e aprendizagem das crianças? E o espaço exterior?**

**b) Está contente com a organização da sua sala? O que gostaria de melhorar?**

A Educadora considera adequado o nº de crianças na sala, assim como o número de educadores e auxiliares por sala.

Considera que o espaço da sua sala, assim como os materiais são adequados ao desenvolvimento e aprendizagem das crianças e sente-se bastante satisfeita com os mesmos. O facto de a sala ter um recreio privado também lhe agrada bastante pois foi muito importante para a integração das crianças no colégio, em vez de serem “largadas” no recreio “dos grandes”. O facto de a sala ser rectangular é o único aspecto que não aprecia, mas que infelizmente não pode mudar. A configuração da sala não permite determinadas organizações do grupo, sendo por exemplo impossível fazer uma grande roda circular, formando uma espécie de meia-lua, esticada nos extremos.

## **7. IGUALDADE DE OPORTUNIDADES**

**a) Acha que o jardim-de-infância pode contribuir para uma maior igualdade de oportunidades? Como? Tem essa preocupação? Acha que há essa preocupação nesta instituição? Como?**

A educadora acha que a Educação Pré-escolar contribui para a igualdade de oportunidades, para que as crianças possam ter um desenvolvimento equilibrado, mais ou menos ao mesmo nível.

## **8. PARTICIPAÇÃO DOS PAIS NA COMUNIDADE**

- a) Há preocupação de envolver os pais no trabalho desenvolvido com as crianças? Como?
- b) Os pais participam na instituição? Como? Há uma ligação com a comunidade? De que tipo e em que domínios?

## **9. MONITORIZAÇÃO E AVALIAÇÃO**

- a) Acha que esta instituição tem qualidade? Porquê? Há preocupação em ir melhorando a qualidade? Como e em que sentido?**

A Educadora considera que o Colégio é uma instituição em que a qualidade é uma preocupação permanente e ao longo dos quase 13 anos em que está no Colégio tem assistido a melhorias permanentes nas instalações, através de obras de benfeitoria, ampliações, alterações de materiais dos pisos, das paredes e outros, adequações à legislação e melhoria das condições físicas para um ensino-aprendizagem óptimo. Também ao longo destes anos verificou que o Colégio cada vez investe mais na formação dos seus colaboradores, quer na das educadoras, que é cada vez mais diversa e exigente, quer até na formação periódica das auxiliares e das auxiliares de refeitório e de limpeza

## **10. QUESTÕES PESSOAIS**

- a) Organização familiar, residência, estudos- remeter à ficha do Professor**
- b) Qual a razão da escolha da profissão?**

A sua formação foi no ISEC- Instituto Superior de Educação e Ciências, onde fez o bacharelato e posteriormente a licenciatura em Educação de Infância. A Educadora é natural de Gouveia, na Serra da Estrela mas mora em Lisboa desde os 18 anos. Desde criança, desde que frequentou a Infantil, que quer ser educadora, muito influenciada pela sua educadora na altura, uma freira, que toda a vida foi a sua referência. À medida que evoluía nos estudos, e depois da conclusão da licenciatura e com o início da vida profissional, confirmou os seus desejos e aquela que sempre pensou ser a sua vocação: ser Educadora de Infância.





## ANEXO III

### ENTREVISTA À COORDENADORA PEDAGÓGICA E RESPOSTAS

#### 1. FINALIDADES E OBJECTIVOS

##### a) Considera importante a Educação de Infância? Porquê?

Sobre as finalidades e objectivos da educação pré-escolar a CP acha que esta é fundamental para a evolução e triagem das crianças, que é fundamental todos chegarem às metas de aprendizagem, ao mesmo patamar. Acha que é importante que as crianças se sintam felizes na escola, que queiram aprender muito e que passem por situações de aprendizagem que lhes facilitem a vida futura. E a educação pré-escolar seja para elas apenas sucesso e festa, ou seja, êxitos e situações lúdicas. Acha que a educação pré-escolar deve iniciar-se aos 2/3 anos por uma questão de estabelecimento de rotinas, aumento da autonomia e nivelamento da linguagem, que antes disso, na fase de creche, caso exista algum estímulo em casa não é necessário.

##### b) Considera que esta instituição dá resposta às necessidades das crianças e dos pais? Quais as principais preocupações em cada um destes domínios?

Segundo a CP o Colégio dá resposta às necessidades das crianças e dos pais, o que tentam fazer activamente com as entrevistas e mais tarde o preceptorado no ensino básico. Ou os pais alinham nos objectivos que o Colégio propõe para a criança, ou então nada lhe fará sentido, ou seja, a actividade dos pais tem de ser cooperante com a do Colégio. Os pais têm de partilhar por exemplo o lema mensal que é “arrumo as minhas coisas”, de nada servirá arrumar no Colégio e não o fazer em casa. O trabalho muito perto das famílias é uma das características do Colégio. Como diz a Directora, Dra. Margarida, o Planalto é uma escola de pais, foi o sonho de alguns pais que constituíram uma cooperativa e fundaram o Colégio.

##### c) Existe projecto educativo na instituição? Quais as finalidades desse projecto educativo?

O Projecto Educativo é o Projecto “Optimist” que tem dois objectivos. O primeiro e mais importante é o de despistar eventuais dificuldades que as crianças possam vir a revelar no futuro, como disgrafia, dislexia,...em que actividades como por exemplo o padrão cruzado no circuito neuromotor fazem com que no futuro elas consigam vencer dificuldades ao nível motor. O segundo objectivo é através de programas específicos estimular ao máximo as capacidades da criança. Aliando os dois objectivos, por exemplo uma criança poderá aprender a ler mais pelo método global, ou pelo sintético-analítico, independentemente das dificuldades que revele ela há de aprender a ler e ao chegar ao 1º ciclo será capaz de vencer qualquer obstáculo e aprender a fazer qualquer coisa.

##### d) Como é que o projecto educativo se adapta ao jardim-de-infância e como se concretiza?

Resposta anterior

**e) Como é que o projecto educativo é divulgado aos diferentes intervenientes?**

A CP trabalhou anteriormente noutra instituição durante 12 anos e considera que nunca conheceu instituição como esta, nem Projecto tão estimulante e interessante.

O Projecto “Optimist” é divulgado aos intervenientes, nomeadamente aos pais, numa fase inicial na entrevista de admissão em que a direcção explica aos pais em que consiste o projecto e lhes entrega algumas brochuras explicativas. No ano actual fez-se uma reunião em Junho/Julho com apresentação de um “powerpoint” que explicava aos pais “novos” no colégio, quais as metodologias usadas. De seguida, e com continuidade ao longo dos trimestre e anos, realizam-se as entrevistas dos pais com as educadoras em que estes vão percebendo na prática como se concretiza o Projecto.

**f) Há preocupação de integrar crianças com NEE? Quantas crianças com NEE há no Colégio? Como é feita a sua inclusão? Como está organizado o apoio educativo?**

A CP diz que o Colégio já teve crianças com NEE mas que não tem estrutura para tal, dependendo da NEE que se está a considerar pois o Projecto é muito estimulante, exige acompanhamento e algumas crianças com NEE não o conseguem fazer. Para além disso o Colégio não tem nenhuma educadora de apoio educativo e as actuais educadoras mal têm tempo para dar apoio, só durante a meia hora de inglês mas o que aconteceria seria que essa criança nunca teria inglês, no fundo também ficaria para trás.

Outras questões relacionadas são o facto de o Colégio não ter psicólogo, não ser sua pretensão ter, e ainda o facto de algumas crianças terem NEE e os pais não o reconhecerem. Outro aspecto é o ensino privado e cooperativo, em oposição ao público, não estar legislado em termos de redução do número de crianças abaixo das 25, por cada criança com NEE.

## **2. CURRICULOS E EXPERIÊNCIAS DE APRENDIZAGEM**

**a) O que acha que as crianças devem aprender na educação pré-escolar?**

Respostas acima

**b) Que tipo de actividades/experiências de aprendizagem são proporcionadas às crianças?**

Em termos de estratégias de ensino-aprendizagem a CP considera que o Projecto “Optimist” proporciona experiências diversificadas, não havendo aspectos que não são contemplados.

**c) Considera que as actividades desenvolvidas dão resposta às necessidades das crianças? Facilitam a transição para a escolaridade obrigatória?**

Respostas acima

**d) O Colégio adopta algum modelo/método pedagógico de referência (por ex. MEM, ...)**

O Projecto “Optimist” não tem qualquer relação com o MEM, com os métodos João de Deus ou outros, foi desenvolvido à medida pela Fomento em Espanha.

### **3. ESTRATÉGIAS DE ENSINO-APRENDIZAGEM**

**a) Quais as actividades/experiências que mais contribuem neste JI para a aprendizagem das crianças? Acha que as experiências são diversificadas? Há aspectos que não são contemplados?**

Já respondido acima

**b) Como vê o trabalho das educadoras? E das auxiliares? Há diferenças na prática pedagógica dos diferentes educadores? E auxiliares?**

Relativamente ao trabalho das educadoras a CP diz que quem vem de fora acha que há coisas que podem ser feitas mas que não se conseguem levar a cabo, mas que com algum empenho e criatividade se consegue e a coordenação em Espanha habitualmente permite. Comentou que todas as educadoras, ao contrário dela própria, ou nunca conheceram outros modos de trabalhar, ou estão há muitos anos a trabalhar este Projecto e que são pouco abertas, pouco criativas ou originais. Tal é motivado pelo grupo, pela auxiliar (e as suas competências), pelo tempo e pela segurança que as educadoras sentem em fazer aquilo que já está comprovado. Ao passar nas salas vê-se que na generalidade as estratégias por faixa etária são de sala para sala exactamente as mesmas, mas para a CP desde que os objectivos sejam atingidos e que cada educadora se sinta bem, não vê qualquer entrave em que esta inove em vez de se comportar como se estivesse pré-formatada.

**c) Como estão organizados os grupos? (por idades/heterogéneo/outras preocupações nessa organização. Porquê?). Há contactos entre os diferentes grupos? Como? Quando?**

Os grupos/salas estão divididos por faixa etária e dentro desses os grupos foram organizados usando alguns critérios:

- crianças que transitam da creche/crianças que vêm de fora
- das que vêm de fora, quais vêm da casa, quais frequentaram instituições de ensino pré-escolar
- quais têm ou não irmãos
- quais vêm de famílias de antigos alunos ou já com filhos no colégio e quais são famílias que nunca conheceram sequer o Colégio- esta situação é importante pois o 1º grupo ajuda a integrar o 2º.

O Colégio promove muito o contacto entre pares, da mesma e de faixas etárias diferentes, fomenta o respeito mútuo (os mais crescidos estão a aprender, não podemos fazer barulho, os mais pequenos estão a dormir não podemos fazer barulho).

**d) Acha que há uma preocupação com a aprendizagem e progresso de todas as crianças? Como se concretiza?**

A CP considera que há uma preocupação com a aprendizagem de todas as crianças e que se concretiza através de estratégias concretas que se aplicam a cada criança

### **4. PLANEAMENTO, AVALIAÇÃO E REGISTO**

**a) Como é planeado e avaliado o projecto educativo/plano anual?**

Em termos de planeamento, o Projecto “Optimist” já tem tudo definido, escrito e programado para o ano todo, sendo apenas necessário adaptar o espaço.

A programação específica das actividades é sempre feita no mês anterior à sua implementação e contempla:

- Reunião pedagógica quinzenal da CP com todas as educadoras, em que se tratam aspectos como os horários, as rotinas, o acolhimento, eventuais sobreposições, dificuldades

- Reunião quinzenal das educadoras da mesma faixa etária, que intercala com a reunião anterior, em que decidem conjuntamente que actividades vão usar para concretizar os diversos objectivos do mês seguinte. Estas reuniões eram só do Planalto e passaram no ano corrente a incluir o Colégio Mira Rio, que se reúnem na 3ª semana de cada mês

- Existem também 2 a 3 reuniões anuais com os Colégios do Porto para acordarem as fichas de leitura a serem trabalhadas.

A avaliação das programações é feita nas reuniões anteriores (não conseguiram no tempo, não foram capazes e então decidem entre elas nova estratégia ou repetição na semana seguinte).

Em relação às crianças a CP refere que todas as educadoras têm noção do andamento do seu grupo mas que como existem 2 avaliações anuais, com vários pontos pré-definidos, durante 15 dias que é o prazo que têm, estas têm de se centrar em observar e confirmar aquilo de que têm dúvidas.

**b) Como é realizado o planeamento e a avaliação em cada sala? São utilizadas formas de observação, registo e avaliação das aprendizagens das crianças?**

Anteriormente respondido

**c) O planeamento, registo e avaliação têm em consideração as Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar?**

Sim, temos em conta mas o nosso guia é o Projecto

## **5. PESSOAL**

**a) Quantas educadoras e auxiliares há no Colégio? Como é contratado o pessoal/quem contrata/com que critérios?**

Existem 10 educadoras, 10 auxiliares, 1 vigilante e 1 auxiliar de refeitório (ver organigrama). O pessoal é contratado em função da equipa existente e das necessidades. Por exemplo no ano actual entraram 2 educadoras novas recém-licenciadas, por uma questão financeira mas também devido às educadoras existentes já terem muitos anos de casa, como se fosse uma lufada de ar fresco. Recebemos muitos currículos, a direcção faz a triagem de acordo com os critérios que estabeleceu e também, posteriormente na entrevista, avalia a aparência da candidata, que considera fundamental, assim como a sua vertente espiritual, serem católicas ou não, pois de outro modo alguns aspectos do projecto “Optimist” poderão ser-lhes estranhos.

**b) Qual o horário/distribuição do pessoal?**

Educadoras das 9:00 às 16:00, com pausa das 10:30 às 10:45 e almoço das 12:30 às 13:30. As auxiliares rodam mensalmente entre elas de modo a cobrir o horário lectivo e o de componente de apoio à família, ou seja, das 8:00 às 19:00.

**c) Acha que o número de educadoras e auxiliares é suficiente no JI? Há estabilidade de pessoal?**

Sim, o número é suficiente e este ano pela primeira vez vivemos uma situação atípica de absentismo pois tivemos em simultâneo 1 educadora e 2 auxiliares de baixa e conseguimos com esforço que tudo se desenrolasse dentro do esperado pelo projecto.

Existe muita estabilidade do pessoal e o absentismo é muito reduzido, às vezes de tal modo que no final do ano, quando avaliam as faltas e prevêem as férias, quase todas as colaboradoras têm direito a 25 dias de férias (22 + 3 de bônus por não absentismo)

**d) Como promove o desenvolvimento profissional do pessoal? Quais as principais necessidades de formação contínua? Quais as acções de formação e que elementos têm frequentado recentemente? Acha mais importante uma formação centrada na instituição ou acções de formação no exterior?**

Existe uma preocupação grande por parte da direcção com a formação de todos os colaboradores, desde a educadora à auxiliar de refeição.

As educadoras (dos 4 colégios Fomento) param 2 a 3 dias por ano e juntam-se todas num colégio de Lisboa (pois há menos educadoras no Porto) para ter formação. Muitas vezes as necessidades de formação partem das educadoras e não da direcção nem da coordenação. Por exemplo este ano tivemos formação específica de matemática nos dons de Froebel e também em reanimação de crianças, tudo sugestão das educadoras

## **6. ESPAÇOS**

**a) Considera os espaços e materiais suficientes e adequados ao desenvolvimento e aprendizagem das crianças? E o espaço exterior?**

Os espaços e os materiais são suficientes e adequados ao desenvolvimento das crianças e adaptados conforme a faixa etária. O espaço exterior é grande, necessita de algumas obras pois as raízes estão a levantar o chão e também lhe falta alguma sombra, só há 2 ou 3 anos as árvores começaram verdadeiramente a fazer sombra.

**b) O que gostaria de melhorar?**

Há sempre coisas a melhorar e algumas têm a ver fundamentalmente com a legislação que é cada dia mais exigente. No ano passado fizemos obras nas casas-de-banho mas devíamos fazer mais nos acessos, montar um elevador. E o dinheiro para investimentos tem de ser repartido pelos 4 colégios. E além disso surgem sempre imprevistos, coisas que é necessário arranjar, em particular nos colégios Horizonte e Mira Rio que são os mais antigos. Como Coordenadora estou sempre atenta a ver se algo está errado, danificado, a necessitar de ser arranjado. A direcção quer sempre tudo impecável e os pais exigem-nos isso também.

## **7. RELAÇÕES E INTERACÇÕES**

**a) Que tipo de relações procura estabelecer entre todo o pessoal, nomeadamente entre educadoras, educadoras e auxiliares, entre estas e outros técnicos da instituição?**

Há 5 anos havia um grande distanciamento entre educadoras e auxiliares, e havia mexericos, conversas de corredor. Quando eu entrei comecei por fazer 1 almoço entre

todas no “monte” da Miza. Depois implementei os jantares de natal entre todas, os bares (de São Martinho, dia da mãe, dia do pai, ...), os teatros em que educadoras e auxiliares em conjunto ensaiavam e faziam um teatro para as crianças. Para que todas percebessem que todas são importantes. Além disso tenho uma reunião semanal com as auxiliares em que detecto se alguém está sobrecarregado, tem alguma necessidade, tem sugestões de melhorias. E aproveito algumas destas situações para dar formação, em relação ao que correu bem, a como podia ter corrido. Este momento semanal evita as conversas de corredor, assim têm com quem falar e além disso que lhes pode resolver os problemas, o que não acontece conversando entre elas.

**b) Como vê o seu papel na promoção de um bom clima relacional?**

Muito importante, eu simplifico as coisas, e faço com que não vejam só problemas e dificuldades e ajudo a promover um bom clima relacional.

## **8. IGUALDADE DE OPORTUNIDADES**

**a) Acha que o jardim-de-infância pode contribuir para uma maior igualdade de oportunidades? Como? Tem essa preocupação?**

Respondido atrás

**b) Acha que há essa preocupação nesta instituição? Como?**

Respondido atrás

## **9. PARTICIPAÇÃO DOS PAIS NA COMUNIDADE**

**a) Os pais participam na instituição? Que formas de participação são desenvolvidas?**

Sim, nas reuniões trimestrais, nos Encontros Nacionais de Pais, nos Cursos de Formação para Pais (1º Passos), nas Festas temáticas (São Martinho, Natal, dia da mãe, ...)

**b) Há uma ligação com a comunidade (outras instituições, autarquias, associações, ...)? De que tipo e em que domínios?**

A relação entre o Colégio e as outras comunidades é praticamente inexistente pois temos tudo dentro do Colégio e o Projecto tem tudo organizado. Saímos para visitas de estudo mas tentando variar os locais, que estes tenham dinâmicas diferentes.

## **10. MONITORIZAÇÃO E AVALIAÇÃO**

**a) Há uma preocupação com a qualidade das aprendizagens? Como se pode melhorar essa qualidade?**

Sim, por exemplo ainda esta semana fiz uma ficha do Projecto e ela não foi clara para mim, então na próxima reunião com as minhas educadoras e as do colégio Mira Rio vamos falar sobre o que elas entediaram, o que era mesmo para trabalhar e se ficou

consolidado. Às vezes também sentimos ao fim de 1 semana que não conseguimos passar um conceito, como o conceito de dobro, então nessas reuniões falamos sobre as dificuldades e as estratégias de cada uma, de modo a conseguir que o conceito fique consolidado. É permanente a preocupação de toda a equipa educativa nas aprendizagens das crianças.

**b) Como se pode avaliar se houve melhoria de qualidade?**

Avalia-se nessas reuniões

## **11. QUESTÕES PESSOAIS**

**a) Organização familiar, residência, estudos- remeter à ficha do Professor**

Casada, 6 filhos, mora a 3 quarteirões da escola. Depois do Bacharelato concluiu a licenciatura na Universidade Aberta (pois nessa altura já tinha 4 filhos)

**b) Qual a razão da escolha da profissão?**

Queria ser educadora desde os 10 anos mas ao longo de toda a vida exerceu sempre funções de líder, nos escuteiros, em associações. Foi no 12º ano que contra o desejo dos pais e das colegas de turma e professoras (pois estava na área de economia) que optou por essa área. Na altura nem havia exames de acesso para esse curso. Achavam que como boa aluna que era e tão “certinha” devia ter outras aspirações.

Não tem dúvidas de ter feito a escolha correcta, sente-se realizada apesar de há 16 anos exercer adicionalmente funções de coordenação. Esteve 12 anos na Misericórdia e está há 4 no Planalto





## ANEXO IV

### FICHA DA INSTITUIÇÃO

#### 1. Elementos de Identificação

Designação

- ❖ Actual: \_\_\_\_\_
- ❖ Anteriores: \_\_\_\_\_

Observações:

Localização

- ❖ Actual: \_\_\_\_\_
- ❖ Anteriores: \_\_\_\_\_

Observações:

Início de Funcionamento

- ❖ Data de criação: \_\_\_\_\_
- ❖ Data de entrada em funcionamento: \_\_\_\_\_

Observações:

Situação dentro do Ensino	Anterior*	Actual*
Oficial		
Particular (individual)		
Religioso		
Cooperativo		
Estrangeiro		
Infantil		
Primário		
Básico		
Unificado		
Ensino Especial		

\*Assinalar com X as situações correspondentes

Observações: \_\_\_\_\_

Entidade de que depende

	ME	ARS	ENTIDADES RELIGIOSAS	PARTICULAR	PAIS	ESTRANGEIRO	ISSP.IP	OUTROS
Administrativamente								
Financeiramente								
Hierarquicamente								

(Assinalar com X)

Observações: \_\_\_\_\_

## 2. O Edifício e os Espaços

### Características Gerais

❖ Projecto de construção (designação, outros): \_\_\_\_\_

❖ Antiguidade do edifício: \_\_\_\_\_

❖ Estado de conservação:

- BOM ☐
- RAZOÁVEL ☐
- MAU ☐

Observações: \_\_\_\_\_

### As Áreas

- ❖ Área total
- ❖ Área total das superfícies descobertas
- ❖ Área total das superfícies cobertas

Observações: \_\_\_\_\_

O edifício faz parte de:

Bloco único	Blocos independentes	Número de pisos	Observações
Sim <input type="checkbox"/> Não <input type="checkbox"/>	Sim <input type="checkbox"/> Não <input type="checkbox"/> Nº de blocos: _____		

As áreas descobertas distribuem-se por:

Único pátio interior	<input type="checkbox"/>
Único pátio à volta do edifício	<input type="checkbox"/>
Vários pátios interiores	<input type="checkbox"/>
Vários pátios à volta do edifício	<input type="checkbox"/>
Pátio de recreio e jardins	<input type="checkbox"/>
Pátio de recreio e áreas desportivas	<input type="checkbox"/>

(Assinalar com X)

As áreas cobertas distribuem-se por:

Alpendres	<input type="checkbox"/>
Telheiros	<input type="checkbox"/>
Alpendres e telheiros	<input type="checkbox"/>
Alpendres e faixas de circulação	<input type="checkbox"/>
Telheiros e faixas de circulação	<input type="checkbox"/>
Alpendres, telheiros e faixas de circulação	<input type="checkbox"/>

(Assinalar com X)

Limites do domínio escolar com o meio circundante (área ocupada pela escola)

- a) Presença de gradeamentos intransponíveis
- b) Presença de muros intransponíveis
- c) Presença de gradeamentos ou muros apenas convencionais
- d) Ausência de qualquer vedação

Observações: \_\_\_\_\_

#### Espaços de circulação interna

Corredores com salas apenas num dos lados		Largura e comprimento	
Corredores com salas dos dois lados		Largura e comprimento	
Ausências de corredores, as salas dão para um átrio		Dimensão	
Utilização de salas para circular			
Presença de faixas cobertas destinadas à circulação entre pavilhões		Largura e comprimento	

Observações: \_\_\_\_\_

#### Acesso aos pisos:

Rampas		Inclinação	
Escadarias		Nº de lances	
Elevador		Tonelagem	

Observações: \_\_\_\_\_

### 3. MOBILIÁRIO E MATERIAL

#### Salas de aula

(Por sala)	Número	Dimensões
Sala		
Janelas		
Ventiladores		
Carteiras		
Armários		
Bengaleiros		
Expositores		
Aquecimento	Central	Local

Observações: \_\_\_\_\_

#### Carteira do aluno- Características:

Para dois	
Mais de dois	
Mesa e cadeira independentes	
Tampo da mesa inclinado	
Tampo da mesa horizontal	

Observações: \_\_\_\_\_

#### A iluminação

Luminosidade natural	Unilateral	
	Bilateral	
Luminosidade artificial	Branca	
	Amarela	
Paredes	Cores vivas	
	Cores mortas	
	Limpas	
	Sujas e mal conservadas	

Observações: \_\_\_\_\_

### O Mobiliário

(a)Assinalar com X	Bancadas distribuídas à volta, cadeiras e mesas ao centro	Bancadas distribuídas por toda a parte	Mesas e cadeiras, ausência de bancadas
Número			
Dimensão			
C/ água, gás e electricidade (a)			
C/ água e gás (a)			
C/ água e electricidade (a)			
C/ electricidade e gás (a)			
Apenas c/ água (a)			
Apenas c/ gás (a)			
Apenas c/ electricidade (a)			
S/ água, gás e electricidade (a)			
Quadro preto (a)			

Observações: \_\_\_\_\_

### Outras instalações para acções curriculares

*Assinalar com X	Mobiliário adequado e suficiente *	Mob. adequado mas insuficiente	Mob. não adequado	Estado de conservação	Quantidade	Dimensões
Ginásios						
Oficinas						
Actividades circum-escolares						
Ensino especial						
Pavilhão administrativo						
Para projecções						
Outras						

Observações: \_\_\_\_\_

### Instalações complementares

*Assinalar com X	Mobiliário e adequado suficiente *	Mob. adequado mas insuficiente	Estado de conservação	Dimensões
Gabinete médico				
Orientação escolar				
Directores de turma				
Conselho directivo				
Refeitório				
Acção social escolar				
Outros				

Observações: \_\_\_\_\_

### Instalações gerais para:

* Assinalar apenas com X	Instalações específicas	Instalações não-específicas
Reuniões de escola		
Núcleo sindical		
Professores		
Alunos		
Empregados		
Festas		
Pais		
Actividades extra-escolares		

Observações: \_\_\_\_\_

### Instalações sanitárias

Professores	Masculino	
	Feminino	
Alunos	Masculino	
	Feminino	
Pessoal auxiliar	Masculino	
	Feminino	

Observações: \_\_\_\_\_

Material didático - Existentes nas salas

*Assinalar com X	Quant.	Em todas as salas	Conforme solicitado	Observações
Retroprojector				
Flanelógrafo				
Gravador				
Equipamento fotográfico				
Equip. reprodução e slides				
Expositores				
Terminal de computador				
Internet				
Outros				

Observações: \_\_\_\_\_

#### 4. SERVIÇOS, ACTIVIDADES E HORÁRIOS

Horário

Os horários da escola envolvem actividades:

Curriculares	Extra-curriculares	Extra-escolares	Outras

(Assinalar com X)

Observações: \_\_\_\_\_

Tipos de actividades Extra-escolares que têm lugar na escola

Processadas normalmente em dias úteis	Horário	Nº de indivíduos	Idades

Observações: \_\_\_\_\_

## 5. PESSOAL

### Pessoal docente

	Efectivos do quadro	Efectivos não do quadro	Profissionalizados não efectivos	Não profissionalizados com habilitações próprias	Sem habilitações	Totais
Sexo	Masculino					
	Feminino					
	Total M+F					
Idade	<25					
	25-45					
	45-65					
	>65					

Observações: \_\_\_\_\_

### Pessoal auxiliar:

	Analfabetos A	C/ Instrução primária B	C/ Ciclo C	C/ Unificado D	Outras E	Totais
Sexo	Masculino					
	Feminino					
	Total M+F					
Idade	<25					
	25-45					
	45-65					
	>65					

Observações: \_\_\_\_\_

### Pessoal de Apoio Pedagógico e Assistência

	Psicólogo	Assistente Social	Médico	Enfermeiro	Ensino Especial	Totais
Sexo	Masculino					
	Feminino					
	Total M+F					
Idade	<25					
	25-45					
	45-65					
	>65					

Observações: \_\_\_\_\_

### Pessoal administrativo:

Categoria profissional	Número
Total:	

Observações: \_\_\_\_\_



## 6. POPULAÇÃO ESCOLAR

	0-18	18-24	2-3 anos	3-4 anos	4-5 anos
Nº de turmas					
População					
Total M+F					
N. alunos por turma					
Nº alunos repetentes					

Observações: \_\_\_\_\_

## 7. ELEMENTOS SOBRE RELAÇÕES DE ORDEM NUMÉRICA (PESSOAL-ALUNOS; ESPAÇO-ALUNOS)

### 8. REGULAMENTO E NORMAS DE FUNCIONAMENTO

Regulamento interior elaborado pela própria escola	
Regulamento estipulado, pelo ME	
Não tem qualquer regulamento elaborado	

(Assinalar com X)

Relacionamento da Instituição com Outras Instituições

- A) A escola tem estreitas relações com as seguintes instituições públicas:
- B) A escola tem estreitas relações com as seguintes instituições particulares

Observações:

## 9. ASPECTOS E OBSERVAÇÕES DE ORDEM GERAL

## **ANEXO V**

### **PROJECTO EDUCATIVO DO COLÉGIO PLANALTO**

#### **Projecto Educativo**

O Projecto Educativo do Colégio Planalto assenta num conjunto de princípios claramente delineados, que se procuram pôr em prática em todas as actividades que vão sendo realizadas todos os dias.

É um projecto que tem como um dos seus pilares imprescindíveis o preceptorado, elemento fundamental de ligação entre as famílias e o Colégio. É também um projecto que aposta na educação diferenciada e na educação integral e personalizada. Perseguimos o objectivo de formar bons cidadãos, com tudo o que isso implica: desenvolvimento das capacidades cognitivas, mas também, capacidade de tomar decisões de forma justa e equilibrada, de usar a liberdade de forma consciente e de estar disponível para os outros ajudando a criar uma sociedade mais solidária.

### **EDUCAÇÃO PERSONALIZADA**

#### **O estilo Educativo do Colégio**

##### **Introdução**

Os Princípios Básicos de Educação sintetizam as linhas mestras numa educação de qualidade: personalizada, completa e coerente, que pretende atender ao desenvolvimento total e harmónico da pessoa, segundo a concepção cristã do homem e da vida.

A perspectiva cristã contempla o ser humano como orientado durante toda a sua vida rumo à consecução da sua própria plenitude. Por isso, constitui a visão mais profunda, mais real e mais verdadeira do homem. Este ponto de vista fundamenta-se na ideia de que o homem é um ser criado por Deus à sua imagem e semelhança (inteligente e livre), chamado a desenvolver ao máximo as suas qualidades e a alcançar a plenitude da vida humana.

Segundo estes princípios, o Planalto proporciona aos seus alunos, através das actividades correntes da vida colegial, uma educação personalizada - concepção de cada pessoa como única e irrepetível -, mediante a actualização das suas próprias possibilidades na aquisição de conhecimentos, no desenvolvimento de aptidões e na promoção de valores; de modo que se prepare para viver cada vez com maior perfeição segundo um projecto pessoal de vida de acordo com a sua dignidade; encontrando a alegria de viver em fazer tudo bem feito, na convivência humana cordial, na participação solidária e em melhorar a comunidade humana

A educação personalizada não consiste em métodos, técnicas ou teorias de ensino, mas num estilo de educação. Métodos há muitos, e o seu valor depende de que se ajustem ao que em cada momento necessite cada aluno ou grupo de alunos para se

conseguir os objectivos previstos. De facto, os métodos e as técnicas têm mudado ao longo do tempo e continuarão a mudar, enquanto que o estilo se mantém e garante a coerência dos métodos empregados com os princípios educativos e as finalidades que hão-de reger a actividade escolar.

Tendo presente que a educação se realiza na vida do estudante mediante a relação com o professor, manifesta-se também num estilo de aprendizagem e num estilo docente. Da fusão destes dois estilos resulta o estilo de educação personalizada, com modos próprios de educar que se caracterizam por estarem abertos a todas as correntes do pensamento e prestarem particular atenção à pessoa de cada educando.

### **Os estilos de educação personalizada**

Antes de expormos as componentes do estilo educativo do Planalto, apresentamos brevemente as características do estilo da educação personalizada. Esta apoia-se nas notas fundamentais inerentes ao conceito de pessoa: singularidade (ser único e criativo), autonomia (ser livre e capaz de se auto-dirigir) e abertura (capacidade de comunicação e expressão). Daqui derivam quatro estilos próprios da educação personalizada.

#### **a) Estilo integrador e aberto**

O processo educativo deverá ser um todo integrado conducente à unidade dos conhecimentos entre si e destes com a vida, de modo a desenvolver capacidades para estabelecer relações, valorizar e ordenar o conhecimento num conjunto organizado de saberes. A educação deve tender à unificação e não à dispersão, deve esforçar-se por fomentar no homem a harmonia e a unidade interior.

A fragmentação curricular, a pluralidade de incidências sobre aluno e a diversidade de tarefas exigidas ao professor exigem uma atitude integradora para que a formação não se transforme numa soma de actividades desconexas e incompletas, antes dê um sentido ao saber e à vida, mediante a reflexão para entender o que se aprende, o significado e a consequência do que se faz.

Além de integradora, a educação personalizada exige espírito de abertura para utilizar todos os métodos pedagógicos adequados e para superar atitudes redutoras do desenvolvimento educativo, que reduzem a pessoa humana à mera recepção e reacção perante factores externos. A educação precisa de estar aberta na ordem teórica a qualquer ideia razoável e, na ordem prática, a qualquer actividade que possa ser útil.

A capacidade de abertura desenvolve-se em três níveis:

- . A nível objectivo, pela abertura do homem às coisas que o rodeiam, ao mundo objectivo, do qual recebe os primeiros estímulos necessários para a sua vida.

- . A nível social, determinado pela abertura aos outros sujeitos com quem necessariamente tem de conviver para desenvolver eficazmente a sua personalidade.

- . A nível transcendental, ou seja, a possibilidade que o homem tem de se interrogar pela existência de algo que transcende a realidade que o circunda e a possibilidade de relação com essa existência.

Estes três níveis condicionam no homem três atitudes diferentes: domínio das coisas, colaboração com os outros e aceitação de outras realidades.

### **b) Estilo reflexivo e criador**

No conceito de educação personalizada, qualquer acto educativo deve chegar ao fundo da pessoa, ou seja, deve entrar no campo da consciência pessoal, porque é nela que os actos são realmente humanos.

O trabalho educativo deve apoiar-se na reflexão do sujeito que se educa. Caracteriza-se por reflexivo o estilo de educação personalizada pela particular insistência que põe na necessidade de provocar a reflexão no aluno como elemento fundamental do carácter humano da aprendizagem. A reflexão na medida em que é um olhar até ao interior da pessoa para elaborar dados obtidos pela observação externa, formular juízos, estabelecer novas relações criativas, decidir sobre os acontecimentos exteriores, é uma componente típica que torna humana aprendizagem e a diferencia da animalesca.

A reflexão torna presente um ser perante si próprio. Através dela somos conscientes da nossa vida, descobrimos o sentido positivo e negativo da realidade que temos na frente. A reflexão promove e reforça os “critérios objectivos” e o “pensamento crítico”, aumentando a capacidade de avaliar por si próprio as coisas, os actos e as situações. Quem não possui uma visão própria das pessoas e dos acontecimentos que podem surgir e das actividades que se podem realizar, está sempre pendente da opinião alheia, por carecer de recursos mentais próprios.

O aluno há-de possuir consciência do sentido das tarefas que realiza. Descobrir o sentido de um acto e tomar consciência do que há-de realizar, significa alcançar o mais profundo da personalidade humana. Um acto educativo que não consegue este objectivo fica a meio caminho.

Quando, por efeito da reflexão, alguém acolhe a sua própria decisão entre várias possibilidades, pode-se falar em acto criativo. A actividade criadora como acto original do sujeito, estende-se a todas as manifestações da vida. Certamente que a arte e a ciência são campos adequados para a criatividade, mas também o são a vida corrente, a vida escolar, social e familiar.

Não se poderá educar personalizando sem promover e reforçar a capacidade criativa dos alunos.

Tendo em conta que qualquer actividade escolar começa no próprio professor, a necessidade de formação na capacidade criativa dos alunos exige a capacidade e a acção criativa do professor, sendo isto uma característica necessária do estilo docente personalizado.

### **c) Estilo singularizador e convivencial**

A menção da criatividade, nascida da reflexão e da originalidade do sujeito aponta para uma das características próprias da pessoa: a sua singularidade. Esta não é apenas

uma diferenciação numérica, mas uma distinção qualitativa que faz de cada homem - logo de cada aluno - quem é, diferente dos outros.

A singularidade torna necessária uma das grandes tarefas que se exige ao professor: a atenção pessoal. Esta adquire relevo especial quando qualificamos de personalizado um tipo de educação.

Todavia, não se poderá cair no risco de reduzir a educação ao cultivo exclusivo das características individuais de cada aluno, pelo que se deve ter em conta uma outra necessidade fundamental do homem, a comunicação com os outros.

Para formar e compor uma unidade, sobretudo uma unidade criadora, os componentes individuais hão-de ser de natureza diferente, ou mesmo opostos. Mas a complementaridade de factores opostos exige que a singularidade se vincule à comunidade, de modo que seja um elemento convivencial, o qual por sua vez satisfaz a necessidade humana de comunicação. A relação entre os alunos converte-se num meio através do qual cada um contribui para a educação dos outros.

#### **d) Estilo optimista**

O tom vital do estilo docente próprio da educação personalizada poderia designar-se por optimismo real, já que se apoia na visão completa da realidade da vida humana.

Esta apoia-se no conhecimento das coisas sensíveis que rodeiam o homem; nelas encontra prazeres materiais, como seja a satisfação das necessidades materiais, a comida, o vestuário, a habitação, a actividade e o repouso. Mas, o gozo das coisas materiais, aperfeiçoa-se na complacência de bens espirituais: a amizade, o trabalho bem feito, a contemplação de coisas belas. O homem precisa de descobrir tudo o que há de espiritual nas coisas que o rodeiam para encontrar nelas fontes de alegria.

O optimismo no campo pedagógico manifesta-se na esperança irrenunciável que o educador tem na capacidade perfectível dos seus alunos, começando pelo empenho na sua própria perfeição. Trata-se de um optimismo que se refere à vida em geral e que se completa tanto na vida do professor como na dos alunos.

#### **Um estilo próprio**

Os pais, os professores e os alunos, ao incorporarem-se no Planalto, aceitam livremente e comprometem-se a manter este estilo educativo que se adapta ao meio envolvente e à tradição cultural onde se insere o Colégio. Para além deste pano de fundo comum, os membros da comunidade educativa são individualmente diversíssimos, pelo que podemos falar de um estilo próprio, mas nunca de uniformismo.

O estilo educativo inspira um modo peculiar de conceber a vida diária do Colégio ou seja, configura as linhas mestras de um estilo de ensino, de aprendizagem, de orientação e de convivência que vincula todos os professores

## **EDUCAÇÃO INTEGRAL**

### **Educação completa e integral**

Para educar a pessoa é preciso atender à totalidade do ser humano: o pensamento, a inteligência, a vontade, a afectividade e o sentido transcendente da vida.

A educação tem como objectivo ensinar a pensar e a procurar a verdade; a fortalecer a vontade, de forma que a pessoa esteja em condições de aderir livremente à verdade encontrada, a possa seguir e superar as dificuldades que encontre; como ser sociável e aberto, o homem deve aprender a dar e a dar-se a Deus e aos outros.

A inteligência alimentada pela verdade, com a vontade fortalecida pelas virtudes e o coração disposto a amar a verdade vivida, fundem-se na unidade irrepetível de cada homem, tornando possível a felicidade própria das pessoas coerentes, firmes e estáveis.

Educação completa e íntegra. Integridade que não é soma ou justaposição de diferentes aspectos, mas sim unidade harmónica de todos eles na unidade da pessoa e da acção educativa, atendendo à singularidade de cada pessoa.

A educação deve potenciar o desenvolvimento integral da pessoa e preparar os alunos para viverem o seu papel de cidadãos activos e responsáveis numa sociedade em contínua mudança. Isto supõe que através do ensino e da aprendizagem das diferentes áreas do currículo se vão desenvolvendo os temas que configuram a educação completa que pretendemos para os nossos alunos. Estes “grandes temas”, que estão na base da actividade educativa, designamo-los por transversais, já que “atravessam” e estão presentes nas diversas fases e áreas que compõem o currículo. Não são temas marginais ou secundários, nem conteúdos a trabalhar de maneira isolada, mas que configuram a acção educativa, aproximam a escola da vida e favorecem o desenvolvimento integral da pessoa.

As aprendizagens relacionadas com estes temas impregnam os conteúdos das diversas áreas, como aspectos importantes da cultura básica de qualquer cidadão e estarão presentes na programação docente das unidades didácticas.

Temas transversais definidos no nosso Projecto Educativo:

- Educação dos processos de trabalho intelectual
- Educação da inteligência
- Educação da vontade
- Educação na liberdade
- Educação nos valores
- Educação da afectividade e da sexualidade
- Educação em e mediante o trabalho bem feito
- Educação para os valores sociais e a solidariedade
- Educação ambiental
- Educação como consumidor
- Educação para a arte e o belo
- Educação da saúde física e mental



## **ANEXO VI**

### **IDEÁRIO DOS COLÉGIOS FOMENTO**

1. A educação nos Colégios Fomento
2. Princípios básicos da educação nos Colégios Fomento
3. Participação dos pais na actividade educativa
4. Tarefa docente e orientadora dos professores

#### **1. A EDUCAÇÃO NOS COLÉGIOS FOMENTO**

Os princípios básicos em que se inspira e fundamenta a educação nos Colégios Fomento permitem aos pais e professores decidir livremente e com conhecimento de causa, sobre a sua adesão ao nosso projecto educativo e, conseqüentemente, aceitar o compromisso solidário que todos aqueles que fazem parte da comunidade educativa assumem nas suas tarefas de formação humana e cultural.

O dever dos pais de educarem os filhos e o correspondente direito de escolherem livremente para eles determinada educação, exige que os Colégios Fomento, através dos seus professores, observem sempre os princípios fundamentais do projecto educativo, garantindo assim a cada aluno uma formação coerente e harmónica nos dois lugares fundamentais de educação: a família e a escola.

#### **2. PRINCÍPIOS BÁSICOS DA EDUCAÇÃO NOS COLÉGIOS FOMENTO**

##### **2.1 - Educação Personalizada**

Assumimos como finalidade específica a educação personalizada, enquanto estímulo para o desenvolvimento das potencialidades pessoais de cada um, de maneira que aceitando as próprias limitações, pais, professores e alunos desenvolvam a sua personalidade, tomem parte activa na sociedade civil e orientem a sua vida para o fim transcendente do homem.

##### **2.2. - Projecto Pessoal de Vida**

Entendemos a educação como uma ajuda que se presta a cada ser humano (criança, jovem, adulto), a fim de ser capaz de formular e realizar o seu próprio projecto pessoal de vida.

##### **2.3. - Formação Integral**

A formação cultural e técnica, o desenvolvimento de critério próprio e o uso responsável da liberdade são simultaneamente objectivos e meios fundamentais da educação nos Colégios Fomento.

##### **2.4. - Plano de Orientação e Formação**

As actividades dos Colégios concretizam-se no Plano de estudos onde, de acordo com as disposições legais, se ordenam os objectivos e competências que hão-de ser alcançados gradualmente desde a Infantil até ao ingresso na Universidade. Concretizam-se também no Plano de Orientação e Formação no qual se ordenam gradualmente as actividades que procuram levar o aluno a adquirir e a desenvolver a sua formação



humana, bem como a capacidade de critério para saber escolher entre as diferentes opções que a vida lhe coloca.

## 2.5 - Convivência

A disciplina escolar situa-se no campo da formação pessoal e no âmbito do convívio colegial e tem como objectivo constante o desenvolvimento da responsabilidade pessoal.

Os castigos físicos não têm lugar nos Colégios Fomento. Num sentido puramente pedagógico, utiliza-se a correcção como chamada de atenção para que os alunos reflectam sobre os possíveis defeitos da sua conduta e empreguem os meios eficazes para se autocorrigirem. Utilizar-se-ão também estímulos adequados como reforço para a conduta positiva dos estudantes.

## 2.6 – Ensino

Na programação das actividades, figuram as áreas disciplinares e não disciplinares, próprias de cada ano escolar e ciclo de ensino, cujo processo de ensino/aprendizagem se faz com todo o rigor.

Na formação científica e técnica, juntamente com o estudo próprio de cada forma de expressão ou área cultural, procurar-se-á manter a unidade na formação intelectual desenvolvendo a capacidade de análise síntese e o juízo crítico.

Na programação das actividades, haverá tempos dedicados à aprendizagem pessoal e tempos para o diálogo e colóquio, bem como tempos para memorizar conceitos, fórmulas e factos significativos, e ainda para criar e projectar.

Pressupomos na nossa actividade educativa a complexidade da existência humana e estimulamos o aluno a ter unidade de vida, na qual se resolvem e unificam os diferentes factores da existência humana. Por esta razão prestamos atenção à actividade receptiva e criativa, à norma e à liberdade, ao estudo, ao trabalho e à diversão, ao esforço competitivo e à colaboração, ao trabalho independente e cooperativo, à reflexão e à acção, à ordem temporal e ao sentido transcendente da vida.

## 3. PARTICIPAÇÃO DOS PAIS NA ACTIVIDADE EDUCATIVA

3.1. A actividade educativa dos Colégios Fomento considera-se delegada e colaboradora – nunca substitutiva - da acção familiar - entendendo-se com isso que a primordial responsabilidade na educação dos filhos corresponde sempre aos pais.

3.2. Cada colégio mantém uma estreita relação com os pais de cada aluno na medida em que congrega todos os membros da comunidade colegial num âmbito de convivência, coordenando e dirigindo a acção educativa comum. Esta relação consegue-se fundamentalmente através do preceptorado e implica a obrigação dos pais de regularmente se encontrarem com o preceptor.

3.3. Quando os pais se integram nos Colégios Fomento, procurando a sua colaboração na educação dos filhos, entende-se formalmente que têm a disposição habitual de conjugar construtivamente a acção educativa familiar com a do colégio. Isto implica a participação activa e ordenada, de tal maneira que o colégio seja um prolongamento e complemento da família. tendo em conta que esta é a primeira escola de formação.

#### 4. TAREFA DOCENTE E ORIENTADORA DOS PROFESSORES

4.1. Nos Colégios Fomento, o professor é essencialmente um educador, já que ensino e orientação estão harmonicamente unidos.

4.2. O professor realiza a sua actividade pedagógica e o seu trabalho docente de acordo com a estrutura escolar e os Princípios Básicos em que se inspira e fundamenta a educação nos Colégios Fomento. A tarefa dos professores envolve-se num âmbito de responsabilidade pessoal de tal modo que cada professor possa realizar a sua vocação e capacidade educativa, sempre em conformidade com os Princípios Básicos e com as indicações da Direcção de cada colégio.

4.3. A relação professor-pais constitui um elemento fundamental da vida colegial e a relação professor-aluno está informada pela harmonia autoridade-prestígio profissional e dedicação apoiada numa amizade leal.

4.4. No quadro de um plano educativo comum, atende-se às diferentes necessidades pessoais de cada aluno, pelo que se destaca a importância da acção do preceptor que, em relação estreita com os pais, se encarrega da orientação académica e pessoal de cada aluno.

4.5. A actividade dos professores consiste fundamentalmente em estimular o esforço e o trabalho de cada estudante, pois através deles actualizam-se os factores educativos, de forma que a actividade susceptível de ser realizada pelo aluno não seja substituída pela do professor.

4.6. A reflexão dos professores sobre as suas tarefas, o trabalho em equipa, as experiências e a participação activa na investigação de problemas educativos contribuem para que o colégio seja também um lugar de aperfeiçoamento profissional.

4.7. As actividades do pessoal não docente - administrativo, auxiliar, etc. - constituem o complemento imprescindível para o bom funcionamento dos colégios. Os Colégios Fomento estão atentos à formação deste pessoal em ordem à sua qualificação profissional e humana



## ANEXO VII

### CHECK-LIST DE COMPETÊNCIAS

#### Identificação do aluno

Nome: \_\_\_\_\_  
Data de Nascimento: \_\_ / \_\_ / \_\_\_\_ Idade: \_\_\_\_\_  
Ano Lectivo: \_\_\_\_\_  
Jardim-de-infância: \_\_\_\_\_

Marque com “X” o(s) item/itens que melhor caracterizam a criança em que

A- Adquirida

EA- Em Aquisição

NA- Não Adquirido

NO- Não Observável

#### CARACTERIZAÇÃO DO DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA

##### 1 – ÁREA DE FORMAÇÃO PESSOAL E SOCIAL:

		A	EA	NA	NO
1	Cumprir rotinas				
2	É autónomo em relação à sua higiene pessoal				
3	Escolhe colegas para brincar/jogar/trabalhar;				
4	Sabe esperar a sua vez para participar nas actividades				
5	Cumprir as regras da sala				
6	Possui controlo dos esfíncteres				
7	É obediente				
8	Utiliza correctamente os talheres				
9	Despe-se-se sozinho				
Observações:					

##### 2 – ÁREA DE COMUNICAÇÃO/EXPRESSÃO - DOMÍNIO DAS EXPRESSÕES:

		A	EA	NA	NO
1	Expressão motora: movimentos ordenados				
2	Expressão motora: mostra coordenação ao subir / descer degraus				
3	Expressão musical: gosta de cantar e dançar				
4	Expressão musical: está atento nas audições musicais				
Observações:					

**3 – ÁREA DE COMUNICAÇÃO/EXPRESSÃO - DOMÍNIO DA LINGUAGEM ORAL E ABORDAGEM À ESCRITA:**

		A	EA	NA	NO
1	Identifica as palavras apresentadas				
2	Pronuncia correctamente as palavras que usa				
3	Compreende instruções verbais				
4	Identifica o próprio nome				
5	Identifica o nome dos colegas				
6	Escuta e compreende narrações				
7	Sabe ouvir os outros				
8	Reconhece diferenças e semelhanças entre letras				
Observações:					

**4 – ÁREA DE COMUNICAÇÃO/EXPRESSÃO - DOMÍNIO DA MATEMÁTICA:**

		A	EA	NA	NO
1	Associa o número (1) à respectiva quantidade				
2	Identifica as cores primárias (amarelo, vermelho, azul)				
3	Reconhece números (1)				
4	Reconhece figuras geométricas (círculo)				
Observações:					

**5 – ÁREA DE CONHECIMENTO DO MUNDO:**

		A	EA	NA	NO
1	Identifica comportamentos correctos a ter nas refeições				
2	Interiorizou as rotinas diárias				
3	Nomeia e identifica partes do corpo				
Observações:					

## ANEXO VIII

### FICHA DA CLASSE

Designação da Escola: \_\_\_\_\_

Ensino: \_\_\_\_\_

Ano/Sala: \_\_\_\_\_

#### 1. A classe na Escola:

1.1 Classe regular ☐

Classe em situação de apoio ☐

1.2 Ensino diurno { Manhã ☐  
Tarde ☐  
Manhã e Tarde ☐

#### 1.3 Horário da Classe:

Horas/Dias	2ª Feira	3ª Feira	4ª Feira	5ª Feira	6ª Feira

1.4 Ensino pré-primário ☐

Ensino primário ☐

1.5 Classe mista ☐

Classe masculina ☐

Classe feminina ☐

1.6 Alunos com dificuldade de aprendizagem ☐

Quais? \_\_\_\_\_

Alunos com deficiências {  
Quantos? \_\_\_\_\_  
Que deficiências? \_\_\_\_\_  
Têm apoio? \_\_\_\_\_

1.7 Número de alunos da classe:

< 20 ☐

20 a 25 ☐

Outro número ☐ Qual? \_\_\_\_\_

1.8 Critérios para a constituição da classe:

Idade ☐

Repetência ☐

Zonas de habitação ☐

Escola ou turma de origem ☐

Outro critério ☐ Qual? \_\_\_\_\_

1.9 Antecedentes da classe:

Em continuidade ☐   
 ☐ → > 50 % ☐  
 ☐ → < 50 % ☐

De origens diferentes {  
Por razões de:  
mudança de ciclo ☐  
mudança de opção ☐  
repetência ☐  
outras ☐  
Quais? \_\_\_\_\_

1.10 Actividades extra-curriculares da classe:

- da classe em geral ☐ Que actividades? \_\_\_\_\_
- só de alguns alunos ☐ Com quem? \_\_\_\_\_
- de nenhuns alunos ☐

**2. Os alunos na Classe:**

2.1 Idades:

Idades (expressas em anos)	Frequência absoluta (nº de alunos por idades)
i 1 _____	n 1 _____
i 2 _____	n 2 _____
i 3 _____	n 3 _____
i 4 _____	n 4 _____
	$N=n1+n2+n3+n4$

a) Média das idades  $\frac{i1+i2+i3+i4}{N} =$

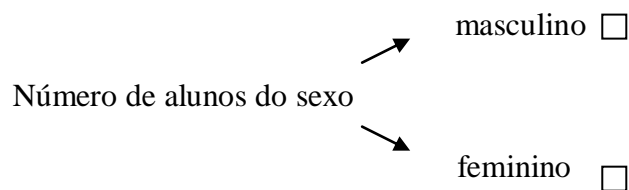
b) Amplitude da distribuição:

Idade mais alta ☐

Idade mais baixa ☐

c) Moda (idade correspondente à frequência absoluta mais elevada) ☐

2.2 Sexo dos alunos da classe:





### 2.3 Composição social da classe:

Camadas	Alunos					
	Masculino		Feminino		Total	
	Números	%	Números	%	Números	%
I - Superior						
II - Média						
III – Inferior-alta						
IV - Inferior-baixa						

### 3. Os professores na Classe:

#### 3.1 Número de professores:

1 só professor ☐

#### 3.2 A classe tem:

O professor/educador do ano anterior ☐

Não tem professor/educador do ano anterior ☐

#### 3.3 Categoria profissional do professor/educador da classe:

profissionalizado ☐

#### 3.4 Idade e sexo do professor/educador:

Idade/Sexo	Masculino	Feminino
< 30 anos		
30 a 50 anos		
> 50 anos		

3.5 Antiguidade do Professor/educador da turma na instituição:

Tempo de Serviço na Escola	
1 ano	
2 anos	
+ de 2 anos	

**4. A coordenação da Classe:**

4.1 Direcção de Turma:

4.1.1 Professor/educador \_\_\_\_\_

4.1.2 Periodicidade das reuniões:

Periodicidade	Com os alunos	Com o professor / educador	Com os pais ou encarregados de educação
Quinzenal			
Mensal			
Por período			
Outras			

4.2 Responsável da Sala:

Nome \_\_\_\_\_

Eleito pela turma

☐

Votos a favor \_\_\_\_\_

Votos contra \_\_\_\_\_

Abstenções \_\_\_\_\_

Designado pelo professor/educador

☐

5. A Classe e as Instalações:

5.1 Com sala única ou uma sala de maior permanência ☐

Se estiver incluída no 1º caso, preencha as questões seguintes:

5.2 Com carteiras individuais ☐

Com carteiras de dois ☐

Com mesas por grupos ☐

Diferentes casos conforme as salas ☐

5.3 Distribuição dos alunos na sala:

Por números ☐

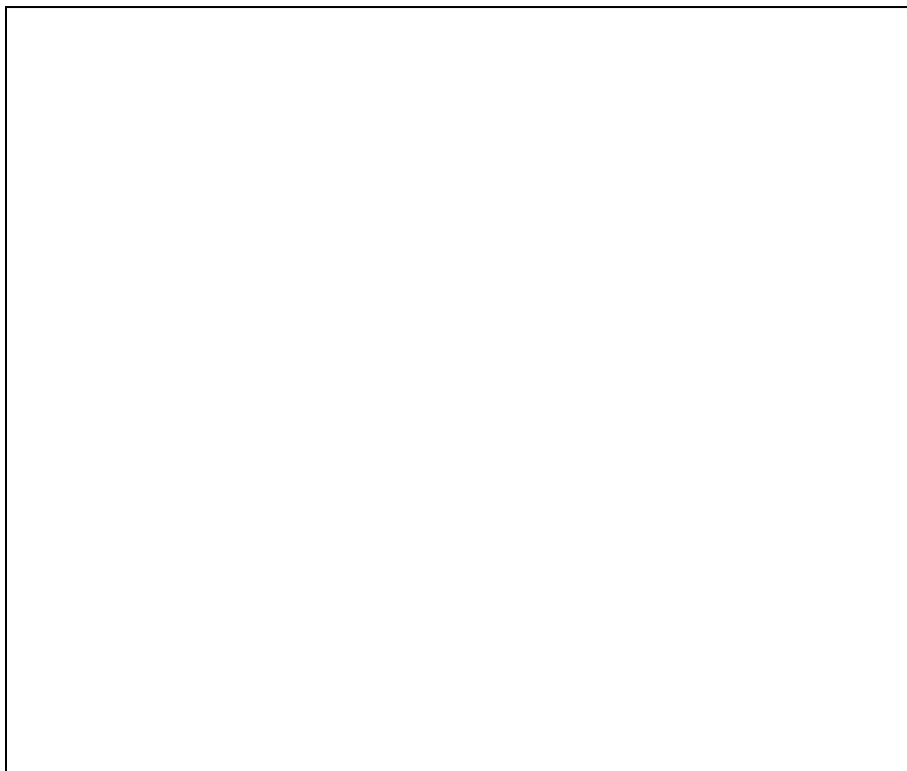
Por alturas ☐

Tendo em conta problemas visuais e auditivos ☐

Tendo em conta outros aspectos ☐ Quais? \_\_\_\_\_

Sem qualquer critério ☐

5.4 Planta da sala onde funciona a classe:



Sala \_\_\_\_\_

### 5.5 Estado de conservação da sala

	Mau	Aceitável	Bom
Vidros			
Carteiras			
Paredes			
Soalho			
Quadro			
Portas			
Placards			
Outros:			

### 5.6 Observações:

### 6. Sínteses:



## ANEXO IX

### DISTRIBUIÇÃO DOS ALUNOS POR IDADE E GÊNERO

Número	Sexo	Data Nascimento
1	F	20/3/2007
2	F	31/3/2007
3	M	12/10/2007
4	F	4/8/2007
5	F	31/11/2007
6	F	7/11/2007
7	M	18/12/2007
8	M	20/6/2007
9	M	12/4/2007
10	M	28/8/2007
11	M	19/1/2007
12	M	26/4/2007
13	F	2/3/2007
14	F	24/2/2007
15	M	30/11/2007
16	F	22/8/2007
17	F	4/5/2007
18	M	7/2/2007
19	M	14/12/2007
20	M	13/7/2007



## ANEXO X

### PLANTA DA SALA DO EPE

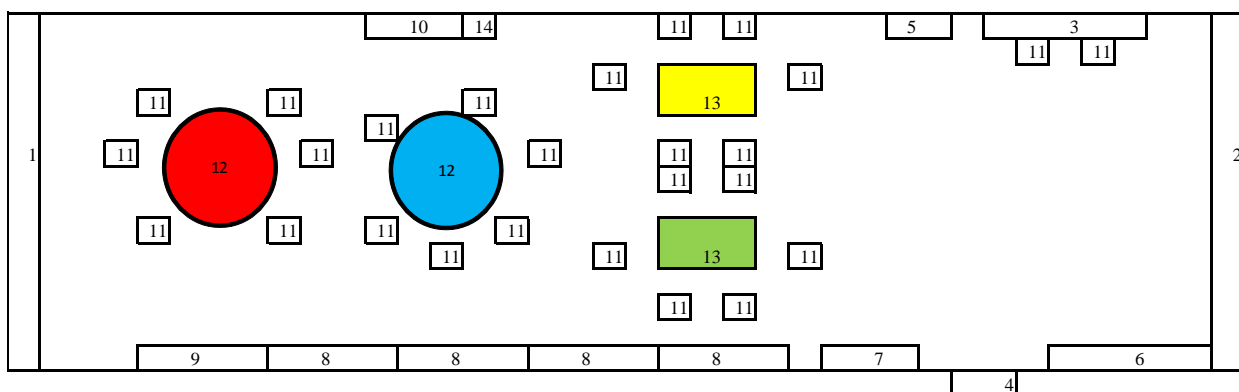


Fig. 1- Planta da Sala

Devido ao grande nº de elementos que podem ser visualizados nas paredes, optou-se por elaborar um esquema legendado do alçado lateral de cada uma das paredes da sala

#### Legenda

- 1- porta/janela de acesso a outra sala de 3 anos
- 2- porta/janela de acesso ao recreio exterior privado da sala
- 3- quadro de ardósia
- 4- porta
- 5- armário baixo
- 6- cabides
- 7- estantes jogos
- 8- armários de abrir por baixo de bancada
- 9- armário alto
- 10- estante da plástica
- 11- cadeiras
- 12- mesa redonda
- 13- mesa rectangular
- 14- pequena mesa





# ANEXO XI

## HORÁRIO DAS ACTIVIDADES NO EPE

**HORÁRIO**      2010/20011      EDUCADORA MILA - 3 ANOS

	2ª	3ª	4ª	5ª	6ª
9.00 : 9.30	Acolhimento	Acolhimento	Acolhimento	Acolhimento	Acolhimento
9.30 : 10.00	Módulo da Manhã	Módulo da Manhã	Módulo da Manhã	Módulo da Manhã	Módulo da Manhã
10.00 : 10.30	Unidade Mensal	Unidade Mensal	Unidade Mensal	Unidade Mensal	Terminar trabalhos
10.30 : 10.45	Inglês	Inglês	Inglês	Inglês	Inglês
10.45 : 11.30	<b>RECREIO</b>				
11.30 : 12.00	Leitura/ Escrita	Leitura/ Escrita	Leitura/ Escrita	Leitura/ Escrita	Leitura/ Escrita
12.15 : 13.15	<b>ALMOÇO</b>				
13.30 : 14.00	Círculo	Círculo	Círculo	Círculo	Tarde Livre / Orientada
14.00 : 15.00	Cantinhos	Cantinhos	Cantinhos	Cantinhos	Tarde Livre / Orientada
15.00 : 15.20	Módulo da Tarde	Módulo da Tarde	Módulo da Tarde	Módulo da Tarde	Tarde Livre / Orientada
15.20 : 15.30	Passado	Passado	Passado	Passado	Tarde Livre / Orientada
15.30 : 16.00	<b>LANCHE</b>				
<b>Módulo da Manhã</b>	<b>Leitura e Escrita</b>	<b>Cantinhos</b>	<b>Módulo da Tarde</b>		
Criação	Leitura / Escrita	Leitura / Escrita	Poesia		
Canções	Matemática	Matemática	Historia		
Fábula	Palavra	Palavra	Leitura/ Escrita		
Historia	Jogos com Fitas	Jogos com Fitas	Leitura/ Escrita		
Audição Musical	Oral e escrito	Oral e escrito	Leitura/ Escrita		
Destreza Manual			Leitura/ Escrita		
Bris de Cultura Geral			Leitura/ Escrita		
Bris de Numeração e Quantidade			Leitura/ Escrita		
Bris de Palavras			Leitura/ Escrita		
Etiquetas Visuais			Leitura/ Escrita		



## ANEXO XII

### ACTIVIDADE DESENVOLVIDA A 12/4/2011

#### Relatório Diário

1. Situações de aprendizagem/Rotinas	Previstas e realizadas	Previstas e não realizadas	Não previstas e realizadas	Notas
<b>Acolhimento</b> - Oração - Canções/Lengalengas/Poesia/Adivinha - Audição obra música clássica - Visualização cartões com insectos relacionados com a Primavera - Visualização cartões com números - Visualização cartões com palavras - Visualização cartões com os nomes das crianças				Não aplicável pois nas duas semanas das férias da Páscoa o projecto "Optimist" não é trabalhado
<b>Tema Mensal (intervenção da estagiária)</b>	X			
<b>Inglês</b>				
<b>Recreio</b>	X			
<b>Leitura e escrita</b>				
<b>Refeição</b>	X			
<b>Sesta</b>	X			
<b>2. Áreas de Conteúdos ou Conteúdos abordados</b>		<b>3. Competências específicas desenvolvidas</b>		
- Conhecimento do mundo- conhecimento do ambiente natural e social - Linguagem oral abordagem à escrita- compreensão de discursos orais e interacção verbal - Formação pessoal e social- Convivência democrática/cidadania - Expressões - Expressão Plástica- Desenvolvimento da capacidade de expressão e comunicação- Produção e criação		<b>Estagiária:</b> - Identificar os ingredientes da receita usando os sentidos (textura, cor, cheiro) - Moldar massa e seguir as instruções de confeção finais (após massa confeccionada) - Saber esperar a sua vez - Respeitar os outros - Usar a técnica do salpico de guache com escova de dentes		
<b>4. Detecção de situações críticas (comportamentos evidenciados e situações que os originaram)</b>				
<b>Estagiário</b>		<b>Alunos/Crianças</b>		
<b>5. Descritivo e análise crítica</b> 8:00- Chegada ao colégio. Preparo o material para a intervenção desse dia, nomeadamente coloco a massa de foliar que preparei de madrugada em casa, a levedar junto a um aquecedor a óleo que acendo no dormitório, disponho todo o material de que vou necessitar na bancada, coloco algum no meu saco-mistério, vou cortar papel cenário para elaborar uma receita gigante com as crianças, verifico se há folhas de papel de máquina (mas devia ter verificado as de papel manteiga, o que fez com que a educadora estivesse a cortar mais tarde dessas folhas de A3 para A4). Mais tarde e com a ajuda da educadora verifico que me esqueci de ir buscar os tabuleiros ao refeitório, deixá-los previamente untados, preparar as tintas para salpicar, preparar os bibes plásticos para proteger as crianças dos salpicos. Felizmente durante toda a manhã não me faltou nada, trouxe tudo o que era necessário para o que tinha planificado. Como no dia seguinte vou fazer um breve teatrinho com as outras estagiárias, vou ainda arrumar o fantocheiro e o material para o decorar numa sala onde podemos estar sem pessoas, nem crianças, para que não vejam antes do tempo o que preparámos. São 9:00 e vou ter com a educadora que me lembra os tabuleiros e vou de imediato buscá-los ao refeitório. Entretanto ela traz as crianças que se encontravam no recreio exterior para dentro e lembra-me, pois também me esqueci, de que devemos ir todos lavar as mãos e arregaçar as mangas pois vamos mexer na massa. 9:10- Já na sala com 11 crianças sentadas no chão em meia roda com as pernas à chinês, começo a minha intervenção. Havia uma 12ª criança, o menino 7 mas que estava com dores de ouvidos e estava ao colo da auxiliar e mais tarde foi embora para				

casa.

Início colocando uma enorme folha de papel cenário no chão e explicando que vamos fazer uma culinária, digo que lhes vou mostrar os ingredientes para verem, tocarem e cheirarem e depois os vamos colar junto com as palavras que trouxe, naquela grande folha.

Começo pelo açúcar mas apenas observam, ninguém tem curiosidade em provar. Colo um pouco de açúcar na receita gigante e a respectiva etiqueta que observo ser pequena para a dimensão da folha.

Na volta seguinte passo a farinha e já o menino 9 e o menino 20 têm curiosidade e metem o dedo e o menino 19 que costuma ser introvertido e tem começado a ser atrevido, mete a mão toda sujando-se de farinha.

De seguida passo a erva-doce e todos gostam de cheirar. Uma criança que não me recordo quem era quer provar e a educadora que estava próxima diz que pode, visto eu estar com receio de concordar pois não sabia até que ponto a criança não iria chorar ou cuspir ou outra situação qualquer.

Na volta seguinte passo a canela e todos metem o dedo, provam e cheiram. Comentam que cheira a arroz doce.

À medida que faço isto vou em simultâneo colando as etiquetas com o nome dos ingredientes.

Passo ainda o papel do fermento de padeiro para cheirarem, como era fresco não trouxe, e a educadora refere que devia ter guardado um pouco para as crianças verem como era diferente do outro, a sua textura e o seu cheiro (desagradável).

Quando passo a manteiga todos metem o dedo e lambem, bastante felizes.

Ao passar o sal todos querem provar e a educadora ajuda a pôr um pouco na mão de cada um. Todos gostam e alguns até querem repetir.

Não levei o leite nem a laranja pois já todos conhecem o sabor mas levei uma embalagem recortada e uma imagem para colar na receita.

Para terminar tirei ainda um ovo cozido mas não disse que estava cozido e todos tiveram cuidado redobrado e sentiram-se entusiasmados com o perigo de o deixar cair. Também não colei o ovo mas uma imagem do mesmo.

Com todos os ingredientes colados referi que não ia fazer a preparação com as crianças pois ao contrário do bolo de ananás que prepararam um mês antes com a educadora, o fermento (pó mágico) era ainda mais especial e precisava de tempo e de calor para crescer. Fui buscar entretanto uma tigela plástica onde estava a massa bastante crescida pelo efeito do calor (e à superfície também um pouco cozida, tenho de ter mais cuidado pois devo ter aproximado demais o aquecedor ou estava próximo demais). De imediato as crianças que até à altura se tinham mantido calmas e atentas se levantam para vir tocar na massa.

Peço então que se levantem e se distribuam pelas 2 mesas redondas.

Comento que vamos fazer trabalhos diferentes em cada mesa e que depois vamos trocar.

Às crianças que ficam na mesa que vai iniciar a confecção dos mini-folares da Páscoa coloco um pouco de farinha à frente de cada uma, dou um pouco de massa e peço que amassem muito bem.

Entretanto a educadora tem de sair para ir telefonar aos pais da 12ª criança que se está a queixar de dores de ouvidos e fico na sala com a auxiliar que dá colo a essa criança pelo que tento desvenenhar-me sozinha.

Às outras crianças vou ao armário tirar as 3 batas plásticas mas como os do grupo do foliar começam a chamar dizendo que não conseguem amassar, apenas entrego as batas e peço que 3 deles as tentem vestir sozinhos. Verifico quando estou a acompanhar os que amassam que destes 3, há 2 que a vestem ao contrário e chamo a atenção.

Tento dar atenção a todos mas não consigo dar aos do grupo que vestiu as batas para pintar com salpicos de escova de dentes.

Lembro-me entretanto que não untei as formas o que faço muito rapidamente.

De seguida a auxiliar tenta ajudar-me sempre com a criança ao colo mas só consegue quando a educadora regressa. Ajuda-me nos mini-folares e eu, junto com a educadora, oriento a pintura com salpicos (também aqui foi a educadora que preparou as tintas pois eu esqueci-me de o fazer). A educadora ajuda-me a pôr os nomes nas folhas, novamente não estava preparada. Verifico que todas as crianças têm grande dificuldade nesta actividade, nenhuma a consegue fazer sozinha, tenho de ser eu a segurar a escova numa mão e a raspar no dedo da outra para produzir os salpicos. Isto concluí observando a educadora com uma criança, que consegue fazer o pedido enquanto as que acompanhei se limitavam a pintar as mãos.

A auxiliar ajuda-me nos mini-folares, a fazer as bolas e a espalmá-las, a colocar o ovo no meio e a fazer cobrinhas para pôr em cruz por cima do ovo. Todas as crianças revelaram prazer em amassar e em cheirar e provar a massa e em simultâneo mostraram dificuldades em manusear a massa como é pedido.

Consigo com imensa ajuda da educadora e da auxiliar fazer tudo o que me tinha proposto antes do intervalo das 10:30. E são elas que levam as crianças à casa de banho e ao recreio pois eu fico a limpar as mesas e os materiais e ainda vou ao refeitório levar os tabuleiros, em 2 viagens, para serem colocados no forno. Digo à educadora que não vou ao intervalo e fico nas limpezas, arrumações e ainda a terminar a receita gigante, fazendo molduras com marcador preto à volta dos ingredientes colados, assim como recorto à volta da receita, em ondinhas e depois contorno com caneta azul grossa para realçar.

No fim disto tudo passo na cozinha e vejo que os mini-folares estão muito altos devido às cobrinhas que as crianças colocaram no topo dos ovos, que como eram muito grossas, cresceram muito.

Passado pouco tempo a educadora regressa com as crianças que querem tocar e ver a receita que já está pronta. Como começam a mexer meto em cima de uma mesa.

“Abandono” as crianças e tento com a educadora descobrir como hei de fazer caixas para aqueles folares tão crescidos já que as folhas salpicadas vão dar caixas muito pequenas. Como não pedi material com antecedência foi necessário resolver com o que havia na sala pelo que experimentámos e ficou bastante bem, fazer as caixas de pasteiro com folhas de papel manteiga A3. A educadora sugeriu ainda colar uma parte do desenho salpicado no topo das caixas e foi o que fiz.

Das 11:10 às 11:25 as crianças brincaram a jogos sugeridos pela educadora e eu com a ajuda da educadora e da auxiliar fiquei a fazer caixas.

Às 11:30 subimos para o refeitório e eu disse à educadora que ia ver se os mini-folares já estavam prontos e como estavam levei-os para a sala.

A educadora disse que se eu quisesse podia ir para a sala terminar as caixas pois como estavam poucas crianças ela e a auxiliar não precisavam da minha ajuda.

Estive a fazer caixas, a colar os desenhos recortados dos salpicos e a juntar-lhes as mini-receitas que preparei em casa até á hora em que as crianças regressaram para ir dormir, pelas 12:15.

A educadora deitou todas as crianças e ainda fiquei a terminar as caixas, tendo sido acompanhadas pelo menino 19 que ia sair mais cedo e hoje conversou bastante comigo. Apesar de falar bastante baixo, e estando só nós 2, disse bastantes coisas sobre o que fizémos nesse dia, tendo uma dicção correcta, algo que eu desconhecia por nunca o ouvir falar.

Às 12:30 sai da sala com ele e fui almoçar.

12:35- Almoço.

13:00- Regresso a casa.

## **6. Reflexão e possíveis reformulações**

Em relação às competências específicas desenvolvidas:

Estagiária:

- Identificar os ingredientes da receita usando os sentidos (textura, cor, cheiro)- todos em aquisição com a minha ajuda
- Moldar massa e seguir as instruções de confecção finais (após massa confeccionada)- todos revelaram estar em aquisição e o menino 19 não conseguiu, tendo de ser eu a fazer
- Saber esperar a sua vez- todos com excepção do menino 9 que quer na elaboração da receita gigante, quer nas 2 actividades nas mesas, não esperou a sua vez
- Respeitar os outros- apenas o menino 9 está em aquisição pois por vezes tentou “passar” à frente dos outros.
- Usar a técnica do salpico de guache com escova de dentes – todas as crianças em aquisição

Opinião da Educadora face ao meu desempenho

Esqueci-me de algumas coisas, as crianças ainda não conseguem realizar actividades como a da escova de dentes. A elaboração da receita foi bem conduzida mas as etiquetas ficaram pequenas

Reflexão muito breve:

Este dia foi para mim muito desafiante pois exigiu bastante preparação prévia, começou logo às 6:00 na elaboração da massa e com grandes expectativas. No entanto não estava claro para mim se a educadora e eu íamos trabalhar em parceria para eu ter as folhas de papel prontas mais cedo para fazer as caixas e eu estava um pouco ansiosa em relação a tudo o que tinha previsto.

Apesar de ter concretizado os objectivos previstos e dentro do tempo só trabalhei com 11 crianças e tive várias falhas na preparação das actividades e dos materiais. Penso que me excedi na quantidade de coisas que planeei. E como tal não consegui acompanhar tudo, nem com tão poucas crianças.

No entanto fiquei muito satisfeita pois quando fui ao colégio às 16:00 buscar o meu filho vi várias crianças a saírem com a caixinha, com o mini-folar, com a receita, assim como as educadoras e auxiliares a elogiarem pois tinham provado o que fiz a mais, com a massa que sobrou.

Deu imenso trabalho mas foi todo feito comigo e numa só manhã, com imensa ajuda e trabalho de equipa da educadora e da auxiliar que foram extraordinárias e sem as quais não teria concluído a tempo. Foi muito gratificante neste sentido pois consegui numa manhã levar um “projecto” do início ao fim e ao sair as crianças puderam levar para casa, já que muitas vezes sinto que o que faço fica a meio, sem ligação, sem sentido

Assinatura\_\_\_\_\_



## ANEXO XIII

### ACTIVIDADE DESENVOLVIDA NO DIA 31/5/2011

#### Relatório Diário

1.Situações de aprendizagem/Rotinas	Previstas e realizadas	Previstas e não realizadas	Não previstas e realizadas	Notas
<b>Acolhimento</b> - Oração - Canções/Lengalengas/Poesia/Adivinha - Audição obra música clássica - Visualização cartões com frutos tropicais - Visualização cartões com números - Visualização cartões com palavras - Visualização cartões com os nomes das crianças	X			Estive ausente até às 9:25 na preparação de coisas para o dia da criança
<b>Tema Mensal (intervenção da estagiária)</b>	X			
<b>Inglês</b>	X			
<b>Recreio</b>	X			
<b>Leitura e escrita</b>	X			
<b>Refeição</b>	X			
<b>Sesta</b>	X			
<b>2. Áreas de Conteúdos ou Conteúdos abordados</b>		<b>3. Competências específicas desenvolvidas</b>		
<ul style="list-style-type: none"><li>- Linguagem oral abordagem à escrita- compreensão de discursos orais e interacção verbal<ul style="list-style-type: none"><li>– Formação Pessoal e Social- Convivência democrática/cidadania</li></ul></li><li>- Conhecimento do mundo – Localização no espaço e no tempo</li><li>- Expressão plástica- apropriação das artes no contexto- fruição e contemplação</li></ul>		<u>Educadora:</u> <ul style="list-style-type: none"><li>- Identificar palavras iniciadas pela letra “s” e associá-las às respectivas imagens.</li><li>- Realizar a grafia da letra “s”</li><li>- Estar sentado ordeiramente em grupo</li><li>- Esperar a sua vez para participar</li><li>- Respeitar os outros</li></ul> <u>Estagiária:</u> <ul style="list-style-type: none"><li>- Compreender histórias populares</li><li>- Respeitar os outros</li><li>- Estar sentado ordeiramente em grupo</li><li>-Distinguir e identificar o curto e o comprido</li><li>- Desenvolver a percepção visual: completar figuras</li><li>- Saber esperar a sua vez</li></ul>		
<b>4. Detecção de situações críticas (comportamentos evidenciados e situações que os originaram)</b>				
<b>Estagiário</b>		<b>Alunos/Crianças</b>		
<b>5. Descritivo e análise crítica</b> 8:05- Chegada ao colégio. Arrumo as minhas coisas e pergunto à Educadora que estava na sala com mais outra educadora uma opinião sobre o que preparei em casa, sobre se devia ou não recortar junto às margens uma ilustração enorme de um macaco que pintei com guaches em casa para contar a história do Macaco de Rabo Cortado. Disse-me que sim, que ficava melhor e fiquei na sala apenas a recortar. O resto dos objectos já vinha preparado de casa, uns pintados e recortados, outros do dia-a-dia. Preparei em casa a história de modo a que fosse sacando os objectos nela intervenientes do meu Saco dos Mistérios e que além disso, dentro de cada objecto ou colado a ela, estaria uma parte do texto da história. A história era bastante longa, com muitas cenas e assim as crianças não se apercebiam que eu estava a ler e conseguiria dinamizar mais o conto da mesma. Depois do conto da história que deveria ser bastante dramatizado, enfocando as repetições da história (quando o macaco se arrependia, quando de zangava, quando ficava de mãos a abanar, etc) tinha preparado um jogo de modo a introduzir os conceitos de curto e de comprido, com um peixe curto/comprido, um pão curto/comprido, umas orelhas				



bem compridas para colar por cima das orelhas curtas do macaco e uma cauda comprida que quando se tirava só se via uma cauda curtinha a sair do macaco.

Como estava tudo preparado de casa, apenas coloquei o material em local estratégico para poder utilizar e fui ajudar as educadoras e mais tarde as auxiliares a preparar a decoração do Colégio para o dia seguinte em que se celebra o dia mundial da criança.

9:25 – Quando chego à sala a Educadora já estava a terminar o acolhimento e a juntar as crianças num comboio para irem à casa de banho. Quando saíram tive oportunidade de colar no quadro de giz com bostik o macaco e a respectiva cauda muito comprida e ainda coloquei a mesa plástica vermelha junto ao quadro para ter uma base onde ir colocando os objectos. Escondi o saco dos mistérios com os objectos atrás de uma das cadeiras amarelas que costuma estar junto ao quadro. Sigo entretanto a educadora e as crianças para a casa de banho.

Neste momento estão presentes 19 crianças, falta apenas o menino 8 que segundo a auxiliar na véspera ao final do dia estava com febre.

#### TEMA MENSAL

9:30 – Assim que entramos na sala as crianças mostram-se logo muito curiosas com o que vai acontecer. Digo-lhes que tinha preparado uma história sobre aquele macaco, da cauda tão comprida, mas que no caminho, apanhei uma rabanada de vento e a história e as coisas que eu trazia dentro do meu Saco dos Mistérios misturaram-se todas. Fingi que procurava com esforço e por fim tirei lá de dentro uma pequena mala de uma só alça que coloquei a tiracolo e disse ser uma “sacola”.

Andei pela sala de um lado para o outro com a sacola a tiracolo e tirei lá de dentro uma folha de papel onde estava impressa uma parte da história e comecei a contá-la. Esforcei-me por ser bastante expressiva, quer oral quer corporalmente. Logo numa das primeiras cenas o macaco perde o rabo, que é cortado pelo barbeiro e as crianças ficam preocupadas mas ao mesmo tempo entusiasmadas.

Ia tirando os objectos do saco ou de dentro uns dos outros e iam surgindo de modo natural os pedaços de história que eu lia sem que as crianças dispersassem. A mesa de plástico serviu para que fosse colocando os objectos e os pedaços de história à medida que a história se desenvolvia. Tentei estar atenta ao grupo mas nos momentos em que me empenhei mais em dramatizar a história nem sempre estive atenta. Felizmente com excepção do menino 9 que perguntou várias vezes se já estava a acabar e que fez várias interrupções inoportunas (que eu consegui de modo razoável cortar). Mesmo as crianças 5, 15, 19 e 20 que por vezes interromperam, consegui sempre geri-las sem que afectasse o desenvolver da actividade.

As crianças mostraram entusiasmo em particular nas repetições, quando elas já anteviam que algo se ia passar como se tinha passado na cena anterior. Gostaram também bastante dos momentos em que eu fazia a expressão de zangada, de “mãos a abanar”, de andar pela sala rapidamente com um objecto ao ombro. Senti que até à data foi das minhas melhores dramatizações e o facto de tirar os objectos do saco e de deles tirar os pedaços de história foi bastante gratificante para as crianças.

No final do conto pedi a uma criança que me dissesse se a cauda que o macaco tinha naquele momento era curta ou comprida ao que a criança respondeu curta. Então chamei outra para me ajudar a colocar uma cauda comprida no macaco. Fê-lo comigo e depois chamei outra para me dizer se a cauda era curta ou comprida e também um peixe que tirei do caso. Disse que eram os dois compridos. Chamei outra e perguntei sobre as orelhas, seriam curtas ou muito compridas como as de um coelho? Respondeu curtas e então chamei outra criança para me ajudar a colocar no macaco umas orelhas compridíssimas que tinha feito também em papel cenário. Fui desenvolvendo este tipo de interacção em que uma colocava/alterava o que estava colada no macaco e depois vinha outra e tinha de descrever.

Ainda não tinham ido ao quadro todas as crianças e como já faltavam 3 minutos para as 10:00 e não tinha feito nada activo com as crianças, o que iria implicar que iam destabilizar a aula de inglês, fiz alguns movimentos em que consoante eu mostrasse o peixe curto ou comprido tinham de fazer esse movimento curto ou comprido. Alertei que queria que tivessem cuidado para não chocarem umas com as outras, o que de facto não aconteceu. Fizemo-lo com passos, com palmas, com saltos, com piscar de olhos. Já eram 10:00 e como estava a correr bem e as crianças a reagir muito bem distrai-me e a educadora lembrou-me da hora pelo que acalmei as crianças, sentei-as e referi que ainda íamos fazer o mesmo mas sentados se todos se despachassem. Só deu tempo para o fazer com o piscar de olhos e a professora de inglês entrou.

10:00- Inglês. Não assisti pois fui de novo ajudar nos preparativos para o dia seguinte.

10:30- Recreio das crianças e pausa das educadoras

11:00- De regresso à sala a educadora realiza grafismos com as crianças sobre a letra “s”. Divide a turma por equipas em que cada uma realiza o grafismo de um modo específico e quando ela avisa, todos rodam para onde ela indicar. Uma equipa percorre com os pés um grande “s” desenhado a giz no chão, outra equipa percorre com um carrinho um “s” mais pequeno desenhado a giz no chão, outra equipa percorre muitas vezes com o dedo um “s” médio desenhado a lápis de cera na mesa, e a última equipa percorre um “s” médio desenhado a giz no quadro, com o dedo molhado num pequeno recipiente de plástico. Com excepção de alguma confusão natural quando trocavam de “posto” as crianças cumpriram sempre as instruções da educadora mostrando mais entusiasmo pela actividade em que tinham de molhar o dedo. No entanto não se registaram incidentes.

11:25- Comboio + higiene + subimos para o refeitório.

11:30 – Oração. Almoço: sopa de feijão, atum com batata cozida e cenoura, e meloa. As crianças gostaram moderadamente da comida, nenhuma repetiu e a maioria mostrou ou muito agrado ou repulsa em comer a meloa. Na realidade alguns pedaços estavam pouco maduros o que dificultou a sua ingestão  
12:05 – Descemos para fazer a higiene, despir e depois ir para o dormitório.  
12:30- Todos deitados. Almoço com as educadoras dos 3 anos.  
13:00- Regresso a casa.

#### **6. Reflexão e possíveis reformulações**

Em relação às competências específicas desenvolvidas:

Educadora:

- Identificar palavras iniciadas pela letra “s” e associá-las às respectivas imagens.
- Realizar a grafia da letra “s”
- Estar sentado ordeiramente em grupo
- Esperar a sua vez para participar
- Respeitar os outros

Estagiária:

- Compreender histórias populares
- Respeitar os outros
- Estar sentado ordeiramente em grupo
- Distinguir e identificar o curto e o comprido
- Desenvolver a percepção visual: completar figuras
- Saber esperar a sua vez

Opinião da Educadora face ao meu desempenho

Correu bem, as crianças gostaram, o macaco estava muito apelativo e engraçado. As competências foram adquiridas.

Reflexão muito breve:

Hoje a intervenção que fiz correu bastante bem. Fui bastante melhor na dramatização do que nas vezes anteriores (esqueci-me finalmente de que estava a ser observada!), planeei bem o que ia fazer e a estratégia foi bastante inovadora e bem escolhida.

O jogo de introdução dos conceitos de curto e comprido foi também bastante feliz e as crianças adquiriram as competências.

Até a actividade motora, muito breve, foi adequada e diferente do que fazem habitualmente. Sinto que nesta recta final e apesar de bastante cansada com o que tenho de fazer para as restantes disciplinas me estou a empenhar mais e a “gastar” finalmente todas as minhas melhores estratégias. No entanto reconheço que apesar de ter corrido bem ainda tenho muito para aprender e tenho de estar preparada para intervir sem materiais inovadores, diversificados, pois essa poderá ser um dia a minha realidade.

Assinatura \_\_\_\_\_



## ANEXO XIV

### ACTIVIDADE DESENVOLVIDA NO DIA 3/5/2011

#### Relatório Diário

1. Situações de aprendizagem/Rotinas	Previstas e realizadas	Previstas e não realizadas	Não previstas e realizadas	Notas			
<b>Acolhimento</b> - Oração - Canções/Lengalengas/Poesia/Adivinha - Audição obra música clássica - Visualização cartões com frutos - Visualização cartões com números - Visualização cartões com palavras - Visualização cartões com os nomes das crianças	X						
<b>Tema Mensal (intervenção da estagiária)</b>	X						
<b>Inglês</b>	X						
<b>Recreio</b>	X						
<b>Leitura e escrita</b>		X		Dado a minha parte final da actividade não ter sido totalmente concluída a educadora deu-me oportunidade de continuar neste período			
<b>Refeição</b>	X						
<b>Sesta</b>	X						
<b>2. Áreas de Conteúdos ou Conteúdos abordados</b>		<b>3. Competências específicas desenvolvidas</b>					
- Conhecimento do mundo- Conhecimento do ambiente natural e social - Conhecimento do Mundo- Convivência democrática/cidadania - Matemática- Números e objectos		<u>Educadora:</u> - Identificar palavras iniciadas pela letra “r” e associá-las às respectivas imagens. - Identificar o seu nome - Identificar o nome dos colegas - Identificar os números e as quantidades de 2 até 11 - Identificar imagens de frutos - Estar sentado ordeiramente em grupo - Esperar a sua vez para participar - Respeitar os outros <u>Estagiária:</u> - Distinguir um legume de um fruto e ser capaz de o classificar - Respeitar os outros - Estar sentado ordeiramente em grupo - Identificar imagem que não pertence ao grupo					
<b>4. Detecção de situações críticas (comportamentos evidenciados e situações que os originaram)</b>							
<b>Estagiário</b>		<b>Alunos/Crianças</b>					
<b>5. Descritivo e análise crítica</b>							
8:20- Chegada ao colégio. Arrumo as minhas coisas e preparo o material para a intervenção desse dia. Estou ainda							

com as crianças no recreio exterior.

9:00 – Inicia-se o acolhimento que antecede a minha intervenção. A esta hora estão 16 crianças na sala.

A educadora está sentada numa cadeira de frente para as crianças numa meia roda sentados no chão com as pernas à chinês.

Na semana passada e novamente nesta a educadora tem sentado as crianças na meia roda alternando menino com menina o que tem dado resultados ao nível da atenção, dado que existem menos conversas laterais.

Oração dos bons-dias, do “Anjo da Guarda Minha Companhia” e a “Avé-Maria”.

Visualização de cartões com o nome das crianças.

Visualização de cartões com palavras com a letra “r” e associação às respectivas imagens.

Visualização de cartões com números do 2 ao 11, como revisões.

Visualização de cartões com imagens de frutos.

#### TEMA MENSAL

9:30 – Em casa pensei bastante sobre a melhor maneira de introduzir o tema das frutas e dos legumes e apesar de não estar na planificação, decidi levar uma cestinha com alguns legumes e frutos: uma cenoura, uma batata, uma laranja, uma maçã e uma banana. Assim, logo que a educadora terminou de apresentar os cartões com os frutos disse que dentro da cestinha estava um teste ao que tinham aprendido antes e um jogo para jogarmos depois.

Estavam todos curiosos e os meninos 9 e 19 não se contiveram e vieram espreitar.

Comecei por dizer que aquela era uma cestinha de pic-nic mas também para ir ao mercado comprar frutas, legumes, flores, etc e que lá dentro tinha algumas dessas coisas e queria ver quem sabia o nome. Comecei por tirar um pano da loiça que disse ser uma toalha. Fui tirando e pedindo a crianças que dissessem o nome do fruto ou legume e a que classe pertencia. Fui dizendo que o legume serve para fazer sopa, salada e o fruto para comer depois do prato. As crianças identificaram todos os frutos/legumes reais que trouxe e coloquei-os em extremos do pano.

Depois disse que iam-me ajudar a classificar as imagens que tinha trazido em frutas e legumes para depois jogarmos.

Desenhei no chão da sala 2 grandes círculos com giz de cores diferentes e coloquei as frutas e legumes reais separados em cada círculo.

Dei a escolher uma imagem à 1ª criança e ela teve de mostrar ao grupo, dizer o seu nome e se era uma fruta ou legume. Quando terminou e colocou o cartão com a imagem dentro do círculo correspondente ao grupo, pedi que sem ver escolhesse outro cartão e o entregasse à criança seguinte. Fui fazendo assim o que contribuiu para ter sempre 2 crianças muito empenhadas em simultâneo. Havia palavras como beringela, couve-flor ou couve-lombarda que não eram conhecidas da maioria das crianças. Apenas o menino 8 sabia quase todos os legumes. Ao longo da actividade, de modo a conseguirem classificar a que grupo pertenciam tive de ajudar muitas vezes as crianças com perguntas tipo “já comeste sopa de laranja” ou “Costumas comer as ervilhas como sobremesa, depois do prato”.. Algumas crianças não percebiam a brincadeira e eram levadas à resposta errada colocando a imagem no grupo errado. Ao longo desta actividade mantiveram-se atentas apesar de as crianças que já tinham participado como as crianças 1 e 9 se terem dispersado e interrompido por diversas vezes.

Quando terminei todas as imagens e com a participação de todas as crianças já eram 9:55 e perguntei à educadora se podia jogar só 2 vezes. Foi o que fiz com 2 crianças que estavam muito atentas. Pedi que todos fechassem os olhos e tirei uma imagem do grupo e coloquei no outro. Ambas as crianças mostraram dificuldades e tive de as ajudar. Penso que tal se deveu ao grande número de imagens que tinha em cada grupo: 10 em cada.

Sáímos para ir à casa-de-banho e quando regressámos a educadora ainda cantou 2 canções com as crianças até que por fim chegou a professora de inglês.

10:00- Inglês. A educadora poda e rega as flores que estavam no cantinho das flores e desloca-as para outro local, dado o tema do mês de Maio: o mercado necessitar desse cantinho. Aproveito para falar com a educadora sobre a avaliação de uma criança da sala que fiz para entregar a um técnico e aos pais. Falo também sobre a intervenção desse dia e a educadora apenas tem a assinalar que tenho de ter mão mais forte nas crianças, de as controlar melhor. Reconheço que houve uma altura em que disse à menina 1 que ela não ia jogar, ia ficar para o fim, mas esqueci-me e ela jogou na vez dela.

10:30- Como está um dia ameno as crianças vão fazer o recreio com a auxiliar no recreio exterior, mas antes ajudo a educadora a dar as garrafas de água às crianças antes de saírem para o recreio.

Comboio para recreio das crianças

10:45- Pausa das educadoras. Hoje era o aniversário de uma senhora da cozinha e como é hábito trazia algo para partilhar: chocolates.

11:10- Já de regresso à sala a educadora dá-me oportunidade de continuar o jogo que mal tinha começado. Para mim era uma oportunidade de me empenhar em resolver a falta de controlo sobre as crianças. Efectivamente o jogo que inventei era engraçado mas as crianças não estavam totalmente concentradas em o jogar e tive dificuldades em conseguir motivá-las e em que se mantivessem quietas, caladas e atentas. Tive de as chamar à atenção algumas vezes e a educadora mais do que uma vez interveio pois eu não as silenciava totalmente e havia sempre algum burburinho residual.

Penso que o facto de ter tantas imagens, das quais quase todos os legumes eram novos para a maioria das crianças

terá ajudado a este desinteresse. E eu também não fui capaz de ter o tal pulso forte nas crianças. Comboio + higiene + almoço + ida + para o refeitório.

11:30 – Oração. Almoço: sopa de cenoura, bacalhau à Gomes de Sá e gelatina de morango. Quase todas as crianças mostraram desgosto com a comida e demoraram mais do que o habitual.

12:05 – Descemos para fazer a higiene, despir e depois ir para o dormitório.

12:30- Todos deitados. Almoço com as educadoras dos 3 anos.

13:00- Regresso a casa.

#### **6. Reflexão e possíveis reformulações**

Em relação às competências específicas desenvolvidas:

Educadora:

- Identificar palavras iniciadas pela letra “r” e associá-las às respectivas imagens.- era só uma palavra e todos identificaram
- Identificar o seu nome- raros e hoje estavam quase todos desatentos
- Identificar o nome dos colegas- hoje nenhum estava atento nem o conseguiu fazer
- Identificar os números e as quantidades de 2 até 11- todos
- Identificar imagens de frutos- todos
- Estar sentado ordeiramente em grupo- maioria
- Esperar a sua vez para participar- maioria
- Respeitar os outros- maioria

Estagiária:

- Distinguir um legume de um fruto e ser capaz de o classificar – maioria apesar de ter ajudado algumas crianças
- Respeitar os outros- todos com excepção das crianças 1 e 9
- Estar sentado ordeiramente em grupo- todos com excepção das crianças 1 e 9
- Identificar imagem que não pertence ao grupo- raros

Opinião da Educadora face ao meu desempenho

Correu bem mas não tive um bom controlo do grupo, tenho de ser mais firme.

Reflexão muito breve:

Consegui a partir das vivências das crianças e do que elas já sabiam criar uma actividade que aumentou as suas competências no que concerne aos frutos e aos legumes. No entanto não fui eficaz na motivação e gestão do grupo, talvez pelo excesso de imagens que seleccionei para as crianças identificarem.

Assinatura\_\_\_\_\_



## ANEXO XV

### ACTIVIDADE DESENVOLVIDA NO DIA 10/5/2011

#### Relatório Diário

1.Situações de aprendizagem/Rotinas	Previstas e realizadas	Previstas e não realizadas	Não previstas e realizadas	Notas
<b>Acolhimento</b> - Oração - Canções/Lengalengas/Poesia/Adivinha - Audição obra música clássica - Visualização cartões com frutos - Visualização cartões com números - Visualização cartões com palavras - Visualização cartões com os nomes das crianças	X			
<b>Tema Mensal (intervenção da estagiária)</b>	X			
<b>Inglês</b>	X			
<b>Recreio</b>	X			
<b>Leitura e escrita</b>	X			
<b>Refeição</b>	X			
<b>Sesta</b>	X			
<b>2. Áreas de Conteúdos ou Conteúdos abordados</b>	<b>3. Competências específicas desenvolvidas</b>			
- Linguagem oral abordagem à escrita- Convenções gráficas e Compreensão de discursos orais e interacção verbal - Formação Pessoal e Social- Convivência democrática/cidadania	<u>Educadora:</u> - Identificar palavras iniciadas pela letra “r” e associá-las às respectivas imagens. - Identificar o seu nome - Identificar o nome dos colegas - Identificar os números e as quantidades de 13 até 22 - Identificar imagens de frutos - Estar sentado ordeiramente em grupo - Esperar a sua vez para participar - Respeitar os outros <u>Estagiária:</u> - Identificar a sombra de uma imagem - Respeitar os outros - Estar sentado ordeiramente em grupo - Escutar uma história com atenção e sem interromper - Perceber que a escrita e as imagens transmitem informação			
<b>4. Detecção de situações críticas (comportamentos evidenciados e situações que os originaram)</b>				
<b>Estagiário</b>	<b>Alunos/Crianças</b>			
Existiu um momento em que a educadora ficou para trás no regresso à sala e quando entrei as crianças corriam e gritavam como se estivessem no recreio. Tentei pará-los mas tive muitas dificuldades em particular com crianças que habitualmente se portam bem, estavam eléctricas. Consegui com bastante dificuldade que se deitassem e ainda andavam 2 a correr e a educadora chegou e fechou os estoques comigo e todos acalmaram				
<b>5. Descritivo e análise crítica</b>				
8:05- Chegada ao colégio. Arrumo as minhas coisas e preparo o material para a intervenção desse dia. Estou um pouco apreensiva pois fiz algumas alterações de última hora à planificação desse dia e só na sala me apercebo se vão ou não funcionar e como. Planeei fazer um jogo com as sombras de algumas frutas e legumes (7 no total pois na semana anterior eram imagens e mais e as crianças dispersaram-se) e depois contar a história dos Meninos de Todas as cores no quadro de giz que me irá servir no dia seguinte para introduzir a cor negro e a actividade de pintar com tinta branca numa cartolina negra.				



Assim, o meu plano para esse dia, com as alterações, passa por uma breve demonstração do efeito da sombra de um menino recortado em cartolina preta, usando uma lanterna e um quadro em folha branca com moldura de cartão. Depois disso iria mostrar as sombras das frutas e legumes previamente seleccionados e fazer um jogo de associação. A seguir iria falar das cores das frutas e legumes, depois das cores dos cabelos das crianças e depois das cores da pele. A seguir contaria a história mas decidi à última da hora fazer logo uma banda desenhada em papel cenário para conseguir ligar com o dia seguinte, se fizesse 1º no quadro e depois papel ia ficar descontextualizado. Decido fazer no chão em vez de fixar no quadro pois quando experimentei a posição era muito ingrata e certamente iria fazer mal os desenhos.

Recorto então uma tira de papel cenário que fui entretanto buscar à arrecadação, meço e divido-a com marcador preto grosso em 6 partes iguais correspondente aos 6 momentos da história. Preparo e coloco todo o material de que vou necessitar junto do local onde vou trabalhar com as crianças, nomeadamente o papel cenário enrolado, a caneta preta e os lápis de cor (da cor da pele de cada menino da história), as imagens dos frutos e legumes, as respectivas sombras, a lanterna e o quadro de papel branco, a imagem sombra do menino.

Estou ainda cerca de 15 minutos no recreio exterior com a auxiliar e as crianças

9:00 – Inicia-se o acolhimento que antecede a minha intervenção. A esta hora estão 19 crianças na sala, falta apenas o menino 7.

A educadora está sentada numa cadeira de frente para as crianças numa meia roda sentados no chão com as pernas à chinês.

Oração dos bons-dias, do “Anjo da Guarda Minha Companhia” e a “Avé-Maria”.

Antes de iniciar as actividades a educadora recebe de algumas crianças frutos e legumes para colocar no “mercadinho da sala” e comenta com o grupo o seu nome, cor e outros atributos.

Visualização de cartões com palavras com a letra “r” e associação às respectivas imagens.

Visualização de cartões com números do 13 ao 22, como revisões.

Visualização de cartões com imagens de frutos.

Visualização de cartões com o nome das crianças

#### TEMA MENSAL

9:30 – Tal como referido atrás já tinha tudo preparado para a intervenção de hoje. Inicio comentando com as crianças se se lembram das sombras chinesas que fiz com as outras estagiárias. Comentam que sim e o nome das personagens. Pergunto se tiveram medo do escuro, ao que dizem não mas que os bebés da creche tiveram. Explico que não tiveram medo pois havia sempre uma luz e que vou explicar como funcionava. Mostro um pequeno quadro que fiz com uma folha branca no meio e com uma lanterna por trás projecto a sombra de um boneco-menino em cartolina preta que preparei em casa. Como não se via quase nada (eu não tinha previsto esta situação pois ao ensaiar em casa funcionou) a educadora ajudou-me e fechou os estores e apagou a luz. As crianças perceberam como funcionava uma sombra, pelo menos foi o que pensei e passei logo à etapa seguinte. Reflectindo agora penso que devia ter explorado mais a questão da sombra, quem sabe até usando objectos ou os legumes reais que as crianças trouxeram. Como tinha muitas coisas planeadas erradamente não aprofundi o suficiente.

Acendeu as luzes e eu expliquei que íamos fazer um jogo de associação com as imagens da semana anterior em que eu dava uma sombra e tinham de achar o fruto/legume original. Desta vez só trouxe 7 imagens pois na semana anterior eram 20 das quais cerca de metade não eram familiares às crianças.

Criança a criança chamei e verifiquei que estavam a achar fácil e por isso como não havia imagens novas para todos comecei a colocar a sombra ao contrário, de pernas para o ar, etc. Nesta interacção as crianças estiveram atentas nas primeiras três imagens, a partir da quarta começaram a surgir conversas laterais. Eu prossegui na esperança de que se re-interessassem mas não, começou a piorar... Como senti que estavam pouco interessadas e não me ocorreu nada para as motivar senão mudar a posição das sombras, tentei despachar para passar à seguinte e não fui firme com as crianças tendo a educadora que intervir em mais do que um momento.

Terminada esta fase de modo pouco feliz, falei sobre as cores das frutas e depois sobre as cores dos cabelos dos meninos e depois sobre a cor da pele. Então disse-lhes que ia contar uma história de meninos todos diferentes e com peles de cores diferentes. Fui buscar a folha de papel cenário que tinha preparado dividida em 6 partes diferentes e perguntei se sabiam sobre quem era a história. Sentei-me no chão munida de uma esferográfica preta, de lápis de cor (amarelo, preto, vermelho e castanho) e com a cábula da história em cima da cadeira fui contando e ao mesmo tempo desenhando sobre a folha no chão. Decidi fazer assim pois se tivesse feito no quadro de giz não conseguia ligar com o dia seguinte e se tivesse feito a banda desenhada fixando a folha no quadro como era uma posição muito difícil os desenhos ficariam certamente muito mal feitos.

Apesar de as crianças terem participado activamente, o que sucedeu foi que a maioria acompanhou a história mas não conseguiu visualizar os desenhos. Faltavam menos de 10 minutos para terminar o “meu tempo” e continuei entusiasticamente a contar e desenhos a história e o que sucedeu foi a maior parte das crianças não conseguia ver nada. No entanto como queriam ver, foram-se aproximando cada vez mais e tal motivou alguma confusão.

Aqui novamente agi de modo desadequado, centrei-me no desenho e na história pois tinha muito pouco tempo e as crianças estavam cada vez mais dispersas. A educadora interveio de novo. Não posso agir deste modo, se não terminar é um risco e tenho a certeza que a educadora me “arranja” mais uns minutos para que depois do inglês e do

recreio já consiga terminar. É preferível não terminar do que fazer à pressa e sentir que não ensinei nada, não promovi qualquer competência, não motivei nem valorizei as crianças.

No último momento da história disse apressadamente o que sucedia mas que durante a aula de inglês ia desenhar e fazer uma surpresa a todos. Ninguém mostrou grande entusiasmo e ao longo de toda a manhã ninguém perguntou pelo desenho.

Saímos para ir à casa-de-banho e quando regressámos a educadora ainda cantou 2 canções com as crianças até que por fim chegou a professora de inglês.

10:00- Inglês. A educadora acompanha a aula de inglês e eu acabo a banda desenhada. Converso um pouco com a educadora que diz que as actividades que eu tinha previsto eram interessantes mas que novamente não fui firme com as crianças, que assim que começa algum burburinho tenho logo de o controlar senão ele alastra e depois não consigo ter mais mão nas crianças.

É verdade, senti isso mas estive mais concentrada em tentar acabar tudo o que estava previsto. Reconheço que não conduzi bem a minha intervenção e não dei qualquer importância à contribuição das crianças nem estive atenta às suas reacções e comportamentos.

10:30- Como está um dia ameno as crianças vão fazer o recreio com a auxiliar no recreio exterior, mas antes observo a educadora a dar os chapéus às crianças, já sem a imagem (caracol, carrinho, etc) e só com o nome. Cerca de metade consegue identificar o seu chapéu.

Comboio para recreio das crianças

10:45- Pausa das educadoras.

11:10- Já de regresso à sala a educadora trabalha no quadro as palavras já conhecidas com a letra “r” e depois nas mesas as crianças realizam o grafismo dessa letra usando guache e um pincel grosso.

Comboio + higiene + almoço + ida + para o refeitório.

11:30 – Oração. Almoço: sopa de juliana, douradinhos com arroz de cenoura e laranja. As crianças gostam da comida e comem em especial os douradinhos com sofreguidão e deixam o arroz para o fim. A laranja continua a ser uma fruta difícil em particular nesta época em que começa a ficar mais seca,

12:05 – Descemos para fazer a higiene, despir e depois ir para o dormitório.

Existiu um momento em que a educadora ficou para trás no regresso à sala e quando entrei as crianças corriam e gritavam como se estivessem no recreio. Tentei pará-los mas tive muitas dificuldades em particular com crianças que habitualmente se portam bem, estavam eléctricas. Consegui com bastante dificuldade que se deitassem e ainda andavam 2 a correr e a educadora chegou e fechou os estores comigo e todos acalmaram

12:30- Todos deitados. Almoço com as educadoras dos 3 anos.

13:00- Regresso a casa.

## **6. Reflexão e possíveis reformulações**

Em relação às competências específicas desenvolvidas:

Educadora:

- Identificar palavras iniciadas pela letra “r” e associá-las às respectivas imagens.
- Identificar o seu nome
- Identificar o nome dos colegas
- Identificar os números e as quantidades de 13 até 22
- Identificar imagens de frutos
- Estar sentado ordeiramente em grupo
- Esperar a sua vez para participar
- Respeitar os outros

Estagiária:

- Identificar a sombra de uma imagem
- Respeitar os outros
- Estar sentado ordeiramente em grupo
- Escutar uma história com atenção e sem interromper
- Perceber que a escrita e as imagens transmitem informação

Opinião da Educadora face ao meu desempenho

Correu bem mas não tive um bom controlo do grupo, tenho de ser mais firme, teve de intervir novamente.

Independentemente do tempo que tenha, tenho de me concentrar nas crianças e não na actividade em si. É importante que faça sentido para eles e que a aproveitem para adquirir competências e não que a termine a tempo.

Reflexão muito breve:

Não controlei bem o grupo, tenho de agir mais cedo e não deixar andar de modo a conseguir concluir a actividade.

Assinatura\_\_\_\_\_



## **ANEXO XVI**

### **CONCLUSÃO REFLEXIVA ESTÁGIO PRÉ-ESCOLAR**

O estágio objecto desta conclusão reflexiva foi realizado no âmbito das cadeiras de Prática de Ensino Supervisionada I e II, que surgem nos 1º e 2º semestres do Mestrado de Qualificação para a Docência em Ensino Pré-Escolar e Ensino do 1º Ciclo do Ensino Básico com o objectivo de que no final do mesmo os discentes sejam capazes de observar, questionar, pesquisar, seleccionar e organizar informação relevante como suporte à prática, para o que deverão ser capazes de mobilizar para essa mesma prática, conhecimentos científicos e tecnológicos tendo em conta a integração de conteúdos relativos a conceitos, procedimentos, atitudes e valores. Deverão ainda estar aptos a conceber projectos de intervenção para um grupo/turma de alunos, tendo em conta um quadro teórico-metodológico de referência, o Currículo Nacional, as Orientações Curriculares, as Metas de Aprendizagem, os projectos da Instituição, as necessidades/potencialidades e características dos contextos (meio, Instituição, grupo/turma), que foram caracterizados. Ao longo das suas intervenções os discentes deverão ser capazes de construir, desenvolver e avaliar planificações diárias tendo em conta as variáveis da prática, o currículo nacional, as orientações do professor cooperante e do professor supervisor da prática, assim como deverão conceber e aplicar estratégias diferenciadas produzindo materiais adequados. Posteriormente, deverão produzir textos de reflexão pessoal, nos quais reflectem e avaliam criticamente as suas próprias intervenções e as observadas, fundamentando-se em conhecimentos das áreas de formação, usando adequadamente a Língua Portuguesa, oral e escrita. Ao longo do estágio o discente deverá ser ter sido capaz de se relacionar bem com os seus pares e com os diferentes agentes da acção educativa, tal como criar um clima relacional favorável à compreensão e aceitação dos diferentes grupos culturais e sociais.

No final do estágio a discente esperava alcançar as competências acima propostas, assim como conseguir superar as suas expectativas em relação ao mesmo.

O referido estágio desenrolou-se ao longo de duas manhãs por semana, das 8:30 às 13:00, dos dois semestres do ano lectivo 2010/2011 no Colégio Planalto Infantil, com um grupo de 20 crianças, dentro da faixa etária dos 3 anos (feitos até 31/12/2010), das quais 9 meninas e 11 meninos.

O estágio iniciou com uma etapa inicial de 10 sessões de observação, tendo-se iniciado, a partir de 23 de Novembro de 2010, as intervenções da discente que se prolongaram até 15 de Junho de 2011.

A observação do grupo foi uma etapa fundamental para a caracterização do grupo pois segundo DEB (1997:25) “Observar cada criança e o grupo para conhecer as suas capacidades, interesses e dificuldades, recolher as informações sobre o contexto familiar e o meio em que as crianças vivem, são práticas necessárias para compreender melhor as características das crianças e adequar o processo educativo às suas necessidades.

O conhecimento da criança e da sua evolução constitui o fundamento da diferenciação pedagógica que parte do que esta sabe e é capaz de fazer para alargar os seus interesses e desenvolver as suas potencialidades. Este conhecimento resulta de uma observação contínua e supõe a necessidade de referências tais como produtos das crianças e diferentes formas de registo.

Trata-se fundamentalmente de dispor de elementos que possam ser periodicamente analisados, de modo a compreender o processo desenvolvido e os seus efeitos na aprendizagem de cada criança. A observação constitui, deste modo, a base do planeamento e da avaliação, servindo de suporte à intencionalidade do processo educativo”.

No Colégio Planalto Infantil, e nos outros 3 Colégios Portugueses que pertencem à Cooperativa Fomento de Centros de Ensino, toda a prática pedagógica é orientada de acordo com o Projecto “Optimist”, importando de Espanha e adaptado em situações específicas à cultura portuguesa. Trata-se de uma metodologia em que os objectivos a alcançar estão previamente definidos, que se adapta facilmente às características de cada grupo, enquadrando as iniciativas das crianças e contemplando as opções e intenções educativas da Educadora e que tem por objectivo proporcionar às crianças uma estimulação rica e orientada, para que alcancem, de acordo com as condições pessoais de cada um, níveis de maturidade, desenvolvimento e aprendizagem excelentes. Para tal, a metodologia utilizada é fundamentalmente activa, estimulando as crianças a participar como protagonistas da sua própria aprendizagem, favorecendo a autonomia e o trabalho em grupo.

Com estes pressupostos as educadoras do Colégio Planalto Infantil, juntamente com a Coordenadora Pedagógica, elaboram no ano anterior a programação mensal para o ano seguinte, sendo feitos quinzenalmente e antecipadamente os devidos ajustes à programação quinzenal e diária, de modo a ir ao encontro das necessidades dos grupos.

Com base nas observações realizadas, naquilo que foi programado e realizado pela Educadora no 1º trimestre, assim como pela discente em pouco mais do que meia dúzia de intervenções, em termos de estratégias e actividades, e baseado nos objectivos traçados para os restantes dois trimestres, de acordo com o Projecto “Optimist” foi elaborado pela discente o Plano Curricular Anual (anexo nº2), em termos de Áreas de Conteúdo/Conteúdos curriculares, Competências a desenvolver, Situações de Aprendizagem e Estratégias, Operacionalização Transversal das mesmas competências e Tipos e Instrumentos de Avaliação utilizados para aferir do cumprimento desse plano.

Em paralelo com o Plano Curricular Anual, para o grupo concreto que estava a ser considerado, com as suas características, preferências e dificuldades, e para o corrente ano lectivo, foram perspectivadas as opções curriculares a tomar, ou seja, as Perspectivas Educacionais (anexo nº1).

Foi com base nas Perspectivas Educacionais traçadas e no Plano Curricular Anual delineado que a discente reiniciou as suas intervenções a 1 de Março de 2011, depois do período de interrupção lectiva entre o 1º e o 2º semestre.

De referir que dada a exigência e rigor do Projecto “Optimist” a discente apenas intervinha directamente e de modo autónomo com as crianças durante um período de meia hora, das 9:30 às 10:00. Tal representou em alguns casos um constrangimento como se detalhará mais adiante, mas também um desafio importante pois a discente teve de se empenhar bastante na gestão do tempo. De acordo com Arends (1999: 81) “O tempo é tão importante para o professor como o é para todos os trabalhadores. Alguns trabalhadores vêem o tempo como algo a passar, mas para alguns profissionais, todavia, é um bem escasso e com grande procura. No ensino o tempo pode ser visto como um recurso crítico que, em combinação com outros recursos, produz a aprendizagem dos alunos. Há maneiras mais ou menos eficientes e mais ou menos eficazes de usar o tempo. Porém, se os alunos não aprenderam, o professor não terá sido eficaz.”

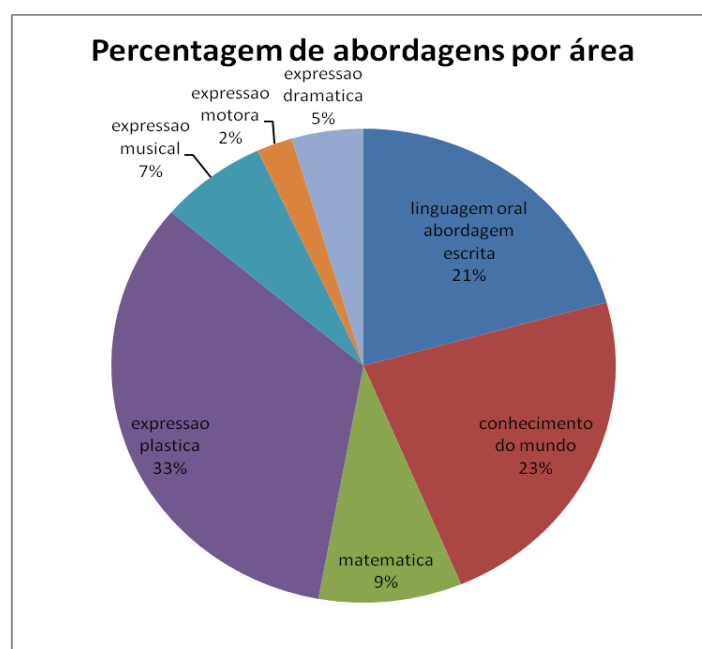
Através do seu portefólio de estágio, como instrumento dinâmico de avaliação, em particular através dos relatórios diários e das reflexões semanais a discente foi fazendo uma permanente avaliação das aprendizagens e das necessidades ao longo do resto do ano, tendo sido detectado posteriormente a necessidade de ajustes ao Plano Curricular Anual, nomeadamente nas actividades previstas e nas estratégias a utilizar.

A avaliação de necessidades “é um processo constante e dinâmico, que nunca termina, até pelas mudanças produzidas nas próprias necessidades” (Rodrigues, 1993:22), ou seja, as necessidades das crianças e do grupo vão-se alterando à medida que decorre o processo de ensino-aprendizagem. Trata-se de um processo formativo pois começa assim que a criança entra na escola e prossegue à medida que se aprofunda o conhecimento que se tem de cada criança, no decorrer das observações subsequentes. De acordo com Ribeiro (1989:79) este tipo de avaliação “não se aplica no início do ano lectivo, mas no início de novas aprendizagens”. Segundo DEB (1997:27) a “avaliação na Educação Pré-Escolar possui um cariz essencialmente formativo, no sentido em que representa um processo contínuo e interpretativo mais focado nos processos do que nos resultados”. Neste sentido pode-se concluir que a avaliação é um processo formativo, dinâmico e contínuo.

Falando agora em concreto e em maior detalhe sobre o modo como se desenvolveu o Plano Curricular Anual ao longo do 2º semestre, poderá ser consultada em anexo uma tabela detalhada que inclui, por cada uma das intervenções realizadas pela discente, quais as principais áreas abordadas. Esta tabela inclui também as intervenções realizadas antes da definição do Plano Curricular Anual pois estas foram programadas em consonância com a programação quinzenal da educadora, ou seja, estavam dentro do âmbito dos objectivos definidos pela Educadora e pela Instituição.

De um modo mais resumido a discente apresenta abaixo uma tabela e um gráfico que consideram as abordagens realizadas em cada área curricular/domínio. De notar que apesar de terem sido realizadas 51 intervenções, em alguns casos a discente conseguiu na mesma intervenção abordar mais do que uma área/domínio, que se resumiram a um total de 87 abordagens.

Áreas/Domínios	Quantidade de abordagens
Linguagem oral abordagem escrita	18
Conhecimento do mundo	20
Matemática	8
Expressão plástica	29
Expressão musical	6
Expressão motora	2
Expressão dramática	4
TOTAL	87



De seguida será realizada uma análise detalhada a este gráfico, por área/domínio, no que concerne às actividades desenvolvidas, à avaliação das mesmas no que concerne ao modo como foram implementadas (às estratégias), como se traduziram a evolução das competências do grupo e também da discente.

O grupo de 20 crianças, dentro da faixa etária dos 3 anos, das quais apenas 5 não frequentaram previamente qualquer estabelecimento de educação pré-escolar, apresentava no início do ano lectivo algum atraso, completamente normal, na socialização, no vocabulário utilizado, no cumprimento das rotinas diárias, entre outros. Tratava-se de crianças, quase todas recém-chegadas à escola, trazendo diferentes hábitos e valores, que foram interiorizados nos seus primeiros 3 anos de vida, o que fez



a discente delinear uma especial atenção à **Área da Formação Pessoal e Social**, em particular à Educação dos Valores, que será a base da conduta e das atitudes que estas crianças terão ao longo da aprendizagem escolar e da sua vida social e familiar.

“Os valores não se ensinam, vivem-se na acção conjunta e nas relações com os outros, que permitem à criança aprender a atribuir valor a atitudes e comportamentos seus e dos outros, conhecendo, reconhecendo e diferenciando modos de interagir. A educação para os valores acontece, assim, em situação, num processo pessoal e social de procura do bem próprio e colectivo”. (DEB, 1997: 52).

Deste modo, a discente preconizou no Plano Curricular Anual a organização de actividades diversificadas e com estratégias intencionalmente utilizadas para promover a educação para os valores. No gráfico atrás analisado esta área não está referida por se tratar de uma área transversal que a discente considerou em todas as suas intervenções, e em todas as estratégias utilizadas, tal como poderá ser confirmado através de uma análise às planificações diárias. Tal como previa este foi o seu maior desafio, em particular no que concerne à avaliação e considera que teve dificuldades em aferir no final se os valores, ou simplesmente hábitos, que foram incutidos ao longo do ano a este grupo, foram influenciados pela sua prática pedagógica. O Projecto “Optimist” que orienta a prática pedagógica do Colégio está organizado de modo a promover permanentemente e intencionalmente a educação de regras de conduta e de convivência básicas, a aquisição de hábitos e rotinas diárias e correctas.

Ao longo das suas intervenções, e como de poderá comprovar pela análise das reflexões semanais, a discente considera que nas intervenções em si, por vezes, se desviou deste objectivo, canalizando os seus esforços na aquisição de competências curriculares, em vez de se concentrar na aquisição de competências na área da Formação Pessoal e Social que são fundamentais em particular nesta faixa etária, como base para essas aprendizagens. Se uma criança não sabe esperar a sua vez, ela terá dificuldades em estar concentrada e atenta numa actividade de grande grupo que promova a participação activa das crianças.

O grupo evoluiu significativamente ao longo do ano na área da Formação Pessoal e Social, quer em termos das competências desenvolvidas especificamente pela discente, quer nas preconizadas pela Educadora e trabalhadas diariamente em todos os momentos, pois todos são oportunidades de aprendizagem, da actividade em grande grupo à

actividade realizada individualmente, da higiene, à refeição, passando pelas deslocações de ida e regresso do recreio, ou até pela canção dos bons-dias.

À data desta conclusão a maioria das crianças já é autónoma na higiene, na refeição (utilizando adequadamente a faca e o garfo), no vestir/despir e calçar/descalçar, assim como interiorizou as rotinas e as regras da sala e do Colégio.

No que concerne à Área do **Conhecimento do Mundo** que segundo DEB (1997:19) “se enraíza na curiosidade natural da criança e no seu desejo de saber e compreender porquê, curiosidade que é fomentada e alargada na educação pré-escolar através da oportunidade de contactar com novas situações que são simultaneamente ocasiões de descoberta e de exploração do mundo” a discente considera que conseguiu de um modo geral realizar actividades estimulantes e diversificadas, que de modo natural permitiram às crianças ampliar os seus conhecimentos, adquirindo conceitos básicos mas ao mesmo tempo difíceis de perceber para crianças desta faixa etária.

A discente realizou em 51 intervenções, 20 abordagens à área do Conhecimento do Mundo usando estratégias diversificadas.

Realizou algumas actividades que considerou bastante desafiantes e estimulantes na área conceptual, como conhecer os conceitos de alto/baixo, cedo/tarde, perto/longe, flutua/não flutua, os dias da semana, entre outros. Teve alguma dificuldade em delinear estratégias motivantes e naturais para as crianças adquirirem estas competências tendo usado sempre que possível materiais concretos e situações do dia-a-dia que lhe permitiram no final da actividade, através essencialmente de jogos de confirmação da aquisição do conceito ou de trabalhos de expressão plástica realizados em grande grupo com a participação das crianças, avaliar e confirmar que as crianças tinham adquirido a referido competência conceptual. Estas actividades representaram para a discente um grande desafio e sentiu-se bastante gratificada com o seu sucesso.

A discente realizou na área do Conhecimento do Mundo algumas actividades que se destacaram por terem proporcionado as aprendizagens em contacto directo com o mundo através dos 5 sentidos, como a actividade de confecção de um mini-folar da Páscoa e elaboração da respectiva receita – painel gigante com os ingredientes (reais, tocados, cheirados e mesmo saboreados), ou como a actividade de fazer massa mágica, que se realçou pelas sensações estranhas e mágicas que foram proporcionadas às crianças. Estas duas actividades decorreram de outra dentro do mesmo âmbito mas em

que a discente não proporcionou contacto com o real, realizando uma actividade muito expositiva, sem a participação das crianças, como a actividade de confecção de bolachinhas de manteiga com a forma de bonequinhos, no mês em que a temática mensal era o corpo humano. Esta actividade foi realizada no dia em que a supervisora da discente veio observá-la e o modo inadequado como conduziu a actividade, a acumular com a presença de uma estranha na sala, levaram a uma actividade de resultados quase catastróficos, com bolachinhas esmagadas ou polvilhadas intencionalmente com grandes quantidades de farinha.

A discente trabalhou também a área do Conhecimento do Mundo em articulação com os temas mensais: os animais da quinta e domésticos, o Natal, a Primavera, entre outros. Nestes a discente teve alguns contratempos como por exemplo ao trabalhar a temática das frutas e dos legumes, ter proposto num dia uma actividade muito difícil para a faixa etária, com 10 legumes e 10 frutas, que implicava conhecer cerca de 6 legumes e 2 frutas novas, e no dia seguinte, em oposição, ter realizado uma actividade muito fácil para a faixa etária, utilizando apenas 10 imagens mas todas bem conhecidas pelas crianças. Segundo Zabala (1998: 97) “Para aprender não basta que o aluno participe na definição dos objectivos e no planeamento de actividades se estes objectivos e actividades não representam em primeiro lugar, desafios que os ajudem a avançar e, em segundo, se não são metas ao seu alcance. Será necessário provocar desafios que questionem os conhecimentos prévios e possibilitem as modificações necessárias na direcção desejada, segundo os objectivos educacionais estabelecidos. Isto quer dizer que o ensino não se deve limitar ao que o aluno já sabe, mas que a partir deste conhecimento tem que conduzi-lo à aprendizagem de novos conhecimentos, ao domínio de novas habilidades e à melhoria de comportamentos já existentes, pondo-o em situações que o obriguem a um esforço de compreensão e trabalho. Os desafios têm que ser alcançáveis já que um desafio tem sentido para um aluno quando este sente que com o seu esforço e a ajuda necessária pode enfrentá-lo e superá-lo. Nesse momento sua tarefa será gratificante”.

As actividades na área do Conhecimento do Mundo foram também aquelas em que a discente sentiu maiores dificuldades na gestão do grupo. Num primeiro aspecto tal deveu-se provavelmente ao facto de os desafios que propôs às crianças não estarem ao seu alcance ou serem fáceis demais, mas num segundo plano também por requererem maior tempo de atenção e concentração. A discente realizou actividades relacionadas

com as rotinas diárias das crianças no contexto familiar, com as relações entre a sombra e a imagem correspondente e com as semelhanças entre imagens, entre outras, em que considera ter usado estratégias inadequadas e que rapidamente conduziram à dispersão das crianças. Nestes momentos também não foi eficaz na gestão e controlo do grupo, enfocando a sua prática na conclusão da actividade no tempo previsto, em vez de na aquisição de competências nas crianças. A discente identificou este aspecto como uma área muito importante a melhorar na sua prática pedagógica e tentou ao longo do semestre dar relevância a actividades que pusessem esta sua capacidade em questão, tendo conseguido em situações semelhantes dar a volta, abandonando uma estratégia a meio, optando por outra que se revelou mais eficaz. Um exemplo disso reside no facto de ter observado nas actividades da educadora o interesse das crianças sempre que esta desenhava com giz no quadro, e relatava o que estava a suceder. Usou essa estratégia algumas vezes em que sentiu que ia perder o grupo e esta revelou-se eficaz, tendo servido como tábua de salvação.

Numa análise global às abordagens utilizadas na área do Conhecimento do Mundo a discente pensa que a experiência adquirida foi muito importante pois permitiu utilizar uma grande diversidade de estratégias, adequando quando necessário, e que neste momento se sente preparada para seguir a sua prática profissional futura como um processo de desenvolvimento que se desenrola ao longo de toda a vida, durante o qual se vai gradualmente descobrindo um estilo próprio, mediante reflexão e pesquisa críticas.

Em termos de evolução do grupo as competências previstas foram adquiridas pela maioria das crianças, nas 51 intervenções, com excepção das quatro acima referidas em que dado o modo como a actividade se desenrolou, a discente não ter conseguido avaliar devidamente a mesma.

Na área da **Expressão e Comunicação**, no que se refere ao **Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita**, segundo (DEB, 1997: 66) “A aquisição de um maior domínio da linguagem oral é um objectivo fundamental da educação pré-escolar cabendo ao educador criar condições para que as crianças aprendam (...) Criar um clima de comunicação em que a linguagem do educador, ou seja, o modo como fala e se exprime, constitua um modelo para a interacção e aprendizagem das crianças”.

A discente realizou dentro deste domínio 18 actividades e considera que nesta área conseguiu promover como previsto actividades diversas, utilizando narrativas de

diferentes estilos, que permitiram às crianças enriquecer o seu código oral, dando oportunidade a cada criança de comunicar com o grupo, dando espaço para as falas das crianças e motivando e incentivando o seu desejo em exprimir-se e comunicar. Apesar de não ter previsto no Plano Curricular Anual o desenvolvimento da escrita, também não o conseguiu desenvolver em nenhuma actividade, estando as crianças ainda na fase de realizar grafismos simples com as letras.

A discente optou sempre por narrativas de qualidade, devidamente seleccionadas, por vezes de origem tradicional, como “Os três Porquinhos”, “O Macaco de Rabo Cortado”, “Os músicos de Bremen”, entre outras, mas teve algumas vezes que optar por outro tipo, mais simples e com significados mais directos, com personagens já conhecidas das crianças como o “Ruca”, a “Camila” ou a “Miffy”. Tais estratégias revelaram-se bastante adequadas por enquadrarem de modo bastante direccionado algumas temáticas que a discente teve de abordar como as cores, o Inverno, a Páscoa, a Primavera, entre outras.

A discente sempre que possível utilizou estratégias motivantes como a dramatização da história (no caso d’ “O Macaco de Rabo Cortado), o uso de fantoches (n’ “Os Ovos Misteriosos”), o conto com ajuda de uma criança no manuseio dos bonecos (“História da Mulher Baixa e do Homem Alto”) ou o uso dos materiais e personagens (como as casinhas e os bonecos no caso d’ “Os três porquinhos”).

Muitas vezes as histórias foram utilizadas como base de uma aprendizagem na área do conhecimento do mundo, tendo-se revelado como bastante eficazes.

A discente empenhou-se por usar sempre adequadamente a linguagem oral e a adaptar à faixa etária das crianças, assim como esclarecer as questões conceptuais que estas colocassem. Sentiu algumas dificuldades num aspecto bastante relevante que tem a ver com a sua entoação e a sua expressão corporal, no sentido em que estas são fundamentais para uma estratégia motivante quando se conta ou lê uma história. Foi necessário um grande empenho para vencer a sua tendência natural para o discurso monocórdico e pouco entusiasmante e a discente considera que este aspecto terá de estar sempre presente como uma preocupação permanente se quiser vir a ser uma boa educadora. Como refere Arends (1999:19) Tornar-se competente, não interessa em qual actividade, leva muito tempo. (...) Tornar-se um professor verdadeiramente competente, é semelhante. É necessário muito voluntarismo alimentado pelo desejo de perfeição: é

necessário compreender que aprender a ensinar consiste num processo de desenvolvimento que se desenrola ao longo de toda a vida.

Ao longo dos 18 momentos em que a discente interveio na área da Linguagem Oral Abordagem à Escrita as competências previstas foram sempre adquiridas, quer com histórias mais simples, quer com histórias mais complexas ou abstractas. A discente pode também comprovar algo que identificou na caracterização inicial do grupo, a sua preferência por histórias, em detrimento de outras actividades, pois semanalmente as crianças questionavam à terça-feira sobre se trazia alguma história e qual.

Na Área da **Expressão e Comunicação, Domínio da Matemática** e sendo de acordo com as Metas de Aprendizagem (2010) para a educação pré-escolar nesta fase que “as crianças começam a construir a sua relação com a Matemática, aspecto fundamental no desenvolvimento das aprendizagens futuras, estando esta presente nas suas brincadeiras” a discente pensa que conseguiu aqui desempenhar o papel preconizado nas Perspectivas Educacionais que elaborou, nomeadamente; incentivando as crianças à resolução de problemas, na organização de jogos com regras, na combinação de experiências formais e informais utilizando a linguagem própria da Matemática. Segundo DEB (1997:73) “cabe ao educador partir das situações do quotidiano para apoiar o desenvolvimento do pensamento lógico-matemático, intencionalizando momentos de consolidação e sistematização de noções matemáticas”.

Analisando em maior detalhe a discente realizou 8 actividades na área da Matemática, num total de 87, o que corresponde a uma percentagem de 9%. Estas actividades consistiram de um modo muito abreviado numa actividade de classificar objectos de Inverno, outra de classificar figuras geométricas elementares e realizar séries com blocos lógicos, outra de realizar um puzzle com seis peças, outra de trabalhar com as características dos triângulos, outra de fazer um dominó dos animais, outra de classificar frutos e legumes, outra de realizar séries com imagens de bananas e morangos e outra de trabalhar o conceito do número 5. A discente através da auto-reflexão realizada considera que o tão pequeno número de actividades realizadas dentro desta área se deveu a dois aspectos fundamentais: um primeiro relacionado com a sua própria instrução na área das metodologias do ensino da matemática, que se traduziram em fichas ou ao uso de materiais concretos, que conheceu mas que nunca utilizou nem se sente à vontade para fazer. Um segundo aspecto inerente ao facto de ter raramente observado a educadora a trabalhar a matemática com as crianças, em grande grupo e

com uso de materiais didácticos. Esta última situação tem a ver com o facto de a Educadora trabalhar a matemática em pequenos grupos de 5 ou 6 crianças no período da tarde, no cantinho da matemática e de nas únicas tardes em que a discente esteve presente, como esteve a intervir (com outro pequeno grupo e geralmente no cantinho da expressão plástica), não se conseguiu aperceber das estratégias usadas, pelo que não realizou qualquer aprendizagem nesse âmbito. A discente considera fundamental, face a esta conclusão, obter o quanto antes, formação adequada neste âmbito, pelo que tentará, até ao final do mestrado, frequentar alguma formação contínua, extra-escolar nesse campo pois continua a não se sentir preparada para intervir na área da matemática no domínio da educação pré-escolar.

No entanto a discente apesar das poucas actividades efectuadas, a discente realizou algumas aprendizagens importantes na área da matemática que se podem prolongar para o ensino básico e restantes níveis de ensino, nomeadamente do mesmo modo que há bons e maus professores, existem perguntas boas e más, que podem ser de focalização, de confirmação e de inquirição. Fazer boas perguntas é difícil, assim como perguntas abertas, já que as fechadas com respostas “sim” ou “ não” não ajudam as crianças a raciocinar. Ponte e Serrazina (2000, p.120) escreveram sobre a arte de questionar relativamente ao ensino da matemática no 1º ciclo: a importância de fazer uma pausa depois de uma pergunta... “a pausa deixa claro que a pergunta é dirigida a todos e não apenas a um ou dois dos mais rápidos (...) Muitos alunos nem sequer tentam responder a uma pergunta a não ser que se sintam seguros da resposta. Uma pausa maior dá-lhes tempo para pensar e para ganhar confiança antes de responderem. Referiram também que se deve evitar responder às suas próprias perguntas, mesmo quando não existem voluntários ou se está com pressa. Isso leva os alunos a pensar que não são obrigados a responder. Por último destacam a importância de “a seguir às respostas dos alunos, colocar a pergunta “porquê?”. Isso ajudará os alunos que não sabiam responder à pergunta inicial a compreender como é que se chegou à resposta.”

A discente, como já foi referido realizou aprendizagens importantes na arte de questionar, em particular no ensino da matemática mas que se podem utilizar, (e que utilizou) noutras situações (como na actividade de realização de dedoches de peixes e de massa mágica da cor do fundo do mar, em que através das suas questões conduziu habilmente as crianças para as aprendizagens que queria).

Em termos de competências na área da Matemática, as crianças, através das actividades da discente e fundamentalmente da Educadora, adquiriram noções base fundamentais como reconhecer as cores (primárias, secundárias e as várias tonalidades), as figuras geométricas elementares, saber associar o número à quantidade (até 5) e saber contar e reconhecer números até 30. Desenvolveram também competências na área da formação de conjuntos e realização de séries, com níveis de dificuldade cada vez maiores.

Na Área da **Expressão e Comunicação**, no **Domínio das Expressões**, e na vertente da **Expressão Plástica**, a discente empenhou-se em proporcionar a este grupo de crianças o contacto com actividades diferentes, inovadoras, estimulantes e sempre que possível utilizando materiais alternativos, reaproveitados ou recicláveis para conseguir, em articulação com a área de formação pessoal e social, desenvolver nas crianças uma atitude de respeito e conservação pelo meio ambiente. As estagiárias são vistas pelo Colégio, como uma lufada de ar fresco, trazendo com elas novas técnicas, ideias e estratégias. A discente considera que se empenhou em corresponder às expectativas mas no entanto sentiu grandes dificuldades devido às lacunas que possui na sua formação académica nesta área, assim como à sua falta de experiência profissional.

A discente explorou actividades através do uso de tintas, como a actividade do borrão (borboleta simétrica), pintura de potes em papel reciclado, pintura colectiva de grandes autocarros desenhados em papel cenário, pintura com tinta branca no papel negro, pintura usando o salpico produzido pelas cerdas de uma escova de dentes e pintura de um painel/mural colectivo. Nestas actividades a discente pode experimentar várias técnicas com o mesmo material e teve de desenvolver diversas estratégias para que as actividades fossem concluídas com sucesso e tivessem significado para as crianças. A discente teve algumas falhas pontuais nestas tais como por duas vezes não ter deixado preparado antecipadamente todo o material necessário à actividade, e noutra situação, na do uso do salpico da escova de dentes, ter realizado uma actividade com pouco impacto visual ou motor para as crianças, mas também que nenhuma criança foi capaz de realizar de modo autónomo, por a sua motricidade fina ainda não se encontrar totalmente desenvolvida neste âmbito, ou seja, a actividade não era adequada à faixa etária.

A discente realizou também várias actividades usando a técnica da colagem, conforme preconizado no Plano Curricular Anual. Entre elas a colagem de pedaços de lã



para fazer o cabelo de um rosto, a colagem dos elementos do focinho de um animal num pote previamente pintado pela criança, a composição de uma criação artística usando apenas triângulos, a colagem cooperativa de revestimentos (ou aproximações dos mesmos) em grandes animais de cartão preparados pela discente, a colagem dos elementos estruturais dos autocarros atrás referidos (rodas, janelas e porta), a colagem de pedaços de papel recortados para compor colectivamente uma grande flor de Primavera, a colagem de imagens iguais numa ficha, entre outras. Estas actividades de colagem desenvolveram a motricidade fina das crianças e permitiram também desenvolver competências na área da Formação Pessoal e Social, em particular pelo trabalho cooperativo e pelas competências que este promove ao nível da socialização e do respeito pelos outros.

A discente realizou ainda actividades diversas tais como preencher uma ilustração com cor usando lápis de cor, lápis de cera, decoração usando lápis de cor de um pedaço de madeira para elaboração de uma clava, pintura com papel crepe molhado, elaboração e ilustração de um dedochê, elaboração de uma receita colectiva ou de uma banda desenhada, massa mágica, três actividades de culinária (bolachinhas de manteiga, minifolar da Páscoa e salame de chocolate) e ainda a primeira experiência de algumas crianças no recorte com tesoura. Esta actividade destacou-se para a discente pelo facto de ser nova e de a maioria das crianças nunca a ter realizado o que implicou um seu maior envolvimento e observação pormenorizada do desenvolvimento da actividade. Também se distinguiu a actividade da massa mágica com a qual comprovou a importância fulcral do “mãos na massa” pois desenvolveu a actividade com dois grupos distintos em dias distintos e no primeiro a actividade desenvolveu-se de modo controlado e com 2 crianças de cada vez a mexer na massa ao passo que no segundo dia cada criança pode mexer na massa o tempo que quis e como quis, inclusive fazendo uma grande sujidade à sua volta e do local onde manusearam a massa, mas como muito mais significado para a criança.

A discente considera que nesta área realizou aprendizagens muito importantes, no que concerne às técnicas mas também às estratégias de gestão do espaço, do grupo e dos materiais.

Por seu turno as crianças mostraram uma evolução evidente por exemplo no manuseio das tintas em que no final do ano a discente já podia deixar as crianças a pintar sozinhas, tendo que partilhar os materiais e sem que se registassem incidentes.

Muito importante foi também o facto de a discente ter proporcionado algumas oportunidades de trabalho cooperativo, com reflexos positivos no desenvolvimento das competências das crianças. De acordo com Arends (1999: 372) “O modelo de aprendizagem cooperativa foi desenvolvido para alcançar pelo menos 3 objectivos importantes da instrução: a realização escolar, a melhoria das relações entre raças ou outras características diferentes e a aprendizagem de competências sociais, nomeadamente de cooperação e colaboração que são muito importantes na sociedade já que muito do trabalho adulto é realizado em organizações amplas e interdependentes e as comunidades estão a tornar-se mais globais na sua orientação”.

Também no final do ano a maioria das crianças já eram capazes de manusear adequadamente a tesoura, preencher adequadamente os espaços com cor e não só desenhar a figura humana com 3 elementos, como incluir detalhes, como as pestanas ou as sobrancelhas.

Na Área da **Expressão e Comunicação**, no **Domínio das Expressões**, e na vertente da **Expressão Musical** a discente realizou 6 actividades em 87 totais que foram realizadas, apesar de em quase todas as suas intervenções, nomeadamente na transição entre duas actividades ou na finalização de uma intervenção se ter socorrido de estratégias deste âmbito, quer por ter verificado que era uma estratégia usada com muita frequência ao longo do dia pela Educadora nos mais variados momentos, quer por ter verificado que esta muitas vezes conseguia re-captar a atenção das crianças, criando um momento lúdico e de relaxamento, muitas vezes necessário para a etapa seguinte que requeria concentração.

A discente sabe que o seu tom e entoação não são os mais adequados e empenhou-se bastante em melhorar esta capacidade por saber e por sentir como esta era importante para as aprendizagens das crianças. Empenhou-se em memorizar melodias que as crianças já conheciam e em ensinar melodias novas, tendo verificado que as crianças aderiam muito bem a estas situações.

As actividades desenvolvidas especificamente nesta área foram a da canção das Mãos e dos Dedos, a da construção e utilização de clavas para produção de ritmos, a canção do barquinho ligeiro (na actividade da flutuabilidade), a da canção dos dias da semana (que ajudou as crianças a interiorizar os dias da semana), a canção da roda do autocarro (na temática dos transportes) e a canção dos 5 patinhos (para a aprendizagem do conceito do número 5). Em todas elas e apesar das dificuldades da discente em

utilizar adequadamente a voz, as competências foram adquiridas pelas crianças e pôde comprovar em sessões posteriores que estas tinham tido significado para as crianças, pelas sugestões ou pedidos que estas fizeram neste âmbito. E apesar de todos os constrangimentos que sentia, a discente não teve dificuldade na implementação de nenhuma destas actividades.

Na Área da **Expressão e Comunicação**, no **Domínio das Expressões**, e na vertente da **Expressão Motora** a discente realizou unicamente duas actividades ao longo de todas as intervenções. Tal justifica-se pelo facto de a expressão motora fazer parte da programação definida para o período da tarde, e a discente apenas ter assistido a dois momentos ao longo do seu estágio, não tendo a noção do que é que cada criança é ou não é capaz de realizar, nem em que etapa do desenvolvimento motor se encontram como grupo (atirar a bola com as duas mãos, atirar a bola com 1 mão, etc.). Apesar de a discente ter recebido na sua formação académica instrução adequada e suficiente para que esta pudesse realizar este tipo de actividades, o desconhecimento das crianças nesta área, assim como o facto de durante a manhã as actividades se desenrolarem na sala de actividades do grupo, com um formato rectangular e com falta de espaço para movimentação livre, fez com que realizasse apenas duas actividades. Uma foi uma gincana de jogos em que teve de adaptar o desenvolvimento da actividade logo no início ao verificar que a dificuldade do que estava a pedir às crianças não era adequada, quer por excesso, quer por falta e que se realizou na sala polivalente que estava livre num dos dias em que o projecto “Optimist” não é realizado (fora dos períodos lectivos oficiais). A segunda actividade foi um jogo tradicional, o jogo das latas, que realizou no dia da criança mas para todas as crianças do jardim-de-infância. Com esta actividade apenas conseguiu aferir quais as dificuldades que as crianças de cada faixa etária apresentavam, nomeadamente em relação à sua força, à pontaria ou à distância ao objectivo.

Com tão pequeno número de actividades desenvolvidas, assim como observadas a serem realizadas pela educadora, não é possível realizar grandes conclusões sobre o desenvolvimento motor das crianças, apenas sobre os seus movimentos e a sua orientação espacial serem ou não coordenados. No entanto, derivada da formação académica que possui a discente considera-se preparada para intervir nesta área, com criatividade, com rigor e exigência necessários a esta área e com actividades motivantes e que permitam à criança desenvolver e apreciar o seu corpo e os movimentos que este realiza.

Para terminar na Área da **Expressão e Comunicação**, no **Domínio das Expressões**, e na vertente da **Expressão Dramática**, dado ter presenciado raras vezes actividades na vertente da Expressão Dramática, a discente previu e conseguiu realizar, individualmente ou em articulação com as outras estagiárias actividades desse âmbito, nomeadamente na área do jogo simbólico, fantoches e pequenas dramatizações de histórias.

Realizou 4 actividades, o teatro de Natal, “A Estrelinha atrás da Porta”, (juntamente com toda a equipa da Infantil), um teatro de sombras chinesas, “À Procura das Estrelas Luminosas” com as outras estagiárias na altura do Carnaval, um teatro de fantoches, “Os Ovos Misteriosos” na altura da Páscoa e a dramatização da história do “Macaco de Rabo Cortado”.

Trataram-se de actividades estimulantes para as crianças e muito do seu agrado, e com as quais a discente realizou aprendizagens significativas, no âmbito das técnicas a utilizar, das estratégias de motivação, de elaboração dos cenários, de colocação de voz ou de uso da expressão corporal

De um modo global dada a enorme diversidade de experiências que já são proporcionadas diariamente às crianças a discente teve de se empenhar bastante em proporcionar actividades novas, diversificadas, desafiantes, utilizando sempre que possível os materiais existentes e disponíveis no Colégio, mas com técnicas e estratégias renovadas e estimulantes. Tentou ser criativa e ser ela mesma a sugerir as actividades, sem fazer pesquisas bibliográficas ou electrónicas em trabalhos feitos por outrem, de modo a testar as suas capacidades enquanto Educadora, para proporcionar de modo estimulante uma construção articulada do saber, abordando as várias áreas de uma forma globalizante e integrada. Sentiu algumas dificuldades e teve muitas vezes de se desviar do que tinha previsto no Plano Curricular Anual para ir ao encontro das necessidades do grupo. A avaliação foi essencial ao longo de todo o processo.

Segundo Braga et al. (2004:29) avalia-se essencialmente para auto-regulação, para se analisar o que está a correr bem ou mal e, a partir daí introduzir melhorias no próprio processo de ensino/aprendizagem.

Estes pressupostos foram sempre utilizados pela discente ao longo do corrente ano lectivo e também no decorrer dos estágios que realizou ao longo do seu percurso

académico. No entanto considera que agora os utiliza de modo mais intencional, mais reflexivo e numa perspectiva de auto-avaliação permanente.

Quando a discente iniciou a sua licenciatura e em particular a sua prática pedagógica, como ainda não estava a trabalhar na área, tudo o que sabia nessa altura sobre o ensino se limitava a leituras, a teorias ensinadas nas aulas e eventuais conversas com pessoas do meio, em relação às recompensas e às dificuldades do exercício da profissão de Professor/Educador. Deste modo o estágio representava para a discente um projecto ambicioso, em relação ao qual alimentava grandes expectativas e, simultaneamente, grandes dúvidas e ansiedades. Foi no segundo ano da licenciatura que a discente teve finalmente a oportunidade de iniciar a prática pedagógica, numa excelente instituição, em que um semestre foi totalmente dedicado à observação e outro à intervenção junto do grupo. Nesse ano estagiou com uma turma do 3º ano do 1º ciclo do Ensino Básico e teve a sorte de ser muito bem orientada, pela sua supervisora, que confrontada com a sua falta de experiência na área, a conduziu habilmente na preparação e realização das suas intervenções, tendo terminado esse período com sucesso e satisfação face aos objectivos que, a nível pessoal e profissional, se tinha proposto.

No terceiro ano da licenciatura a discente estagiou numa instituição de qualidade semelhante à do ano anterior, mas com um grupo heterogéneo de 3/4/5 anos do ensino pré-escolar. O período de observação foi mais curto e realizaram-se algumas intervenções ainda no primeiro semestre. Todas as intervenções, ao contrário do ano anterior, foram pensadas pela própria e depois aprovadas pela Educadora da sala. Com os dados de caracterização e as reflexões das intervenções, foi elaborado um projecto de intervenção que implementou no semestre seguinte. A discente traçou alguns objectivos ambiciosos e encontrou alguns obstáculos no caminho, mas no final do ano o resultado foi extremamente positivo, o projecto foi praticamente implementado de acordo com o que estava definido e acima de tudo conseguiu que fizesse sentido para as crianças e promovesse as competências inicialmente propostas.

No início do estágio do corrente ano lectivo, exclusivamente em ensino pré-escolar, apesar de sentir que as experiências passadas foram importantes para a discente, em termos de aprendizagem, a discente não se considerava ainda preparada para iniciar a prática profissional.

A discente pensa que ao longo do corrente ano lectivo em que estagiou o dobro do tempo do ano anterior no ensino pré-escolar, teve oportunidade de consolidar grande parte das aprendizagens anteriores, quer práticas, quer teóricas, através da sua intervenção directa com o grupo, e posterior auto-avaliação, mas também de observação directa e reflexão sobre as práticas da Educadora Cooperante.

Como já foi referido as actividades previstas na Planificação Curricular Anual foram reformuladas e adaptadas sempre que necessário, conforme consta dos relatórios diários, de modo a respeitar o ritmo de cada criança e a permitir o seu contínuo desenvolvimento, através da observação directa, de registos diários, de registos formativos contínuos (reflexões semanais) e do próprio portefólio de estágio onde constam cópias e fotografias dos trabalhos realizados pelas crianças.

De acordo com Leite (2001: 57), “é muito importante desenvolver competências de auto-avaliação, tanto nos educadores/professores, como nos alunos, que permitam, a uns e a outros, construir os seus próprios caminhos de mudança. (...). São os procedimentos de auto-avaliação que fazem da avaliação um dispositivo não apenas formativo, mas também formador.”

Dada a faixa etária das crianças não foi previsto pela discente que cada criança auto-avaliasse a sua aprendizagem e a dos outros, com o objectivo de saber a sua opinião sobre a sua aprendizagem, nem houve tempo para realizar um (ou mais) portefólios de alunos. No entanto a discente, através do seu portefólio e das reflexões semanais, realizou semanalmente esta auto-reflexão.

Segundo (DEB, 1997) “a avaliação do processo permite reconhecer a pertinência e sentido das oportunidades educativas proporcionadas, saber se estas estimularam o desenvolvimento de todas e cada uma das crianças e alargaram os seus interesses, curiosidade e desejo de aprender”, ou seja, o facto de a discente ter registado em todas as intervenções através de uma grelha as competências que foram ou não adquiridas permitiu realizar esta avaliação.

Em termos de hetero-avaliação e utilizando os critérios definidos por Leite (2001:62), poder-se-ão considerar os seguintes aspectos, no que respeita à auto-avaliação realizada pela discente:

Tal como registado no portefólio de estágio, nos relatórios diários e nas reflexões semanais, todas as crianças participaram com entusiasmo nas actividades propostas pela

discente, com excepção de algumas intervenções em que a actividade desenvolvida não foi adequada à faixa etária, ou em que a gestão de tempo não permitiu desenvolver a actividade como previsto. De modo a tornar as suas intervenções motivantes a discente empenhou-se em apresentar bissemanalmente actividades e estratégias diferentes e em alguns casos inesperadas ou inovadoras. Deste modo as crianças estavam sempre expectantes, sem saber antecipadamente o que ia suceder.

Em termos de conteúdos, estratégias de motivação e de organização do espaço e do grupo, estes revelaram-se adequados ao que estava preconizado no Plano Curricular Anual, com alguns ajustes necessários ao longo do estágio. No entanto a discente sentiu algumas dificuldades na organização do tempo, que se limitava a meia hora, sem qualquer margem. A Educadora cooperante auxiliou na redefinição de estratégias, assim como estas foram alvo de um processo reflexivo, dadas as reacções do grupo e também o modo como por vezes a discente “acelerava o ritmo” de modo a conseguir concluir as actividades previstas dentro do tempo. Esta situação levou algumas vezes a um controlo inadequado do grupo, tendo a discente, numa atitude reflexiva e de melhoria contínua que adaptar progressivamente as suas estratégias de motivação e organização do grupo.

A discente considera que as metas definidas inicialmente nas Perspectivas Educacionais e esquematizadas no Plano Curricular Anual foram atingidas, apesar dos ajustes realizados, o que é bastante gratificante dada a sua breve experiência com crianças na faixa etária com que trabalhou. Considera que este estágio lhe permitiu diversas aprendizagens, por um lado lhe possibilitou confirmar muitas teorias estudadas, por outro verificar, com o decorrer do mesmo, que com os necessários ajustes e que com alguma pesquisa, imaginação e obviamente os conhecimentos previamente adquiridos sobre os níveis de desenvolvimento, conseguiu criar actividades estimulantes e diversificadas, assim como motivar as crianças para as actividades previamente programadas.

No entanto, a discente considera que esta etapa não está finalizada, que se encontra num processo contínuo, que requer tempo, dedicação, aprendizagem permanente ao longo da vida. Como diz Gichure (1999: 39) “Trata-se inegavelmente de uma vocação especial, porque por mais que todos tenhamos um certo dever de ajuda mútua na tarefa comum de nos fazermos “homens”, quando esse dever se torna uma profissão, e esta por sua vez é vivida como uma autêntica vocação, surge na sua plenitude a figura humana e humanística a que damos o nome de Educador”. E essa vocação e dedicação exigem

tempo. Segundo Arends (1999:19) Tornar-se competente, não interessa em qual actividade, leva muito tempo. (...) aprender a ensinar consiste num processo de desenvolvimento que se desenrola ao longo de toda a vida, durante o qual se vai gradualmente descobrindo um estilo próprio, mediante reflexão e pesquisa críticas.

E o portefólio surge aqui como uma oportunidade única para a discente poder reflectir sobre toda a prática pedagógica, sua e da Educadora cooperante, incluindo formas de auto-avaliação do trabalho desenvolvido, execução de planificações de aula, investigação pedagógica realizada, entre outros. A componente auto-reflexiva é uma das mais importantes na construção do portefólio da prática pedagógica. O discente deve ser capaz de auto-avaliar permanentemente o seu trabalho pedagógico e reflectir sobre os seus resultados.

Segundo Carlos Ceia (2002) na formação de educadores/professores um portefólio da prática pedagógica é o resultado visível e objectivo de todo o trabalho educativo de um educador/professor estagiário. Representa um olhar auto-crítico sobre aquilo que se observou, ensinou, sobre os métodos de ensino utilizados e sobre o processo de avaliação a que o estagiário se sujeitou.

De acordo com Costa (2005:17) o portefólio expressa um percurso e um projecto de aprendizagem, expressa situações significativas de aprendizagem e de avaliação, expressa as dificuldades a superar sendo um instrumento de trabalho (de aprendizagem e de avaliação) em constante reformulação.

Através de uma análise à fundamentação teórica atrás exposta que levou a discente a um processo auto-reflexivo, colocaram-se-lhe à partida algumas dúvidas ou dificuldades, e por outro lado conseguiu identificar capacidades ou potencialidades na utilização do Portefólio em vez do Dossier.

No que respeita às dificuldades ou dúvidas perspectivadas, a discente pensa ter conseguido através do Portefólio expressar o seu percurso de aprendizagem ao longo do estágio, integrando os documentos relevantes de modo regular e planificado, mas sente que teve dificuldades em fazer com que estes expressassem situações significativas de aprendizagem e de avaliação, assim como as dificuldades a superar. Como refere Costa (2005:20) é fundamental incluir nestes documentos a sua contextualização e ainda conseguir relacionar os documentos entre eles. A discente considera que em determinada altura do seu estágio os seus relatórios diários se estavam a tornar meros



descritivos, com pouca reflexão, e sem o detalhe e qualidade que é requerido para que possam ter utilidade no futuro.

Quanto às capacidades ou potencialidades da utilização do Portefólio, na opinião da discente existem dois aspectos distintos. Por um lado o facto de este representar uma síntese do percurso e das competências adquiridas pela discente, fez com que este fosse utilizado como um documento de avaliação em constante reformulação. Por outro lado à medida que o elaborava e reflectia, ia estabelecendo ou revendo objectivos e estratégias, o que lhe deu utilidade ao longo de todo o ciclo de aprendizagem.

A discente pensa que este Estágio, e em particular pela utilização do Portefólio, foi bastante enriquecedor, dando-lhe ferramentas indispensáveis e muito úteis para a sua prática pedagógica futura. Considera também que conseguiu superar as dificuldades que surgiram no decorrer do Estágio, tendo estas servido como suporte para reflexão e melhoria futura, sendo este aspecto essencial no perfil do docente.

A discente tem consciência ainda de que se neste momento pudesse voltar atrás no tempo, com a experiência que adquiriu ao longo de todo o ano lectivo e o nível de conhecimento do grupo que obteve, certamente reformularia a maioria das actividades que foram previstas e/ou realizadas, na medida em que iria utilizar (ou adequar) as estratégias que atesta serem aquelas que mais impacto e melhores resultados teriam nas crianças, ao nível do desenvolvimento das competências previstas, da sua valorização e motivação.

Relativamente ao ano lectivo que agora termina, referente à primeira etapa do Mestrado de Qualificação para a docência em Ensino Pré-Escolar e do 1º Ciclo do Ensino Básico, em que as discentes estagiaram exclusivamente na valência de Pré-Escolar, a discente considera que esta etapa pôs fim aos seus receios e ansiedades, no sentido em que pensa ter conseguido de modo eficaz realizar a articulação entre a teoria e a prática, e perceber que como futura Educadora consegue por si própria encontrar os comportamentos mais adequados à sua personalidade e mais eficazes para o desenvolvimento da sua função e do grupo com que estiver a trabalhar, através de uma adaptação contínua aos elementos da situação.

## ANEXO XVII

### ACTIVIDADE DESENVOLVIDA NO DIA 24/5/2011

### Relatório Diário

1. Situações de aprendizagem/Rotinas	Previstas e realizadas	Previstas e não realizadas	Não previstas e realizadas	Notas
<b>Acolhimento</b> - Oração - Canções/Lengalengas/Poesia/Adivinha - Audição obra música clássica - Visualização cartões com frutos tropicais - Visualização cartões com números - Visualização cartões com palavras - Visualização cartões com os nomes das crianças	X			
<b>Tema Mensal (intervenção da estagiária)</b>	X			
<b>Inglês</b>				Estive ausente devido a acidente com o meu filho
<b>Recreio</b>				
<b>Leitura e escrita</b>				
<b>Refeição</b>				
<b>Sesta</b>				
<b>2. Áreas de Conteúdos ou Conteúdos abordados</b>			<b>3. Competências específicas desenvolvidas</b>	
- Conhecimento do mundo – Localização no espaço e no tempo - Expressão musical- desenvolvimento da capacidade de expressão e comunicação - Formação Pessoal e Social- Convivência democrática/cidadania - Expressão Motora- deslocamentos e equilíbrios - Matemática- números e operações			<u>Educadora:</u> - Identificar palavras iniciadas pela letra “v” e associá-las às respectivas imagens. - Identificar o seu nome - Identificar o nome dos colegas - Identificar os números e as quantidades de 17 até 26 - Identificar imagens de frutos tropicais - Estar sentado ordeiramente em grupo - Esperar a sua vez para participar - Respeitar os outros <u>Estagiária:</u> - Conhecer o número 5 - Cantar uma canção - Respeitar os outros - Estar sentado ordeiramente em grupo - Saber esperar a sua vez - Realizar movimentos em séries de 5 - Contar até 5	
<b>4. Detecção de situações críticas (comportamentos evidenciados e situações que os originaram)</b>				
<b>Estagiário</b>			<b>Alunos/Crianças</b>	
<b>5. Descritivo e análise crítica</b> 8:15- Chegada ao colégio. Arrumo as minhas coisas e preparo muito rapidamente o material para a intervenção desse dia, testando os locais onde o vou colocar durante a minha intervenção. Preparei em casa com papel autocolante e cartolina 1 montanha, 1 mãe pata e 5 patinhos, bastante apelativos e grandes o suficiente para serem visualizados por todos. Estou com a coordenadora pedagógica e as minhas colegas estagiárias a falar sobre o que vamos poder fazer no dia da criança. Ainda estou algum tempo com as crianças no recreio.				

9:00 –Inicia-se o acolhimento que antecede a minha intervenção. A esta hora estão 14 crianças na sala. A educadora está sentada numa cadeira de frente para as crianças numa meia roda sentados no chão com as pernas à chinês.

Oração dos bons-dias, do “Anjo da Guarda Minha Companhia” e a “Avé-Maria”.

Visualização de cartões com números do 17 ao 26, como revisões.

Visualização de cartões com imagens de frutos tropicais.

Visualização de cartões com palavras com a letra “r” e associação às respectivas imagens.

Visualização de cartões com os nomes das crianças.

Exploração da lenga-lenga “O cuco que não gostava de couves” com desenhos no quadro de giz e bastante expressão corporal da educadora e das crianças. Gosto imenso desta lenga-lenga e as crianças pelo que observei também, e praticamente todos já são capazes de a dizer toda.

Neste momento estão presentes 17 crianças, faltam as crianças 5, 7 e 13.

**TEMA MENSAL**

9:25 – Pedi antecipadamente à educadora que me deixasse levar as crianças à casa de banho antes da minha intervenção de modo a poder esconder os 5 patinhos que trazia em várias partes da sala.

Assim, ela seguiu à frente com as crianças e a auxiliar no fim, e eu rapidamente coleí com bostik os 5 patinhos em locais diferentes da sala (acessíveis e visíveis pelas crianças) e ainda um na parte de trás da porta de entrada.

Segui atrás da educadora e da auxiliar e no regresso já vim com as crianças. Assim que entraram correram para o quadro onde eu tinha deixado colada a mãe pata e a montanha. Disse-lhes que algo estranho se tinha passado e que não sabia o que era. Como estavam bastante curiosos consegui sentá-los rapidamente na meia roda e expliquei que quando saí deixei ali a mãe pata e os 5 patinhos e agora eles tinham desaparecido.

Um menino disse que estava a ver um e dei-lhe a mãe e em simultâneo dizendo aos restantes que ficassem sentados e concentrados, fui com ele ao local onde estava colado um patinho. Seguiram-se mais 2 meninos que foram comigo até ao local onde estavam colados os patinhos. Estiveram sempre todos expectantes e a seguir todos os meus movimentos com os olhos. Um 4º menino disse estar a ver um patinho mas não estava e com a minha ajuda lá o encontrou atrás da auxiliar, colado num armário. Sempre que coleí um patinho contei com as crianças os que lá estavam.

Reflectindo penso que em alguns momentos fui rápida de mais e devia ter dado tempo para ver se todos estavam a contar e também aproveitado para trabalhar a subtracção, com perguntas tipo “quantos patinhos faltam?”

Quando finalmente só faltava um patinho e sempre com as crianças muito compenetradas, a menina 17 disse que estava a ver mais 1 pato. Eu sabia que não pois este estava atrás da porta e disse que ia com ela à procura do patinho. Quando íamos a caminho gritei “Olha Máxima, vi-o passar pela porta, vamos lá” e ela sem perceber o que se estava a passar seguiu-me e os olhos das restantes crianças cheias de curiosidade. Fechei a porta e simulei movimentos rápidos e conduzi-a para o patinho atrás da porta. Regressámos à sala e disse-lhes que o último patinho era muito maroto e estava a tentar fugir. Pareceram-me todos muito convictos do que eu estava a dizer.

De seguida disse que lhes ia contar o que se tinha passado, a história dos 5 patinhos, da mãe pata e da montanha. Comecei a cantar “Um, dois, três, quatro, cinco....patinhos foram passear...” apontando as imagens e gesticulando. Senti-me bastante desafinada e pouco convincente e a minha voz tremia e sumia-se. Sempre que tinha de reduzir um patinho fazia-o desaparecer quando movia a montanha para um lado e para o outro por cima dos patinhos. As crianças percebiam o que se estava a passar e seguiam com interesse os movimentos de desaparecimento dos patinhos. Quando já não havia patinhos expliquei que era o que se tinha passado antes quando fomos à casa de banho mas que eles me iam ajudar a achar os patinhos. E aí continuando a cantar fiz aparecer todos os patinhos.

Pediram que repetisse o que fiz desta vez com mais convicção mas ainda não saiu perfeito.

Depois joguei com algumas crianças, pedindo que fechassem os olhos e fazendo desaparecer alguns patinhos por trás da montanha; estes tinham de dizer quais sobravam e se não acertassem tinham de ir lá contar. O menino 10 não acertou mas agora penso que poderia estar desatento ou por se ter esquecido (?) dos óculos. Fiz com algumas crianças e passei à actividade seguinte mas penso que me deveria ter demorado mais nesta pois as crianças sentiram-se bastante motivadas com a mesma, estavam atentas e interessadas.

A seguir cantei mais uma vez a pedido das crianças e desta vez com mais confiança, mais alto, a voz já não tremia e correu bastante bem.

A seguir realizei movimentos com as crianças sempre na quantidade 5: 5 palmas, 5 toques na bochecha, 5 piscar de olhos, 5 saltos, etc. Tive uns momentos de hesitação que levaram a que de imediato as crianças 5 e 15 comessem a dispersar e a distrair os outros. Não foi fácil controlá-los de imediato pois quando tentei reparar num grupo logo outro começava a dispersar.

A estratégia foi voltar à canção e consegui captar de novo a sua atenção. Nesta vez quase todas as crianças me acompanharam, cantando e gesticulando como eu tinha feito nas vezes anteriores. Estiveram todos atentos. Ainda faltavam 5 minutos para as 10:00 e estava indecisa sobre o que fazer a seguir para não ser aborrecido, repetitivo, nem perder o controlo das crianças.

Com mais 2 crianças escondi patinhos por trás da montanha mas senti que não estava a ser eficaz e passei logo de seguida ao jogo inicial. Pedi que fechassem os olhos e eu iria esconder os patinhos muito escondidos e as crianças

iriam procurá-los.

Foi nesse momento que fui interrompida com uma chamada telefónica do meu marido a dizer que o meu filho mais velho tinha desmaiado.

10:00- Estive ausente desde esta altura tendo regressado só perto das 13:00 com o meu filho para fazer um ponto de situação com a educadora e ir buscar o meu carro que tinha ficado no estacionamento.

#### **6. Reflexão e possíveis reformulações**

Em relação às competências específicas desenvolvidas:

Educadora:

- Identificar palavras iniciadas pela letra “v” e associá-las às respectivas imagens.- maioria
- Identificar o seu nome- maioria
- Identificar o nome dos colegas- maioria
- Identificar os números e as quantidades de 17 até 26- todos
- Identificar imagens de frutos tropicais- maioria
- Estar sentado ordeiramente em grupo- todos
- Esperar a sua vez para participar- todos
- Respeitar os outros- todos

Estagiária:

- Conhecer o número 5
- Cantar uma canção
- Respeitar os outros
- Estar sentado ordeiramente em grupo
- Saber esperar a sua vez
- Realizar movimentos em séries de 5
- Contar até 5

Opinião da Educadora face ao meu desempenho

Não deu tempo de falar. Incluirei na reflexão semanal.

Reflexão muito breve:

A actividade da canção/história foi interessante e o modo como foi introduzida cativou as crianças. Consegui na maioria do tempo captar a atenção das crianças.

Penso no entanto que falhei no sentido em que deverei “estar” mais tempo numa mesma actividade, em particular quando está a ser estimulante e não andar a saltar de actividade/estratégia em actividade/estratégia que reflectindo sobre a minha intervenção como um todo me parece que foi o que aconteceu e levou a algum desinteresse/dispersão das crianças. Não referi atrás mas acho que comecei de novo a falar depressa, tenho de me empenhar mais neste aspecto.

**Assinatura**\_\_\_\_\_



## ANEXO XVIII

### QUADRO ANÁLISE DAS ACTIVIDADES DESENVOLVIDAS NA ÁREA DA MATEMÁTICA

MÊS	DESCRIÇÃO	TAREFAS	CRITÉRIO
Nov	agasalhos	Agrup., Class.	crianças
Dez	quadrados e círculos	Agrup., Class.	forma, tamanho
Jan	triângulos	Agrup., Class.	cor, tamanho
Fev	animais da quinta	Agrup., Class.	alimentação, revestimento, o que dão
Mar	frutos e legumes	Agrup., Class.	tipos
Abr	frutos	Agrup., Class., série	tipos
Mai	dominó animais	Conceito de número	quantidade
Jun	cinco patinhos	Agrup., Class., ordem, operações adição e subtracção	vários



## ANEXO XIX

### PROJECTO EDUCATIVO DO COLÉGIO MIRA RIO

Projecto Educativo

*" O nosso projecto educativo olhando cada aluno como uma pessoa, proporciona uma educação abrangente, atenta aos aspectos académicos e humanos, numa perspectiva cristã "*

**Folheto Fomento**

Uma educação de qualidade deve ser personalizada, completa e coerente, atendendo ao desenvolvimento total e harmonioso da pessoa.

A Educação deve potenciar o desenvolvimento completo da pessoa humana e prepará-la para viver o seu papel de cidadã activa e responsável numa sociedade em contínua mudança.

O Projecto Educativo do Colégio Mira Rio integra três aspectos:

1. A Educação Personalizada;
2. A Educação Diferenciada;
3. A ligação Família-Colégio.

O Projecto Curricular aplicado no Colégio apoia-se no Projecto Educativo e é outro componente indispensável para o cumprimento do mesmo.

Para além destes aspectos, o Projecto Educativo pressupõe também o uso de uniforme.

#### **1. Educação Personalizada**

Através da Educação Personalizada é possível uma atenção singular e individual em todo o processo educativo.

Cada aluna tem o seu estilo e ritmo de aprendizagem e, com este modelo e com a ajuda de uma preceptora, é possível um auto-conhecimento que lhe permita superar as suas dificuldades e conhecer as suas competências e virtudes.

O papel da preceptora é fundamental no projecto educativo do Colégio Mira Rio, pois faz a orientação pessoal da aluna com o apoio da família.

No preceptorado, a professora e a aluna constroem um plano de estudo personalizado, tendo em conta o tempo disponível e o contexto familiar da aluna, as suas dificuldades e os seus pontos fortes. É nesta conversa entre preceptora e aluna que se abordam temas como:

- A aprendizagem: estratégias de aprendizagem, métodos de estudo, horário de estudo;
- A personalidade da aluna: a sua organização, motivação, alegria e receios;
- A convivência social: a sinceridade, o companheirismo, a solidariedade, a tolerância, a generosidade.

A preceptora actua em estreita colaboração com os pais, a aluna e as professoras desta, promovendo entrevistas com os pais para, em conjunto, fomentar uma educação integral e personalizada que possibilite à aluna uma formação pessoal e académica cada vez melhor.

#### **2. Educação Diferenciada**

Desde a sua fundação que o Colégio Mira Rio utiliza o modelo de educação diferenciada.

Com este modelo, respeita-se a diferença entre os ritmos de aprendizagem, desenvolvimento cognitivo e maturidade dos rapazes e das raparigas.



Actualmente, as escolas que utilizam a educação diferenciada revelam um elevado rendimento académico, potenciam o desenvolvimento intelectual e a formação social e humana de raparigas e rapazes, proporcionando-lhes uma realização profissional, em plano de igualdade.

Diversos estudos revelam as vantagens da educação diferenciada:

- Permite um melhor e mais harmónico desenvolvimento da personalidade;
- Melhora o processo de socialização;
- Incrementa a excelência;
- Aumenta a auto-estima

### **3.Ligação Família-Colégio**

A Educação é uma responsabilidade e um direito irrenunciável dos pais com os quais a Fomento colabora, sem os substituir. Só é possível uma educação de qualidade quando a família e o colégio partilham valores e princípios educativos.

Os pais mantêm uma relação pessoal e contínua com o colégio, sobretudo através da preceptora, com o objectivo de coordenar o seu trabalho educativo com o do colégio, o qual se assume como colaborador dos pais na tarefa de formar e educar.

O Colégio proporciona aos pais diversas actividades de formação pessoal e de orientação familiar, para os ajudar na missão de primeiros e principais educadores dos seus filhos.

Em cada turma existe um conjunto de pais encarregados, a colaboração familiar, que promove actividades para os pais e para as famílias de modo a integrar os pais no colégio e criar um clima familiar entre os pais da respectiva turma, para que se conheçam e se apoiem.

### **Uso de uniforme**

O uso do uniforme é uma componente importante no Projecto Educativo dos Colégios Fomento. Por isso, todas as alunas devem andar correctamente uniformizadas. A colaboração dos pais neste sector, como aliás em tantos outros, é indispensável para atingir esse objectivo.

A Direcção do Colégio coloca à disposição dos Encarregados de Educação a lista das peças do uniforme e indicação do local em que este se encontra à venda.

Nas aulas de Educação Física também é obrigatório o uso do equipamento de desporto próprio do Colégio

## **ANEXO XIX**

### **PROJECTO CURRICULAR DO COLÉGIO MIRA RIO**

O Projecto Curricular do Colégio Mira Rio estabelece a estrutura curricular e as prioridades pedagógicas assumidas para cada ano lectivo, em função da aluna, considerada como protagonista da sua própria aprendizagem.

Este Projecto é elaborado a partir das opções tomadas pelos diversos órgãos colegiais (Direcção e Conselho Pedagógico), tendo em conta os contributos dos Departamentos, das Equipas Educadoras e da Colaboração Familiar.

Tem como referência o currículo definido a nível nacional, as aprendizagens fundamentais a ter em conta nas diversas áreas, a população alvo do Colégio com as suas características próprias e as expectativas de educandas e educadores.

Este Projecto Curricular tem igualmente como referência o Ideário de Fomento (matriz que regula a sua prática educativa) e o Regulamento Interno (estrutura organizativa), que lhe dão consistência e coerência interna, e para os quais remete constantemente.

Alguns aspectos que se destacam no Projecto Curricular:

#### **1. Projecto Mira Ciência**

O Projecto Mira Ciência tem como principais objectivos:

- Melhorar significativamente a qualidade do ensino das ciências.
- Criar um espaço em que diferentes temas sejam tratados transversalmente, obrigando ao diálogo interdisciplinar.
- Introduzir o Método Científico como ferramenta de trabalho.
- Promover exponencialmente a utilização das novas tecnologias.
- Garantir que as alunas saibam, entre outros: escolher criteriosamente fontes bibliográficas, escrever uma monografia, fazer um poster, fazer um resumo ou dar uma aula.
- Abrir o colégio ao exterior, nomeadamente ao que se passa no mundo universitário.
- Desenvolver nas alunas uma mentalidade de rigor científico em paralelo com princípios éticos bem alicerçados.

#### **2. Estudo Acompanhado**

- A) Planos de apoio educativo ( Recuperação)
- B) Aprender a Aprender
- C) Programa de Estratégias de Aprendizagem

#### **3. Formação Cívica**

A área curricular não disciplinar de Formação Cívica corresponde a uma das vertentes mais importantes do nosso Projecto Educativo que, desde sempre, se empenhou na formação para a cidadania, na formação pessoal e para os valores humanos das nossas alunas.

A programação desta área é da responsabilidade da Directora de Turma, tendo como ponto de partida o programa elaborado pelo Colégio para a Educação dos Valores Humanos.

Temas gerais que constituem o Programa de Formação Cívica:

- Educação na liberdade

- Educação nos valores
- Educação da afectividade e da sexualidade
- Educação para a realização do trabalho bem feito
- Educação para os valores sociais e a solidariedade
- Educação ambiental
- Educação como consumidor
- Educação para a arte e o belo
- Educação da saúde física e mental
- Educação para a cidadania

#### **4. Desenvolvimento de Competências**

Para se alcançar a educação integral, prevista no nosso Ideário, devemos atender à totalidade da aluna como pessoa. A programação das actividades docentes tem em conta o que a aluna:

- precisa de conhecer → conteúdos de cada disciplina
- deve saber fazer, pensar → capacidades e destrezas
- como deve ser → valores humanos

conseguindo-se, desse modo, a unidade do acto educativo.

Os Departamentos, Professoras e Directoras de Turma deverão concretizar nos Projectos Curriculares de Turma as competências a adquirir em cada disciplina/área ou ciclo: conhecimentos, capacidades e atitudes.

## **ANEXO XXI**

### **REGULAMENTO ADMINISTRATIVO DO COLÉGIO MIRA RIO**

#### **I. ADMISSÃO E RESERVA DE MATRÍCULA**

1. A admissão no Colégio é precedida de uma entrevista dos pais com um membro da Direcção e do preenchimento do impresso “Pedido de Admissão de Alunos”.
2. Constitui condição essencial para a admissão de qualquer aluna no Colégio, a subscrição e realização pelo respectivo Encarregado de Educação de uma participação na SOCEI, Cooperativa de Equipamentos de Centros de Ensino, CRL, de acordo com o definido pela Direcção da mesma e nos termos dos estatutos.
3. As reservas de matrícula para o ano lectivo seguinte das alunas que frequentam o colégio efectuem-se, obrigatoriamente e para todas as alunas, entre Janeiro e Fevereiro, em data a indicar oportunamente pela Direcção do Colégio. Caso não se efective nesse período, a reserva de matrícula ficará sujeita à decisão da Direcção do Colégio e/ou à existência de vaga.

A admissão de novas alunas poderá ser feita ao longo do ano.

4. No momento da reserva de matrícula será devido o pagamento de 220 €. Esta verba será deduzida no valor total da matrícula, mas não será devolvida em caso de desistência.

#### **II. MATRÍCULAS**

1. A matrícula no Colégio faz-se no período definido pela Direcção, em cada ano, mediante o preenchimento da respectiva documentação e do pagamento do correspondente valor.
2. O valor mencionado no número anterior inclui o preço dos impressos oficiais e do seguro escolar.
3. No caso de desistência ou de transferência da aluna, o valor da matrícula não será devolvido.
4. A renovação da matrícula será efectuada a pedido do Encarregado de Educação, devendo, para o efeito, estarem liquidados todos os débitos anteriores, excepto se houver um compromisso escrito, aprovado pela Direcção da Fomento, C.R.L., para o respectivo pagamento.
5. A matrícula das alunas implica a aceitação deste Regulamento e dos Princípios Básicos do Colégio, obrigando ao seu cumprimento.

#### **III. FREQUÊNCIA E CONDIÇÕES**

1. Ao direito de frequência do Colégio corresponde o dever de pagamento trimestral dos serviços que a este compete prestar com referência a dez meses por ano lectivo, excepto na Infantil que é de onze meses.
2. Os pagamentos trimestrais deverão ser efectuados até ao dia 5, de cada um dos meses de Outubro, Janeiro e Abril. Sempre que o dia 5 coincidir com um fim de semana ou dia feriado, o prazo de pagamento passará para o dia útil seguinte.
3. Os pagamentos trimestrais poderão ser substituídos:
  - a) - Por pagamentos mensais a efectuar por transferência bancária, até ao dia 5 de cada um dos meses de Outubro a Junho, ou de Outubro a Julho, no caso da Infantil, mediante autorização da Direcção da Fomento, C.R.L. solicitada por escrito.
  - b) - Por pagamento anual antecipado, a realizar até 18 de Julho ou 17 de Outubro de cada ano escolar. Esta modalidade de pagamento beneficia dos descontos indicados na tabela anexa a este Regulamento.
4. É admissível o pedido de desistência da frequência no decurso de qualquer ano da Infantil e do Ensino Básico, quando recebido pela Direcção do Colégio, com um mês de

antecedência em relação à data em que se pretende efectuar, desde que não haja quaisquer débitos do interessado para com a Fomento, CRL ou a Socei, CRL.

No Ensino Secundário, a anulação da matrícula, numa ou mais disciplinas ou a transferência para outra escola não isenta a interessada do pagamento das trimestralidades e da comparticipação cooperativa vincendas até ao termo do ano lectivo.

5. O não exercício dos direitos conferidos a qualquer aluna pela sua admissão no Colégio, designadamente o de frequentar as aulas ou beneficiar de qualquer outro serviço obrigatório ou convencionado, não corresponde a qualquer redução dos seus deveres para com este, designadamente no pagamento das trimestralidades vencidas e vincendas.

6. A frequência dos Cursos do Ensino Secundário ficará dependente da existência de um número mínimo de alunas, a estabelecer em cada ano lectivo para o Colégio.

#### **IV. DESCONTOS**

1. As famílias com dois ou mais filhos matriculados nos Colégios de Fomento beneficiam dos descontos na escolaridade definidos anualmente pela Direcção da Fomento CRL.

2. As antigas alunas beneficiarão, para os seus filhos, de um desconto na escolaridade, definido anualmente pela Direcção da Fomento C.R.L., desde que solicitado por escrito.

3. As colaboradoras com filhos a frequentar os Colégios de Fomento, terão um desconto a fixar, anualmente, pela Direcção da Fomento, C.R.L.

4. Os descontos referidos nos números anteriores constam da tabela anexa a este Regulamento.

5. Os descontos mencionados nos pontos 2 e 3 não são cumulativos.

6. Os descontos serão retiradas quando os prazos de pagamento não forem cumpridos.

#### **V. SERVIÇOS FACULTATIVOS**

1. O Colégio coloca à disposição das alunas um conjunto de serviços facultativos, a saber:

a) - Refeição;

b) - Utilização do refeitório simples ou com suplemento;

c) - Transporte, dependente de um número mínimo de alunas;

d) - Para a Infantil: prolongamento entre as 17.00h e as 19.00h.

e) - Para os 1º e 2º CEB: estudo entre as 17.00h e as 19.00h, caso haja um número mínimo de interessadas.

2. Os serviços atrás referidos são pagos juntamente com a trimestralidade, sem quaisquer descontos. Podem ser aceites alterações, desde que feitas por escrito com 15 dias de antecedência em relação ao início do 2º e do 3º trimestre. Para o 1º trimestre as alterações deverão ser comunicadas, por escrito, até ao fim do mês de Setembro.

#### **VI. VISITAS DE ESTUDO**

As visitas de estudo fazem parte do plano curricular e têm por isso carácter obrigatório. Este serviço é facturado trimestralmente sem quaisquer descontos. A não participação não isenta do respectivo pagamento.

#### **VII. ACTIVIDADES EXTRA-CURRICULARES**

1. As modalidades, condições, horários e preços das actividades extra-curriculares, são definidas anualmente em documento próprio.

2. A facturação destas actividades será feita conjuntamente com os serviços facultativos, devendo o seu pagamento ser efectuado com as trimestralidades.

3. São aceites alterações de frequência de uma actividade, só durante o 1º trimestre, por troca com outra, desde que não esteja excedida a lotação da última.

4. O cancelamento da frequência de uma actividade só é aceite até 15 dias antes do início do 2º trimestre. A partir dessa data considera-se que a aluno está inscrita até ao final do ano lectivo e obrigada, assim, a efectuar os respectivos pagamentos.

### **VIII. HORÁRIO DE FUNCIONAMENTO**

1. O Colégio está aberto entre as 8:00 h e as 19:00 h.
2. A Direcção do Colégio fixa os horários de funcionamento da Secretaria no início do ano lectivo.
3. A Direcção e as preceptoras estão disponíveis para atender os Pais mediante marcação prévia de entrevista.

### **IX. ACIDENTES E SEGURO ESCOLAR**

1. Foi contratado com uma Companhia de Seguros, um seguro escolar, cujo âmbito de cobertura, capitais e condições estão à disposição para consulta, na Secretaria do Colégio.
2. Em caso de acidente, o Colégio tomará as providências que a situação requeira e dará conhecimento imediato da ocorrência ao Encarregado de Educação.
3. O Colégio não se responsabiliza por objectos cuja guarda não lhe tenha sido expressamente confiada.
4. Os prejuízos causados pela aluna ao Colégio ou a terceiros serão da responsabilidade dos respectivos Encarregados de Educação.

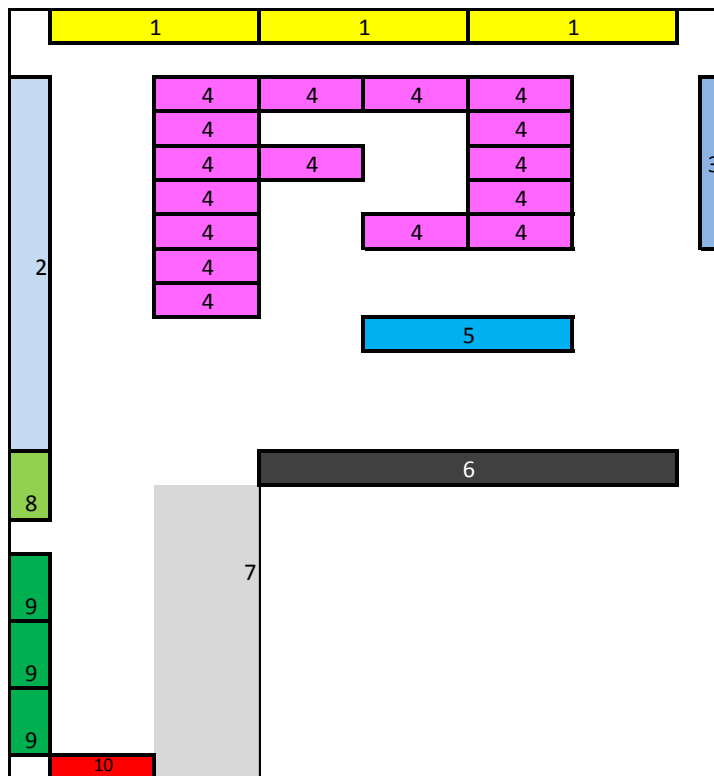
### **X. UNIFORME**

1. O uso do uniforme é uma acção de formação importante no projecto educativo dos Colégios de Fomento e é obrigatório em todas as actividades escolares, quer se realizem no interior do Colégio, quer no exterior.
2. Nas aulas de Educação Física é obrigatório o uso do equipamento de desporto próprio do Colégio. As diversas peças do uniforme podem ser adquiridas no El Corte Ingles e nas lojas Materna.
3. Todas as peças de roupa devem ser marcadas com o nome da aluna para facilitar a sua identificação em caso de extravio. No final do ano, todas as peças não levantadas nos "perdidos e achados", serão entregues a pessoas ou entidades carenciadas.



## ANEXO XXII

### PLANTA DA SALA DO 1º CEB



Legenda:

- 1 janela
- 2 placard em tecido
- 3 placard tela
- 4 carteiras das alunas
- 5 mesa da professora
- 6 quadro de ardósia
- 7 cabides
- 8 estante baixa
- 9 armário alto
- 10 porta





**ANEXO XXIII**

**HORÁRIO DO 1º CEB**

Hora	2ªfeira	3ªfeira	4ªfeira	5ªfeira	6ªfeira
8:30/9:15	T	Inglês	T	T	T
9:15/9:45	T	Educação Musical	T	T	T
9:45/10:30	T	T	Religião	T	T
10:30/10:50	Recreio da manhã				
10:50/11:30	T	T	T	T	Formação cívica
11:30/12:00	T	T	T	Inglês	
12:00/13:30	Almoço e recreio				
13:30/14:00	T	T	Inglês	Religião	T
14:00/14:30	Inglês	T	T	T	T
14:30/14:45	Recreio da tarde				
14:45/15:30	T	Educação física	T	T	Inglês
15:30/16:15	T	Educação física	T	T	T

T- professora titular



## ANEXO XXIV

### ACTIVIDADES DESENVOLVIDAS DE 8 A 13 DE JANEIRO DE 2012

<u>Instituição Formadora:</u> Instituto Superior de Educação e Ciências, Lisboa	<u>Instituição Cooperante:</u> Colégio Mira Rio, Lisboa
<u>Supervisora:</u> Mestre Maria de Fátima Santos	<u>Professora Cooperante:</u> Professora Maria Fernanda Martins
<u>Cadeira:</u> Prática de Ensino Supervisionado III (1º ciclo)	<u>Turma:</u> 1ºB

### Relatório Semanal-8 a 13/1/2012

Nesta semana começámos a trabalhar a sério depois de uma semana dedicada às revisões e a uma breve introdução, por parte da professora, da letra “r”.

Para 3ª feira, como o dia começa às 10:00 seguido de recreio às 10:30 e depois só resta 1 hora para intervir, combinei com a professora titular se iria ou não intervir pois quinzenalmente é neste dia que se trata o “lema”, relacionado com as virtudes que se pretendem desenvolver nas alunas. Combinámos que não iria intervir, no entanto as alunas foram bastante rápidas a comentar o lema relacionado com trabalho-esforço que era “trabalho com limpeza”, assim como a ilustrar a imagem. Deste modo “sobrou” meia hora e como tenho sempre 1 ou 2 histórias comigo, pensadas e prontas para contar e comentar, foi o que sugeri fazer. Mas, como tinha muito tempo, decidi aproveitá-lo e comunicar às alunas que a minha última semana de estágio seria a seguinte, que depois iria estar umas semanas a fazer testes e depois teria o diploma. E desse modo, pretendia ouvir, uma a uma, as alunas sobre o que gostaram mais, e o que gostariam de fazer na semana que vem. Do que mais gostaram destacou-se a história da Carochinha e do João Ratão, em que as alunas elaboraram máscaras das personagens e dramatizámos todas juntas a história com essas máscaras. Gostaram também bastante da história da semana passada, da Babuska, de ver e abrir as minhas Babuskas/Matrioskas e de colorir as 3 Babuskas em tamanhos diferentes que lhes dei. Algumas alunas referiram o lote de palavras e duas referiram o quadro de sílabas. Sobre o que gostariam de fazer para a semana, seria dentro do que mais gostaram mais várias referiram dramatizar a história da Caracolinhos de Ouro e os Três Ursos, algumas a história já ouvida “As Rosas Inglesas” e houve ainda uma referência à Capuchinho Vermelho e aos Três Porquinhos. A conversa correu bastante bem, as alunas respeitaram a sua vez e depois de se ouvirem umas às outras queriam dizer mais coisas que gostaram de fazer e que ambicionavam ainda fazer. Com todas já calmas contei duas histórias “O Lobo culto”, em que consegui que entendessem que o lobo aprendeu a ler mas também ganhou educação e conhecimento, entendimento do que lia e das regras da sociedade. Mas tive dificuldade em debater pois as alunas só queria ouvir a história seguinte. De seguida contei “Quando eu nasci” que não era bem uma história mas mais um relato do que uma criança viu, sentiu, cheirou, etc., depois de nascer. Durante a leitura a CG perguntou várias vezes se a história já tinha começado...No final da história as alunas contaram histórias engraçadas de coisas que elas descobriram quando eram pequenas, como chupar sabonete, cair da cama depois de andar aos pulos, foi bastante engraçado ouvir os seus relatos.

Na 4ªfeira o dia iniciou com um imprevisto do qual só fui avisada às 8:45; a professora titular não vinha. As alunas ainda não estavam sentadas nos seus lugares pois eu aguardava a sua chegada, já que tínhamos combinado que ela iria intervir na 1ª parte da

manhã e eu na 2ª. Deste modo, comecei por acalmar as alunas e tentar situar-me pois a minha intervenção só poderia mesmo ocorrer na 2ª parte da manhã, que tinha planeado montar o fantocheiro durante o intervalo. Verifiquei que na mesa da professora estavam ao cadernos de duas linhas, com letras, palavras e frases para as alunas copiarem, de modo a aperfeiçoarem a sua caligrafia, assim como cadernos de matemática com exercícios. Decidi fazer os primeiros por não estar mesmo a par do que estava e como estava a ser ensinada a matemática.

Esta actividade de caligrafia não foi nada apelativa, não me senti à vontade em introduzi-la nem em motivar para a mesma e durante a sua realização verifiquei que algumas alunas fizeram tudo e bem em cerca de 20 minutos, enquanto outras nos 45 minutos que tivemos nem chegaram a metade. Esta parte da aula terminou às 9:45 pois chegou a professora de religião que estive com as alunas até às 10:30 que seguiram para o recreio. Nessa altura regressei à sala para montar o fantocheiro e deixar todos os materiais preparados. Fui bastante rápida pois já tinha experimentado na véspera e ainda consegui ir ao recreio.

No regresso do recreio as alunas ficaram espantadas com o fantocheiro pendurado pois pensavam que se tratava de uma bandeira enrolada. Como queria que corresse muito bem já tinha a sala previamente preparada para a visualização da dramatização e pedi que se sentassem no chão; o facto de estarem juntas num espaço pequeno faz em geral que se comportem melhor. Conteí a história “A Princesa da Chuva” com ajuda do texto, de 2 placares anúncios referentes à história e de fantoches previamente elaborados em cartolinas coloridas e com paus de espetada. Fui bastante expressiva e esforcei-me bastante por fazer pausas nos momentos-chave e em ler lentamente. No entanto como a professora titular não estava, tenho dúvidas sobre o modo como conteí a história. As alunas estiveram atentas, na sua generalidade mas senti uma grande dificuldade que foi não estar a vê-las, nem ter a professora titular na sala. Por 2 vezes vi aparecerem os olhos da BM e da CF por baixo e num dos lados do pano do fantocheiro, pelo que apesar de não ter ouvido barulho não consigo garantir que tenham estado mesmo atentas.

Depois da dramatização sentei-as de novo nos seus lugares e oralmente fizemos a reconstrução da história usando os fantoches que afixei no quadro com “bostik” e as palavras-chave da história, nomeadamente as personagens e o local da acção. As alunas não estavam nada interessadas nas palavras nem em ilustrá-las, só queriam era fazer qualquer coisa com o fantocheiro. Assim, pedi que estivessem calmas e atentas e como só faltavam 10 minutos para o fim da aula, em vez de continuar esse trabalho, cada uma teria a oportunidade de ir atrás do fantocheiro e dizer à turma o que quisesse. Comecei pelas alunas que estavam mais atentas e caladas e assim que as coloquei atrás do fantocheiro não consegui que falassem pelo que as tive de entrevistar e pedir que falassem sobre a história e o que queriam ser quando fossem grandes. Correu bastante bem com excepção de algumas meninas como a MM ou a MN que queriam ficar lá a contar uma história mas não havia tempo. Sempre que uma aluna falava de seguida ia em silêncio à casa de banho e deste modo consegui que saíssemos para o almoço a horas e com todas as alunas com as mãos lavadas.

Na 5ª feira esperava que a professora titular viesse o que não aconteceu e desta vez não fui avisada. No entanto já vinha mentalizada e preparada caso uma situação dessas ocorresse. Ao chegar verifiquei que na véspera tinham estado a fazer fichas do livro de língua portuguesa pelo que decidi dar continuidade às mesmas pois tinha actividades previstas para ocuparem apenas uma parte da aula. Além disso tinha a missa a ocorrer na capela ao lado pelo que estive até às 10:30 a fazer fichas. Com estas fichas consegui aferir quem conseguia já ler e trabalhar de modo autónomo, e quem se conseguia

concentra ou quem perturbava constantemente a aula, melhor do que quando intervenho directamente com as alunas. Como era o segundo dia em que a professora não vinha, as alunas continuaram a desafiar-me, a tentar pisar o risco e tive necessidade de ajustar algumas reacções, nomeadamente em agir em vez de reagir. Consegui melhor comportamento da BM, que coloquei por duas vezes a ajudar colegas. No entanto a RA e a MT portaram-se mal e só mesmo no final da aula posso dizer que as tive controladas. Também a MAD e a CF que habitualmente não perturbam a aula, me tentaram desafiar para além do normal e ficaram comigo parte do recreio, onde lhes dei um sermão pedagógico e as pus a arrumar a sala, as mesas e as cadeiras no seu lugar. Na última parte da aula só ia ter meia hora e tinha de colar recados nas agendas das alunas sobre a sessão/reunião trimestral de pais que se iria realizar na semana seguinte. Dediquei 15 minutos a esta tarefa e mais 15 a dar uma “ensaboadela” a todas as alunas, levando-as a fazer um exame de auto consciência sobre qual o motivo pelo qual nesse dia não tínhamos feito nenhuma das minhas actividades de que elas tanto gostam. E terminei devolvendo os desenhos e outras coisas que lhes tinha retirado na véspera e nesse dia devido a estarem a mexer neles enquanto eu falava. A professora de inglês chegou e estavam todas em silêncio e com as mesas arrumadas. Quando a professora de inglês terminou entrei, rezámos e fomos almoçar. Fizemos a bênção da refeição que aliás já tínhamos conseguido fazer na véspera, em grupo, com todas as alunas atrás das cadeiras.

Na 6ª feira já tinha tudo programado para o caso da professora titular continuar ausente e de o sr. Padre vir dar a sua aula de formação cívica das 10:00 às 10:30. Ia alterar a planificação inicial e começar a manhã com o trava-língua “O rato roeu ...”, alguns jogos com o mesmo de globalização das palavras e na 2ª parte da manhã iria realizar a actividade de ilustração de um momento da história “A Princesa da Chuva”, por cada aluna, estando as mesmas divididas em 4 grupos por técnicas de pintura: guache, lápis de cor, lápis de cera e canetas de feltro. Tinha levado os pincéis, potinhos e já tinha tudo programado para no intervalo mudar a disposição das mesas, e ainda montar o fantocheiro para contar de novo a história, já que achei que a compreensão da mesma não foi a melhor, já que eu estava sozinha e não consegui ver o que as alunas faziam por trás do fantocheiro. No entanto a Professora titular veio e na 1ª parte da manhã quis continuar a trabalhar a letra “R” já que eu quase nada dei nesse âmbito. Infelizmente o sr. Padre acabou por não aparecer às 10, pelo que já não preparei a sala para os trabalhos de grupo, tendo este vindo das 10:55 às 11:15. Num improviso pensado durante o recreio face a todas estas alterações, decidi trabalhar a trava-língua. Foi bastante engraçado. Colei-a no quadro, imagens junto com palavras (manuscritas e de imprensa) e li à turma. Depois fizemos uma espécie de competição para ver quem lia sem se enganar. Com excepção da MM que conseguiu depois de uma primeira hesitação, ninguém conseguiu bem e rapidamente. Depois fiz novo jogo de rapidez com perguntas: Quem roeu a rolha, de quem era a garrafa, de onde era o rei, o que fez o rato? As alunas estiveram atentas e nunca se enganaram apesar de algumas terem demorado mais. Depois fiz um jogo em que baralhei os cartões (palavra/imagem) e pedi ajuda a alunas que vieram ao quadro reconstituir o trava-línguas. Como foi fácil, disse-lhes que ia complicar e então ia separar as palavras das imagens e foi o que fiz, recortando no meio do cartão, entre as imagens e as palavras. Chamei de novo alunas ao quadro e optei pelas com mais dificuldades que rapidamente encontraram a imagem e depois, mesmo sem saberem ler bem, procuraram a sílaba inicial ou o artigo ou artigo+preposição que antecedia a palavra, por exemplo “O rato” e não “da rolha.

Para terminar esta actividade construí uma lista de palavras. Pedi que identificassem uma sílaba em cada palavra e depois dessem exemplos. Foi uma actividade estranha no

sentido em que perguntei a cada uma um exemplo mas pareciam bloqueadas na sua vez, lembrando-se de exemplos quando não era a sua vez. Verifiquei que 2 alunas fizeram batota, procurando no manual de língua portuguesa. Além disso consegui poucas palavras com as sílabas “ra”, “re”, “ro” e “ru”. Vou construir rolos com as listas de palavras e deixar espaço para que as alunas coloquem mais palavras.

Esta semana não foi muito satisfatória pois novamente não consegui pôr em prática tudo o que tinha programado e tive de improvisar bastante. Foi importante para mim no sentido em que como estive 2 dias sozinha, senti que finalmente estava a encontrar o meu próprio modo de lidar com as alunas e tenho pena que não tenha havido um 3º dia, para consolidar este aspecto mas com actividades de animação de leitura e outras associadas.

## ANEXO XXV

### GUIÃO DE ENTREVISTA À PROFESSORA COOPERANTE

1. Dados Biográficos
  - 1.1. Nome
  - 1.2. Idade
  - 1.3. Estado Civil
  - 1.4. Filhos/Netos
  - 1.5. Onde nasceu? Cidade, país?
  - 1.6. Onde reside? Freguesia, cidade?
  - 1.7. A que distância mora da escola? Como se desloca? Quanto tempo demora na viagem?
  
2. Formação académica e escolhas profissionais
  - 2.1. Qual a sua formação académica e em que local?
  - 2.2. Como aconteceu a escolha da profissão? Quais as principais razões dessa escolha?
  - 2.3. Quantos anos tem de serviço?
  - 2.4. Que balanço faz do seu percurso profissional?
  - 2.5. Como se descreve como professora? Que imagem tem de si própria como professora?
  - 2.6. Quais são os seus pontos fortes?
  - 2.7. Em que aspectos sente mais dificuldades no seu exercício profissional?
  - 2.8. O que tem sido mais compensador na profissão?
  - 2.9. O que tem desapontado mais?
  
3. Opiniões
  - 3.1. Que análise faz do estado actual da educação em Portugal?
  - 3.2. Quais são para si os maiores desafios?
  - 3.3. Que imagem tem dos professores deste nível de ensino?
  - 3.4. Como se vê neste grupo profissional?
  - 3.5. Que papel desempenha ou espera desempenhar como professora do 1º ciclo?